

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS
Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem

MÁRIO AUGUSTO TOMBOLATO

**DESVELANDO A FAMÍLIA HOMOPARENTAL: um estudo sobre os
relatos de casais homossexuais com filhos**

Bauru
2014

MÁRIO AUGUSTO TOMBOLATO

**DESVELANDO A FAMÍLIA HOMOPARENTAL: um estudo sobre os
relatos de casais homossexuais com filhos**

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do título de Mestre à Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” UNESP, Bauru - “Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem”.

Linha de Pesquisa: Desenvolvimento: Comportamento e Saúde

Orientação: Profª. Dra. Ana Cláudia Bortolozzi Maia

Apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP (2012/ 13570-7)

**Bauru
2014**

Tombolato, Mário Augusto.

Desvelando a família homoparental : um estudo sobre os relatos de casais homossexuais com filhos / Mário Augusto Tombolato, 2014
118 f.

Orientadora: Ana Cláudia Bortolozzi Maia

Dissertação (Mestrado)- Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2014


1. Homoparentalidade. 2. Família. 3. Casais homossexuais com filhos. 4. Homossexualidade. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO



ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE MÁRIO AUGUSTO TOMBOLATO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM, DO(A) FACULDADE DE CIÊNCIAS DE BAURU.

Aos 25 dias do mês de agosto do ano de 2014, às 14:00 horas, no(a) Anfiteatro da Pós-Graduação, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. ANA CLAUDIA BORTOLOZZI MAIA do(a) Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciências de Bauru, Prof. Dr. MANOEL ANTONIO DOS SANTOS do(a) Departamento de Psicologia / Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto, Profa. Dra. ANNA PAULA UZIEL do(a) Departamento de Psicologia / Universidade do Estado do Rio de Janeiro, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de MÁRIO AUGUSTO TOMBOLATO, intitulado "Desvelando a família homoparental: um estudo sobre os relatos de casais homossexuais com filhos". Após a exposição, o discente foi arguido oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADO. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que, após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.


Profa. Dra. ANA CLAUDIA BORTOLOZZI MAIA


Prof. Dr. MANOEL ANTONIO DOS SANTOS


Profa. Dra. ANNA PAULA UZIEL

*Dedico este trabalho aos meus pais, Moacir e Anice,
por sempre estarem de mãos dadas comigo
na realização dos meus sonhos.*

AGRADECIMENTOS

Aos casais que participaram desta pesquisa e compartilharam abertamente suas vidas.

À minha orientadora, professora doutora Ana Cláudia Bortolozzi Maia - carinhosamente chamada de Cau -, pela liberdade, confiança e pelo aprendizado creditados a mim.

Aos membros da banca avaliadora, professores doutores Anna Paula Uziel e Manoel Antônio dos Santos, pelas preciosas contribuições na edificação deste trabalho.

Aos professores doutores Claudiene Santos, Daniela Auad, Fernando Silva Teixeira Filho, Lígia Ebner Melchiori, Luiz Celso Castro de Toledo, Marcelo Concário, Maurício Ribeiro de Almeida, e Olga M. Piazzenti Rolim Rodrigues, pelas significativas sugestões, em diferentes momentos, ao longo da realização deste estudo.

Às professoras doutoras Andréa Theodoro Toci Dias e Andreza Marques de Castro Leão, e à professora mestre Edilaine Helena Scabello, que no decorrer do período da minha graduação em Psicologia foram essenciais para a constituição do que me tornei hoje.

Aos meus familiares, pelo amor e pela segurança sempre presentes.

Aos meus prezados amigos das cidades de Torrinha, Araraquara e Bauru, pela força e pelo carinho do companheirismo.

Aos amigos da turma 2012-2014 do “Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem” da FC, UNESP Bauru, que compreendemos que o caminhar em conjunto nos torna mais fortes.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, pelo incentivo financeiro propiciado com a Bolsa de Mestrado.

"Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades"

Camões

TOMBOLATO, M. A. **Desvelando a família homoparental**: um estudo sobre os relatos de casais homossexuais com filhos. 2014. 118p. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências, Bauru, 2014.

RESUMO

A “família homoparental” emerge dentro da pluralidade dos alternativos arranjos familiares dos dias de hoje. É nela que pessoas de orientação sexual homossexual exercem a parentalidade, uma situação ainda pouco estudada na realidade brasileira. O objetivo geral dessa pesquisa foi investigar, a partir de relatos, a vivência enquanto família de casais homossexuais com filhos. Participaram cinco casais homossexuais, dois de pares homens e três de pares mulheres, que tinham filhos - biológicos e/ou adotados. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário socioeconômico e uma entrevista semiestruturada que foi áudio-gravada e transcrita na íntegra para análise de conteúdo. As categorias e subcategorias identificadas e analisadas foram: (1) As motivações para a parentalidade: convivência com crianças familiares; motivações subjetivas e sociais; e divergências entre o casal; (2) Os procedimentos de acesso à parentalidade: adoção; reprodução humana assistida; e filha de um relacionamento heterossexual anterior; (3) A rotina familiar e a criação dos filhos: a vida dos casais após a chegada dos filhos; a rotina familiar nos cuidados dos filhos; as características das funções parentais; os cuidados na criação dos filhos; e a aceitação e os modos como os filhos chamam pelos pais e mães; (4) As relações da família homoparental com sua família de origem: modificações nas relações familiares após a chegada das filhas dos casais; suporte familiar: a contribuição dos familiares e avós nos cuidados com as crianças; pouco ou sem contato com os familiares de origem; (5) As famílias homoparentais e a sociedade: preconceito, discriminação e reconhecimento de direitos; vigia social; redes de apoio social; e facilidades e dificuldades da família homoparental. Os resultados demonstraram recorrência de características quanto à homossexualidade no âmbito dos familiares de origem, às motivações e vivências de acesso à parentalidade dos casais homossexuais, à rotina familiar e ao cuidado com os filhos, à relação das famílias homoparentais com seus familiares e a sociedade. Conclui-se que a família homoparental apresenta características e funções que são comuns a qualquer tipo de configuração familiar, como as responsabilidades, alegrias e dificuldades na criação dos filhos, no entanto ela ainda convive com conflitos e discriminação que são produtos do preconceito acerca da homossexualidade dos casais. Novos estudos são essenciais para contemplar a vasta amplitude de questões e vivências dessas famílias na atualidade, sobretudo no contexto brasileiro.

Palavras-chave: Homoparentalidade. Famílias. Casais homossexuais com filhos. Homossexualidade.

TOMBOLATO, M. A. **Unveiling the homoparental family**: a study about the reports of homosexual couples with children. 2014. 118p. Thesis (Master's Degree in Developmental and Learning Psychology) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculty of Sciences, Bauru, 2014.

ABSTRACT

The "homoparental family" emerges in the multitude of alternative living arrangements in today's world. It allows for same-sex couples to exercise parenthood in a way that is still marginally studied in the Brazilian context. The main objective in this study was to investigate how homosexual couples live with their children by analyzing personal accounts and reports. Five homosexual couples, two male and three female, with either biological or adopted children have participated. The data were collected via one socioeconomic questionnaire and one semi-structured interview that was audio-recorded and transcribed verbatim for content analysis. The following categories and subcategories have been established and discussed: (1) motivations for parenthood: living with children in the family; subjective and social motivations; and differences between the partners; (2) procedures to attain parenthood: adoption, assisted human reproduction; and child of a previous heterosexual relationship; (3) family routines and the rearing of children: how couples live after the arrival of children; family routines concerning child rearing and upbringing; the characteristics of parental functions; acceptance and the ways in which children address their mothers and fathers; (4) the relations between the homoparental family with the families of origin: changes in family relations after the arrival of children; family support: the contribution of family members and grandparents in childcare; limited or non-existent contact with families of origin; (5) homoparental families and society: prejudice, discrimination and recognition of rights; social surveillance; networks for social support; and benefits and challenges for homoparental families. The findings reveal recurring factors concerning homosexuality with regard to members of the families of origin, motivations and experiences to attain parenthood shared by homosexual couples, family routines and childcare, and how homoparental families deal with their family members and society. The conclusion is that homoparental families present traits and roles that are common to any other family arrangement, such as responsibilities, joys and challenges of child rearing. However, homoparental families are also faced with conflicts and discrimination that stem from the prejudice against same-sex couples. New studies are felt to be crucial to address the wide range of issues and experiences in such families at present, particularly in the Brazilian scenario.

Keywords: Homoparenthood. Families. Homosexual couples with children. Homosexuality.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Características dos casais participantes	30
Quadro 2 - Organização das categorias e subcategorias	35

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
1 INTRODUÇÃO: REVISÃO TEÓRICA	13
1.1 RELAÇÕES ENTRE PESSOAS DO MESMO SEXO ÀS HOMOSSEXUALIDADES: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	13
1.2 A FAMÍLIA E SUAS TRANSFORMAÇÕES	18
1.3 CASAIS HOMOSSEXUAIS COM FILHOS: A FAMÍLIA HOMOPARENTAL	20
2 JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS	27
2.1 OBJETIVO GERAL	28
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	28
3 MÉTODO	29
3.1 PARTICIPANTES	30
3.2 PROCEDIMENTOS	31
3.2.1 Aspectos éticos	31
3.2.2 Instrumentos	31
3.2.3 Coleta de dados	33
3.2.3.1 <i>Seleção e contato com os participantes</i>	33
3.2.3.2 <i>Aplicação dos instrumentos</i>	33
3.2.4 Análise dos dados	34
4 RESULTADOS	36
4.1 HISTÓRIA DO INÍCIO DO RELACIONAMENTO AMOROSO DOS CASAIS	36
4.1.1 Tarsila do Amaral e Adriana Varejão	36
4.1.2 Pedro Américo e Heitor dos Prazeres	36
4.1.3 Anita Malfatti e Ione Saldanha	37
4.1.4 Isabelle Tuchband e Beatriz Milhazes	37
4.1.5 Candido Portinari e Francisco Reboló	37
4.2 CATEGORIAS	38
4.2.1 As motivações para a parentalidade	38
4.2.1.1 <i>Convivência com crianças familiares</i>	38
4.2.1.2 <i>Motivações subjetivas e sociais</i>	38
4.2.1.3 <i>Divergências entre o casal</i>	39
4.2.2 Os procedimentos de acesso à parentalidade	39
4.2.2.1 <i>Adoção</i>	39
4.2.2.2 <i>Reprodução humana assistida</i>	58

4.2.2.3 <i>Filha de um relacionamento heterossexual anterior</i>	59
4.2.3 A rotina familiar e a criação dos filhos	60
4.2.3.1 <i>A vida dos casais após a chegada dos filhos</i>	60
4.2.3.2 <i>A rotina familiar nos cuidados dos filhos</i>	64
4.2.3.3 <i>As características das funções parentais</i>	67
4.2.3.4 <i>Os cuidados na criação dos filhos</i>	70
4.2.3.5 <i>A aceitação e os modos como os filhos chamam pelos pais e mães</i>	72
4.2.4 As relações da família homoparental com sua família de origem	75
4.2.4.1 <i>Modificações nas relações familiares após a chegada das filhas dos casais</i>	75
4.2.4.2 <i>Suporte familiar: a contribuição dos familiares e avós nos cuidados com as crianças</i>	77
4.2.4.3 <i>Pouco ou sem contato com os familiares de origem</i>	79
4.2.5 As famílias homoparentais e a sociedade	80
4.2.5.1 <i>Preconceito, discriminação e reconhecimento de direitos</i>	80
4.2.5.2 <i>Vigia social</i>	88
4.2.5.3 <i>Redes de apoio social</i>	92
4.2.5.4 <i>Facilidades e dificuldades da família homoparental</i>	96
5 DISCUSSÃO	98
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	107
APÊNDICE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	112
APÊNDICE 2 - QUESTIONÁRIO DE PERFIL SOCIOECONÔMICO DAS FAMÍLIAS HOMOPARENTAIS	113
APÊNDICE 3 - CONHECENDO AS FAMÍLIAS HOMOPARENTAIS	116

APRESENTAÇÃO

Em minhas primeiras palavras apresento essa dissertação de mestrado que, além de ter o enfoque das realidades sociais e psicológicas das famílias homoparentais, está constituída por minha trajetória de vida.

Em 2009, durante o meu terceiro ano de graduação em Psicologia na Universidade Paulista – UNIP, câmpus de Araraquara, frente à necessidade da escolha de um tema de pesquisa a ser realizada dentro de duas disciplinas em Psicologia Social, meus amigos e eu consideramos a “adoção por homossexuais” a melhor opção, por se tratar de uma questão da realidade atual e com incipiência de estudos, além de conciliar os interesses pessoais do grupo. Durante o levantamento bibliográfico para o projeto de pesquisa, encontramos a dissertação de mestrado *“Adoção por homossexuais: concepções de psicólogos judiciários”* de autoria de Mariana Oliveira Farias, orientada pela Profa. Dra. Ana Cláudia Bortolozzi Maia. Tal trabalho foi a principal referência para a nossa pesquisa, intitulada *“A representação social de estudantes universitários sobre a adoção de crianças por casais homoafetivos”*, orientada pelo Prof. Dr. Paulo Eduardo Benzoni.

No início do meu último ano de graduação (2011), durante uma conversa com a Profa. Ma. Edilaine Helena Scabello, orientadora do meu trabalho de Prática de Investigação Científica (PIC), intitulado *“Resiliência em crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual intrafamiliar: a percepção de profissionais”*, relatei sobre o meu interesse em pesquisar e o desejo de fazer mestrado que para mim, por ser aluno de universidade particular, era uma realidade distante. Edilaine aproximou-me da realização desse desejo ao informar sobre o *Núcleo de Estudos da Sexualidade – NUSEX* e sobre o *Programa de Pós-graduação em Educação Escolar* da FCL, UNESP, Araraquara.

Com isso, entrei em contato com o Prof. Dr. Paulo Rennes, que prontamente convidou-me para as reuniões do NUSEX, assim como para participar como aluno convidado na disciplina *“Introdução à Sexologia e à Educação Sexual”*, ofertada pelo *“Programa de Pós-graduação em Educação Escolar”*. Desse modo, concomitantemente à graduação em Psicologia, eu participava das reuniões do grupo de estudos do NUSEX, coordenadas pela estimada Profa. Dra. Andreza Marques de Castro Leão, e da disciplina do Programa. Tal disciplina pertencia à linha de pesquisa *“Sexualidade, Cultura e Educação Sexual”* e era ministrada pelo Prof. Dr. Paulo Rennes, em conjunto com outros docentes, incluindo a minha atual orientadora, a Profa. Dra. Ana Cláudia Bortolozzi Maia. Enfim, no início de 2012, ingressei no curso de mestrado no *“Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem”* da FC, UNESP, Bauru.

Entrelaçando os meus interesses pessoais, aos meus primeiros passos como pesquisador e à realidade atual da visibilidade da homossexualidade nos âmbitos científico e social (compreendendo valores e a constituição da identidade; enfocando comportamentos; investigando a consolidação de campos de luta e direitos; e também da relação dos possíveis arranjos parentais e familiares envolvidos), emergiu a necessidade de construir conhecimento aprofundando a temática. Consequentemente motivado por tais aspectos, decidi conhecer, de forma empírica, a vivência familiar de casais homossexuais com filhos.

Esta dissertação de Mestrado baseia-se em uma introdução teórica composta por três momentos. O primeiro, com a revisão da literatura apontando as *“Relações entre pessoas do mesmo sexo às homossexualidades: uma breve contextualização histórica”*, *“A família e suas transformações”* e, também, os *“Casais homossexuais com filhos: a família homoparental”*. A partir daí, descreve-se o método que embasou a coleta e análise de dados e, a seguir, a descrição e discussão dos resultados, relacionando-os com a literatura consultada para chegar às considerações finais.

1 INTRODUÇÃO: REVISÃO TEÓRICA

1.1 RELAÇÕES ENTRE PESSOAS DO MESMO SEXO ÀS HOMOSSEXUALIDADES: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

As relações entre pessoas do mesmo sexo - o que denominamos hoje de homossexualidade – configurou-se de distintos modos, presentes na sociedade durante toda a história da humanidade (ZAMBRANO, 2006).

Recuando aos tempos antigos, constata-se que as relações entre pessoas do mesmo sexo foram vivenciadas por romanos, egípcios, gregos e assírios. Além da estética em volta do homoerotismo, havia um ritual envolvendo a transmissão e a aquisição de sabedoria, podendo representar os mais altos valores de uma cultura (DOVER, 1994). Nesse sentido, compreende-se que as relações sexuais não eram hierarquizadas por meio de uma distinção entre aqueles que praticavam e optavam pelos hábitos homossexuais e/ou heterossexuais (SALGADO, *et al.* 2007). De acordo com Tarnovski:

Nesses contextos, atos eróticos ou sexuais entre rapazes e homens adultos, além de serem investidos de outros significados, não servem para a caracterização de distintos tipos de pessoas. Ou seja, não subentendem nem definem uma natureza singular. Tais sociedades não são exemplos de tolerância ou permissividade, apenas mostram que certos comportamentos não possuem um significado intrínseco e podem servir a diferentes propósitos, permitindo assim desnaturalizar nossas próprias concepções (2002, p.38).

Com o decorrer do tempo, a internalização dos ideais da cultura judaico-cristã instaurou a assimilação do valor estritamente procriador do sexo - a relação homem e mulher como sendo a forma correta de expressão da sexualidade. Tudo que fugisse das relações matrimoniais voltadas para a reprodução era considerado contra a natureza e contra a lei. Logo, a concepção sobre a relação de pessoas do mesmo sexo adquiriu novas feições: o sexo

entre iguais passou a ser considerado pecado (BIRMAN, 1998; FOUCAULT, 2001; MENDES, 2007).

Desse modo, a partir da era Cristã, a homossexualidade – entendida na época como uma forma de sodomia - passou a sofrer demasiadas repressões devido à condenação de tal prática pela Bíblia, em razão da sacralização da união entre homem e mulher. Por exemplo, no Brasil colonial, a prática da sodomia era considerada crime hediondo e recebia como punição a mesma dada ao crime de lesa-majestade e à traição à pátria. A gravidade desse pecado contra o Sexto Mandamento da Lei de Deus fundava-se como um crime punível pelo Rei, pelo Bispo e pela Santa Inquisição (SILVA, 2012). A Igreja Católica, por meio da Santa Inquisição, era a maior perseguidora dos sodomitas.

Destarte, até fins do século XVII, a relação entre pessoas do mesmo sexo era compreendida segundo a ótica religiosa como uma falha moral, um pecado. A partir do século XVIII, ela se caracterizou como um crime social que o Estado havia de combater (FARIAS; MAIA, 2009). Em meados do século XIX, com a efervescência das teorias biológicas e o auge da razão como verdade absoluta, teorias propuseram-se a dar uma explicação científica às relações entre pessoas do mesmo sexo. Nesse ínterim, o sodomita recebe uma nova roupagem e passa a ser designado homossexual.

As ciências médicas e a sexologia definiram a homossexualidade como uma patologia – homossexualismo -, um desvio da conduta sexual normal. Com isso, almejavam distingui-la da vigência da heterossexualidade e transformá-la nesse padrão (FOUCAULT, 2001; MENDES, 2007). De acordo com Katz (1996), os termos homossexual e heterossexual passaram a ser utilizados a partir do século XX. Tarnovski (2002) pontua que a classificação de pessoas como desviantes foi um artifício de controle social, fundamentado em criar e fazer conhecidos os limites de comportamentos que são ou não permitidos, e segregar os indivíduos

desviantes a fim de restringir suas atuações a grupos limitados. Nesse contexto, Silva (2012) afirma:

Com o advento da ciência positiva há 150 anos, todas as dimensões da vida tornaram-se seu objeto de *estudo e controle*. Com a sexualidade não foi diferente. Desde então, é a ciência que determina o que é ou não saudável, recomendável, praticável. No caso daqueles e daquelas que constroem outras formas de sexualidade, a ciência médica converte seu *status* de pecador, de agressor do equilíbrio da criação, em enfermidade, assim como fazia a religião. Assim, aqueles que antes eram considerados sodomitas passam a ser vistos como perversos ou mesmo dementes. Nasceram as novas fogueiras: os sanatórios, os hospitais psiquiátricos e as prisões (p. 96).

Graña (1998) descreve que várias terapêuticas surgiram no intuito de curar a homossexualidade, por exemplo, a terapia de choques convulsivos induzidos às injeções de testosterona. O sujeito homossexual dessa época mantinha sua vida afetiva e sexual em segredo, por ser marginalizado e oprimido socialmente, isento de direitos e dignidade (SILVA, 2012). Portanto, como relembra Uziel, “a opção sexual/afetiva pelo mesmo sexo já ocupou a esfera religiosa como pecado, a legal como crime e a médica como doença” (1999, p. 4).

Apenas recentemente, em meados da década de 1970, constata-se uma mudança acerca do fenômeno da homossexualidade. Podem-se considerar alguns acontecimentos históricos que fundamentam uma razoável transformação que vai ao encontro de melhorias no âmbito da tolerância social e dos direitos dos homossexuais: movimentos sociais como a Revolta de *Stonewall*, que ocorreu em um bar gay de Nova Iorque em junho de 1969, em que clientes reagiram às violentas batidas policiais, é considerada o ponto de partida da organização do movimento gay norte-americano que iniciou a sua constituição de militância e visibilidade contra os mecanismos repressores da sociedade (CASTELLS, 2000). Os diversos grupos e as associações que foram surgindo a partir dessa década em diversos países defendem a ideia da

assunção e visibilidade da homossexualidade no intuito de defender e garantir a igualdade de direitos civis (VIEIRA, 2011).

Os ideais de liberação sexual aliados aos estudos de Michel Foucault e John Boswell contribuíram para que a homossexualidade fosse compreendida como um elemento da expressão da sexualidade humana e não como uma doença ou perversão (ROUDINESCO, 2003; FARIAS; MAIA, 2009). A positivação dos Direitos Humanos que visam uma sociedade justa, constituída pelas diferenças dos sujeitos em sua convivência, se fez notar com a retirada da homossexualidade da categoria de doença/distúrbio da décima edição da Classificação Internacional das Doenças (CID-10) e a da quarta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV) (MENDES, 2007); e a Resolução 001/1999 do Conselho Federal de Psicologia brasileiro que considera a homossexualidade como não sendo uma patologia, proibindo os psicólogos a tratarem seus pacientes homossexuais como sendo doentes (CFP, 1999).

Todavia, vale ressaltar que, com o início da AIDS na década de 1980:

a atuação do movimento homossexual tenha contribuído de maneira decisiva para o abandono da noção de "grupo de risco", a associação entre homossexualidade-promiscuidade-morte não pôde ser desfeita da mesma maneira (TARNOVSKI, 2002, p.45).

Dessa maneira, segundo Farias (2010), a homossexualidade ainda é considerada por muitas pessoas uma desordem e imoralidade. Diante disso, o homossexual se depara com estigmas e preconceitos sociais, e muitas vezes se vê como desajustado, omitindo suas emoções e seus desejos no intuito de sentir-se aceito pelas regras sociais, adequando-se à normatividade (SANTOS; BROCHADO; MOSCHETA, 2007).

Dentro desse panorama, de acordo com Vieira (2011), sabe-se que a homossexualidade:

é considerada uma simples variante dentro da miríade da sexualidade humana. Vários percalços tiveram de ser superados até se chegar a essa concepção. Entretanto, ainda se enfrentam discursos opostos do campo moral e, principalmente, religioso, o que impede o avanço na conquista de direitos dos sujeitos que se reconhecem e se identificam como homossexuais (p. 16).

Além dessa compreensão atual, é necessário reconhecer que a homossexualidade e a heterossexualidade são produtos de um dado momento histórico-cultural, como destaca Silva (2012):

Por esse motivo, não se pode e não deve encontrar nenhuma delas em outros momentos da história da humanidade e mesmo fora de nosso registro cultural judaico-cristão, o que se pode encontrar são as múltiplas formas de compreensão das relações afetivas e eróticas entre pessoas do mesmo sexo e, portanto, uma multiplicidade de memórias coletivas relativas ao tema e que não devem ser postas sobre uma única etiqueta chamada *homossexualidade* (p.92).

Atualmente, os próprios homossexuais passam a reivindicar seu caráter de diferente e, com isso, vê-se o surgimento e o uso de um novo vocábulo: gay. Essa autodenominação tende a distanciar-se da categoria de produtos que a cultura criou, o termo homossexual, numa busca da saída da posição de objeto para uma posição atuante na sociedade. Desse modo, o termo gay caracteriza uma distinção de uma nova identidade (VIEIRA, 2011).

Com isso, deve-se compreender o ser humano como um ser total e não apenas na esfera sexual, pois o ser humano não se define unicamente a partir de sua forma de expressar a sexualidade: é alguém completo e total, que se constitui de desejos, vontades, vidas e sonhos e não apenas de sua maneira de ser e de se comportar sexualmente (VIDAL, 1985).

Concomitantemente a esse processo histórico, cultural e político envolvendo as transformações acerca da homossexualidade, vê-se outra esfera relevante a ser inter-relacionada em face dessa temática, que diz respeito às concepções de família.

1.2 A FAMÍLIA E SUAS TRANSFORMAÇÕES

Em nossa sociedade contemporânea e ocidental, a família é considerada a mais natural das instituições em que convivem os indivíduos, sendo o núcleo organizador a partir do qual se estruturam e transmitem os valores mais importantes da nossa cultura (RODRIGUEZ; PAIVA, 2009; OLIVEIRA, 2011). A família não é considerada uma entidade fixa, e sim um ambiente – em constante variação - em que se desenvolvem as normas de filiação e de parentesco, construindo sistemas elementares cuja finalidade é ligar os indivíduos entre si e à sociedade (LÉVI-STRAUSS, 1982).

Nesse sentido, a ideia que temos hoje da instituição familiar e a da posição em que a criança ocupa dentro dela transformou-se ao longo da história. Segundo Badinter (1985):

No século XVII e sobretudo no século XVIII, a educação da criança das classes burguesas ou aristocráticas segue aproximadamente o mesmo ritual, pontuado por três fases diferentes: a colocação na casa de uma ama, o retorno ao lar e depois a partida para o convento ou internato. A criança viverá no máximo, em média, cinco ou seis anos sob o teto paterno, o que não significa absolutamente que viverá com os pais. Podemos dizer, desde já, que o filho do comerciante ou do artesão, como o do magistrado ou do aristocrata da corte, conhecerá uma solidão prolongada, por vezes a falta de cuidados e com frequência um verdadeiro abandono moral e afetivo (p. 119).

Nessa época, a criança tinha pouco ou quase nenhum valor dentro da família, um fato que pode ser observado através da literatura, filosofia, teologia e nas práticas educativas do período. A medicina infantil, enquanto especialidade, apenas surge no século XIX (ARIÉS, 1981; BADINTER, 1985). Essa concepção em relação à infância começa a se modificar no fim do século XVIII, quando “o ser humano converteu-se numa provisão preciosa para um Estado, não só porque produz riquezas, mas também porque é uma garantia de seu poderio militar” (BADINTER, 1985, p. 154).

Segundo Ariés (1981), a concepção que temos hoje sobre o conceito de família desenvolveu-se na Europa em meados do século XVIII. O casamento e a família, anteriormente pautados como um arranjo de duas famílias visando à garantia do patrimônio e/ou dos laços de linhagem, transformam-se na busca de conciliar felicidade e interesses, fundamentando-se no amor, no direito à felicidade e na liberdade individual. A procriação era considerada ponto culminante do casamento e, aos pais, cabia não só a reprodução biológica, mas especialmente a educação e os cuidados com os filhos, envolvendo transmissão de valores, costumes e tradições sociais (BADINTER, 1985; UZIEL, 2007).

A família tinha por objetivo central a socialização das crianças de maneira afetuosa, tendo como prioridade a privacidade da relação do casal e dos filhos. A atuação da família modificou-se, sendo elaborados os sentimentos de paternidade e maternidade (ARIÉS, 1981). “A „dedicação“ que é possível ser despendida ao filho(a) aparece como a medida da legitimidade da parentalidade, fazendo com que a dimensão afetiva seja valorizada como o aspecto mais importante na constituição de vínculos familiares” (TARNOVSKI, 2002, p. 50). A isso, Badinter (1985) acrescenta:

é em função das necessidades e dos valores dominantes de uma dada sociedade que se determinam os papéis respectivos do pai, da mãe e do filho. Quando o farol ideológico ilumina apenas o homem-pai e lhe dá todos os poderes, a mãe passa à sombra e sua condição se assemelha à da criança. Inversamente, quando a sociedade se interessa pela criança, por sua sobrevivência e educação, o foco é apontado para a mãe, que se torna a personagem essencial, em detrimento do pai. Em um ou outro caso, seu comportamento se modifica em relação ao filho e ao esposo (p. 26).

Desse modo, vê-se que a instituição familiar passa por variadas transformações ao longo do tempo e, por isso, não se deve apenas considerar a existência de um único modelo de família. As alterações ocorridas na configuração familiar ao longo da história vêm ampliando a significância do termo família. Tais arranjos não devem ser entendidos como decorrentes de uma crise na instituição familiar, todavia como reflexo de recorrentes mudanças na sociedade

(ARAÚJO *et al.*, 2007; OLIVEIRA, 2011). Entretanto, o modelo reconhecido por nossa sociedade é ainda restrito e considera a família no enquadramento nuclear-monogâmico, organizada a partir de um casamento heterossexual (MOSCHETA; SANTOS, 2006; MANZI-OLIVEIRA, 2009; MOSCHETA; SANTOS, 2009; RODRIGUEZ; PAIVA, 2009). Essa ideologia de família-nuclear norteia as práticas socioeducacionais e atua, na maioria das vezes, segregando as organizações alternativas que se opõem a esse imaginário social.

Destarte, pode-se compreender o conceito de família a partir de várias concepções, no entanto, como ressaltado anteriormente, tais concepções sempre estarão em constante transformação, como definem Pozzetti e Silva (2013):

o conceito de família independe da forma como foi constituída, quer seja oriunda do casamento, da união estável, monoparental, com ou sem filhos biológicos ou adotivos, bastando que para tanto haja afinidade entre as pessoas que a constituam e que estas se considerem parentes, ainda que por vínculos unicamente de afeto (p.110).

A família é determinada por influências socioculturais e econômicas, que variam sua dinâmica e estrutura. É dentro desses alternativos modelos de arranjos familiares que emerge a família homoparental (FARIAS; MAIA, 2009; OLIVEIRA, 2011).

1.3 CASAIS HOMOSSEXUAIS COM FILHOS: A FAMÍLIA HOMOPARENTAL

Homoparentalidade é um termo proveniente da França, criado em 1996/1997 pela Associação de Pais e Futuros Pais Gays e Lésbicas – APGL (ROUDINESCO, 2003). Tal termo diz respeito à singularidade de pessoas de orientação sexual homossexual exercerem a parentalidade, ou seja, a situação na qual pelo menos um adulto que se autodesigna homossexual é (ou pretende ser) pai ou mãe de, no mínimo, uma criança. (ZAMBRANO,

2006). A homoparentalidade como denominação de um tipo de família deve ser compreendida levando-se em consideração um contexto sociocultural de um bojo de lutas e conquistas de direitos para o seu reconhecimento e respeito (RODRIGUEZ, 2012).

Toledo (2008) argumenta que nomear a família de pais homossexuais com o termo homoparental circunscreve, no momento atual, a afirmação da diversidade e da visibilidade no esforço por conquistas e no aumento de movimentos de liberação sexual. Entretanto, principalmente nos Estados Unidos, o termo homoparentalidade não é utilizado, havendo preferências pelas expressões *gays and lesbian families* ou *gay and lesbian parenthood*. Tais expressões decorrem do fato de a comunidade homossexual norte-americana evitar a utilização de qualquer denominação psiquiátrica, preferindo termos centrados no gênero (TOLEDO, 2009; VIEIRA, 2011).

Em relação à parentalidade homossexual, Uziel (2007) considera que a:

homossexualidade refere-se ao exercício da sexualidade. Funções parentais não exigem o exercício da sexualidade. Seria o mesmo que usar este critério para julgar a competência profissional de alguém, sua capacidade para gerenciar conflitos, seu gosto por comida, gênero de filme. São esferas distintas da vida, que se cruzam por uma contingência. A reprodução, muito atrelada à sexualidade, pode ser um dos fatores que dêem sentido à proximidade dessas duas esferas, bem como a conjugalidade, a afetividade. São aspectos comuns, como poderíamos encontrar se buscássemos qualquer outra relação (p. 78).

Nesse sentido, a família homoparental não institui nada de novo no que tange à parentalidade. Ou seja, independentemente de a configuração familiar ser monoparental, biparental, homoparental ou pluriparental, o caráter da parentalidade relaciona-se ao exercício de direitos e de deveres quanto aos cuidados com os filhos. Logo, não tem a ver com a sexualidade dos(as) pais/mães. Acerca dos cuidados com os filhos, de acordo com as pesquisas, não identificaram diferenças quando comparada às outras formas de organizações parentais e familiares (UZIEL, 2007).

Dentre as diferentes possibilidades para os homossexuais terem acesso à parentalidade, Zambrano (2006) destaca as quatro formas principais. A primeira delas é a recomposição: um membro do casal traz para a sua relação homossexual o filho de uma ligação heterossexual anterior. A segunda maneira é a adoção feita pelo casal, podendo ser legal ou informal. Uma terceira possibilidade é o uso de novas tecnologias reprodutivas, visando o nascimento de filhos biológicos. O método mais utilizado pelas lésbicas é a inseminação artificial ou fertilização medicamente assistida. Os homossexuais masculinos que desejam ter filhos biológicos, nesse caso, fazem o uso da “barriga de aluguel”. Por último, a quarta alternativa é chamada co-parentalidade, na qual os cuidados ao filho, que passa a fazer parte da vida do casal, são exercidos de forma conjunta e igualitária pelos parceiros, podendo aparecer entrelaçada com as formas de acesso citadas anteriormente (recomposição familiar, adoção, e reprodução humana assistida). Por exemplo:

o planejamento conjunto pode, também, incluir dois casais homossexuais, um masculino e o outro feminino, que decidem ter um filho através de inseminação artificial caseira (coleta de sêmen do pai e introdução do esperma na vagina da mãe, com o auxílio de uma seringa, sem a presença do médico) ou medicamente assistida (feita em clínica médica especializada). Nesse caso, a criança terá dois pais e duas mães, sendo dois deles pai e mãe biológicos (ZAMBRANO, 2006, p. 133).

De acordo com Passos (2005), em todas as maneiras citadas há, pelo menos, um terceiro indivíduo mediando o desejo de ter um filho; em última análise, o casal depende de “um outro” para realizar seu projeto.

Sabe-se que “a materialização das uniões homoafetivas já ocorre há muito no Brasil. Entretanto, a falta de formalização desta união é que não permitia às pessoas nesta condição gozar da segurança jurídica a que todo cidadão brasileiro tem direito” (POZZETTI; SILVA, 2013). Muitas vezes, os direitos parentais de homossexuais foram defendidos também a partir do argumento de que a orientação sexual homossexual não é incompatível com o exercício da

parentalidade. Nesse sentido, são consideradas as referências a estudos científicos que alegam a não influência da orientação sexual dos pais na definição da orientação sexual dos filhos (TEIXEIRA FILHO, *et al*; 2007).

Somente em maio de 2011, o Supremo Tribunal Federal (STF) brasileiro declarou o reconhecimento da união estável para casais do mesmo sexo, legitimando-os juridicamente como entidade familiar. Dois anos após esse acontecimento, em maio de 2013, durante a 169ª Sessão Plenária do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) foi aprovada a resolução que habilita a celebração de casamento civil, ou de conversão de união estável em casamento para casais do mesmo sexo (STF, 2013). Vê-se, a seguir, o principal trecho da Resolução nº 175, de 14 de maio de 2013:

CONSIDERANDO

a decisão do plenário do Conselho Nacional de Justiça, tomada no julgamento do Ato Normativo no 0002626-65.2013.2.00.0000, na 169ª Sessão Ordinária, realizada em 14 de maio de 2013;

CONSIDERANDO

que o Supremo Tribunal Federal, nos acórdãos prolatados em julgamento da ADPF 132/RJ e da ADI 4277/DF, reconheceu a inconstitucionalidade de distinção de tratamento legal às uniões estáveis constituídas por pessoas de mesmo sexo;

CONSIDERANDO

que as referidas decisões foram proferidas com eficácia vinculante à administração pública e aos demais órgãos do Poder Judiciário;

CONSIDERANDO

que o Superior Tribunal de Justiça, em julgamento do RESP 1.183.378/RS, decidiu inexistir óbices legais à celebração de casamento entre pessoas de mesmo sexo;

CONSIDERANDO

a competência do Conselho Nacional de Justiça, prevista no art. 103-B, da Constituição Federal de 1988;

RESOLVE:

Art. 1º É vedada às autoridades competentes a recusa de habilitação, celebração de casamento civil ou de conversão de união estável em casamento entre pessoas de mesmo sexo.

Art. 2º A recusa prevista no artigo 1º implicará a imediata comunicação ao respectivo juiz corregedor para as providências cabíveis.

Art. 3º Esta resolução entra em vigor na data de sua publicação (CNJ, 2013).

Sendo assim, a atual legislação da Constituição Brasileira permite aos casais homossexuais a possibilidade de casamento civil, resguardando todos os seus direitos. A legislação nacional vem ao encontro da adaptação que abarca as mudanças ocorridas na vida da sociedade, considerando a dimensão dinâmica e complexa que é a família.

Hoje, verifica-se um contingente significativo de uniões conjugais formadas por pares homossexuais, todavia, no que concerne ao direito à adoção de crianças por esses pares, a legislação brasileira não possui uma norma jurídica que permita ou impeça, de forma clara, essa prática (ZAMBRANO, 2006; HAAG, 2007; FARIAS; MAIA, 2009; OLIVEIRA, 2011). Embora se reconheçam casos em que a adoção de crianças foi concedida para ambos os membros do casal, segundo Rodriguez (2012), “no Brasil, é mais comum encontrar famílias homoparentais com filhos que são fruto de relacionamentos heterossexuais anteriores” (p. 17).

Passos (2005) pontua que as novas formas de “ser família” devem ser compreendidas segundo o enfoque de uma ética que considere as demandas afetivas dos sujeitos nelas envolvidos. Nesse sentido, a ética deve estar assentada nas diferentes formas de conjugalidade, parentalidade e filiação que constroem um contexto familiar fundamentado em laços de afeto. Tais princípios éticos adviriam não mais das leis gerais que constituíam a ordem familiar patriarcal, mas das novas redes que abarcam as relações de afeto nas novas famílias. Logo, “se o parentesco é uma ordem simbólica, pode ser ressignificado. Família tem a ver com grupo de pertencimento, sendo um conceito móvel e polissêmico” (OLIVEIRA, 2001, p. 356). Nesse contexto, afirmam Pozzetti e Silva:

qualquer que seja a forma de constituição de entidade familiar – quer seja através do casamento civil, religioso, união estável, família monoparental ou união homoafetiva – cabe ao Estado proteger a cada um de seus membros, assegurando-lhes a fruição de igualdade de direitos e deveres, em virtude do compromisso constitucional de garantir isonomia no tratamento de todos os cidadãos brasileiros (2013, p. 112).

Quando se fala sobre o desejo de ter filhos, os casais formados por homossexuais são diferentes dos casais formados por pessoas de sexos opostos unicamente por serem duas pessoas do mesmo sexo. Entretanto, faz-se necessário analisar cada situação para compreender as realidades vivenciadas por cada casal (GRATTON, 2008). Sabe-se que a função de cuidar está mais relacionada à personalidade e às características do indivíduo do que ao seu sexo (BADINTER, 1985; SANTOS, 2004; VIEIRA, 2011).

Dentro do contexto da homoparentalidade, é essencial considerar as demandas da criança em relação à família: que premissas relacionais dentro do espaço familiar são fundamentais para a estruturação psíquica da criança, quais são estruturantes dos laços afetivos em qualquer tipo de família, como cuidar, acolher, conter, reconhecer e inserir a criança em uma cadeia de transmissão geracional (PASSOS, 2005). “Seja num casal de homens ou num casal de mulheres, as duas funções parentais podem ou não estar presentes e operantes, assim como em qualquer outro casal de homem e mulher” (VIEIRA, 2011, p. 193).

Nesse sentido, para a entidade familiar, o importante é a organização psíquica dos que cuidam da criança, isto é, o fundamental para o desenvolvimento do indivíduo é a possibilidade de ele manter relações saudáveis com seus responsáveis e irmãos, e permitir o desenvolvimento de todos os indivíduos que formam a família (UZIEL, 2007).

Alguns estudos que contemplam a temática das famílias homoparentais brasileiras evidenciaram peculiaridades no contexto desse arranjo familiar. Nesses estudos são refletidas diversas questões, entre elas:

- O assumir da homossexualidade diante dos percalços da aceitação e rejeição na esfera familiar (SANTOS, 2004; TOLEDO, 2008; SILVA, 2013);
- A brevidade na decisão em morar com seus parceiros (TOLEDO, 2008);
- As motivações para a parentalidade (SANTOS, 2004; VIEIRA, 2011, ALMEIDA, 2012);

- Os modos mais habituais para os homossexuais terem acesso à parentalidade (TARNOVISKI, 2002; SANTOS, 2004; UZIEL, 2007; TOLEDO, 2008; RODRIGUEZ; PAIVA, 2009; VIEIRA, 2011; ALMEIDA, 2012; CORRÊA, 2012; HERNÁNDEZ, 2013; SILVA, 2013);
- As experiências dos casais diante da adoção de seus filhos e da reprodução humana assistida (MOSCHETTA, 2011; ALMEIDA, 2012; CORRÊA, 2012; SILVA, 2013);
- A discriminação que incide sobre as famílias homoparentais em suas relações com parentes próximos, amigos, trabalho, escola, Igreja etc (TARNOVISKI, 2002; MOSCHETA, 2004; SANTOS, 2004; UZIEL; GROSSI; MELLO, 2006; TOLEDO, 2008; FARIAS, MAIA, 2009; RODRIGUEZ; PAIVA, 2009; VIEIRA, 2011; ALMEIDA, 2012; RODRIGUEZ, 2012; NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2013). Desse modo, a rede de apoio social apareceu como fator proeminente que interfere na qualidade da vivência da família homoparental.

Nas palavras de Mosqueta (2004, p. 6) “a relação homossexual é produzida em contínuo diálogo com as instâncias sociais que muitas vezes, por preconceito e discriminação, limitam e isolam a experiência conjugal, constituindo uma fonte de angústia”. Se as famílias homoparentais “ganham visibilidade social nos últimos anos, também foram alvos de ataques e tiveram sua legitimidade e cidadania contestadas por instituições centrais para a vida cotidiana, tais como a Igreja, o poder legislativo e judiciário” (TOLEDO, 2008, p. 9).

2 JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

Os motivadores que fizeram parte da escolha deste tema da pesquisa emergem do desejo e da necessidade de investigar, de maneira aprofundada, a vivência de casais homossexuais com filhos. Com isso, no decorrer deste estudo, buscar a compreensão de questões pertinentes ao tema.

Abordar esta temática é relevante no cenário atual, uma vez que há a reconfiguração dos modelos de família em que alternativas estruturas familiares se tornam cada vez mais frequentes e visíveis em nossa sociedade. Sabe-se da presença de dificuldades e conflitos - como o preconceito e a discriminação - diante da organização familiar homoparental nos mais variados contextos e, também, é reconhecida a necessidade de mais estudos que abarquem essas famílias no contexto nacional. Perante essa realidade, é de fundamental importância conhecer como os casais homoparentais constituem suas identidades e vivências enquanto família tanto no âmbito privado quanto social.

As formações acadêmicas em Psicologia, Direito e Pedagogia - entre outras áreas afins -, pouco abrangem a singularidade dessa temática. Este conhecimento pode aprofundar estudos já existentes, assim como compor subsídios para ideias e estratégias que auxiliem as famílias homoparentais a serem mais reconhecidas e respeitadas na sociedade em que se inserem. A divulgação de pesquisas científicas nessa área, a partir das prerrogativas de uma sociedade inclusiva, pode contribuir para novas reflexões que transformem posturas preconceituosas e excludentes frente ao desenvolvimento e à pluralidade dos arranjos familiares emergentes nos dias de hoje. Diante do exposto, e do problema de pesquisa embasado na revisão da literatura, os objetivos deste estudo são:

2.1 OBJETIVO GERAL

Investigar, a partir de relatos, a vivência enquanto família de casais homossexuais com filhos.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar os relatos sobre a escolha e o exercício da parentalidade em casais homossexuais;
- Averiguar as descrições dos participantes acerca de suas famílias atuais e de origem;
- Investigar os relatos dos casais em relação às possíveis manifestações de discriminação e/ou preconceito no contexto social (família, amigos, trabalho etc);
- Analisar as descrições dos participantes acerca das redes de apoio disponíveis e suas relações com elas.

3 MÉTODO

Segundo Minayo (2010, p. 14) “a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização dos instrumentos (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade)”.

Tendo em vista os objetivos desta pesquisa, optou-se por realizar uma investigação qualitativa, a qual permite uma visão compreensivo-interpretativa do fenômeno pelo vínculo direto e intersubjetivo entre o pesquisador e os participantes (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). “A pesquisa qualitativa se ocupa com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2010, p. 21). Partindo-se desse princípio, corrobora-se com Bogdan e Biklen (1994) a respeito do investigador qualitativo: deve questionar os sujeitos pesquisados, visando uma melhor compreensão de como esses sujeitos experimentam, interpretam e estruturam suas experiências e o mundo social em que vivem.

É fundamental considerar, de acordo com os mesmos autores, que a investigação qualitativa possui determinadas características: a preocupação com o contexto no qual os sujeitos estão inseridos; a valorização da descrição dos dados obtidos - analisando-os em toda a sua riqueza; o interesse do pesquisador pelo processo em vez de simplesmente pelos resultados; e a relevância do significado que cada participante atribui às experiências vividas. Desse modo, esta pesquisa qualitativa visa ampliar o conhecimento sobre o fenômeno estudado com o levantamento de informações oriundas de relatos dos próprios participantes. Torna-se importante explicitar as limitações da pesquisa qualitativa: ela se constitui a partir de um recorte da experiência dos participantes, logo não se tem como objetivo a generalização dos dados oriundos deste estudo para o universo da população das famílias homoparentais brasileiras.

3.1 PARTICIPANTES

Participaram desta pesquisa cinco casais homossexuais, de ambos os sexos, com filhos. Os critérios para a seleção e inclusão dos participantes foram: casais homossexuais que morassem com seus filhos (biológicos/ adotados) e que conviviam enquanto família ao menos por dois anos. A quantidade de participantes foi definida a partir do princípio de que “o „universo“ em questão não são os sujeitos em si, mas as suas representações, conhecimentos, práticas, comportamentos e atitudes” (DESLANDES, 2010, p. 48).

Segue, abaixo, o Quadro 1, que apresenta as características principais dos casais participantes dessa pesquisa.

CASAIS	NOMES	IDADES	ESCOLARIDADES	TEMPO DAS RELAÇÕES	NOMES DOS FILHOS	IDADE DOS FILHOS	MODOS DE ACESSO À PARENTALIDADE
1 Fem.	Tarsila do Amaral	27 anos	Pós-graduação	3 anos e 2 meses	Nísia Floresta	2 anos e 6 meses	Adoção
	Adriana Varejão	33 anos	Superior				
2 Masc.	Pedro Américo	49 anos	Superior	20 anos e 8 meses	Adélia Prado/ Lara de Lemos	11 anos/ 2 anos e 4 meses	Adoção
	Heitor dos Prazeres	41 anos	Superior incompleto				
3 Fem.	Anita Malfatti	46 anos	Curso técnico/ Superior (cursando)	18 anos	Lima Barreto	15 anos	Reprodução humana assistida (inseminação artificial)
	Ione Saldanha	50 anos	Superior				
4 Fem.	Isabelle Tuchband	28 anos	Curso técnico	7 anos	Maria Clara Machado	11 anos	Filha do relacionamento heterossexual anterior de Beatriz
	Beatriz Milhazes	35 anos	Superior incompleto				
5 Masc.	Candido Portinari	26 anos	Superior incompleto	5 anos e 7 meses	Rachel de Queiroz	2 anos	Adoção
	Francisco Rebolo	42 anos	Superior				

Quadro 1 - Características dos casais participantes. Os dados estão organizados seguindo a ordem em que foi realizada a coleta no ano corrente de 2013.

Substituíram-se os nomes próprios dos casais participantes por nomes de pintores brasileiros, e os nomes próprios de seus filhos por nomes de escritores brasileiros. Os demais nomes próprios, locais e determinadas características - que emergiram nos depoimentos dos participantes – também foram substituídos e/ou omitidos. Tal procedimento teve como função manter o sigilo e preservar as identidades dos participantes.

3.2 PROCEDIMENTOS

3.2.1 Aspectos éticos

Este estudo foi desenvolvido em compromisso com as diretrizes da resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta as pesquisas com seres humanos (BRASIL, 1996). O projeto de pesquisa foi submetido à Plataforma Brasil/CEP/CONEP em agosto de 2012, obtendo o parecer consubstanciado de aprovação do CEP em abril de 2013 (CAAE: 06439812.0.0000.5398/ Parecer: 254.353).

Foi apresentado aos participantes desta pesquisa o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (disponível em APÊNDICE 1).

3.2.2 Instrumentos

Utilizaram-se para a coleta de dados dois instrumentos: “Questionário de Perfil Socioeconômico de Famílias Homoparentais” (disponível em APÊNDICE 2) e a entrevista semiestruturada “Conhecendo as Famílias Homoparentais” (disponível em APÊNDICE 3).

Segundo Lüdke e André (1986), em relação a outros instrumentos, a entrevista apresenta a vantagem de a informação ser obtida de forma imediata. A partir de uma entrevista bem realizada, podem-se obter dados estreitamente pessoais e de escolhas individuais, bem como o aprofundamento de questões relevantes, sendo “informações

diretamente construídas no diálogo com o indivíduo entrevistado e [que] tratam da reflexão do próprio sujeito sobre a realidade que vivencia” (MINAYO, 2010, p.65). Segundo a mesma autora, os dados obtidos “constituem uma representação da realidade: ideias, crenças, [...] maneiras de atuar; condutas; projeções para o futuro” (p.65).

A construção dos dois instrumentos fundamentou-se em três momentos:

1º) Os instrumentos foram delineados pelo pesquisador e pela orientadora a partir das informações obtidas em levantamento bibliográfico;

2º) Foram submetidos a três juízes – professores doutores, especialistas na temática em que o projeto se insere, para avaliação da pertinência das questões propostas e posteriores adequações conforme as suas sugestões;

3º) Realização de uma entrevista-piloto para testar a adequação dos instrumentos aos objetivos da pesquisa e treinar o pesquisador.

Considerando que a entrevista-piloto foi bem sucedida diante dos objetivos almejados, ela integra o quadro das cinco entrevistas deste estudo.

O “Questionário de Perfil Socioeconômico de Famílias Homoparentais” contém questões abertas e fechadas acerca da realidade socioeconômica das famílias de casais homoparentais. Foi proposto para que o casal o respondesse em conjunto. Inicialmente há uma divisão no questionário entre “cônjuge 1” e “cônjuge 2”, para abarcar características individuais de cada membro do casal como: idade, se há filho(s) de relacionamentos anteriores, escolaridade, ocupação e renda mensal. No final, o questionário não é mais dividido, sendo apresentadas questões sobre o casal como: tempo de convivência; tipo, situação e habitantes da moradia.

O roteiro de entrevista semiestruturada “Conhecendo as Famílias Homoparentais” é composto por dezenove questões que foram respondidas em conjunto pelo casal, abordando os principais temas: história do relacionamento amoroso do casal; famílias de origem; escolha

e processos da parentalidade; rotina familiar; religião; relações da família com a sociedade e comunidade; situações de preconceito e redes de apoio.

3.2.3 Coleta de dados

3.2.3.1 Seleção e contato com os participantes

A identificação e o convite dos participantes no estudo decorreram de pesquisas na internet (em sites de busca); contato com pesquisadores da temática, amigos e colegas do pesquisador que soubessem da existência e pudessem indicar as famílias homoparentais; e indicação dos próprios casais participantes. Trata-se, portanto, de uma seleção por conveniência. Tendo em vista a estimativa em considerar a diversidade do campo empírico, optou-se por não se priorizar a busca pelos possíveis participantes em grupos de apoio a pais homossexuais ou à adoção.

O pesquisador entrou em contato com treze casais - segundo os critérios de seleção de participantes deste estudo - residentes nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Após o contato, em que foram explicados os aspectos principais da pesquisa: a) dois casais recusaram, justificando não quererem se expor, mas parabenizando pela importância da pesquisa; b) três casais não responderam ao convite; e c) três aceitaram o convite, porém nas diversas vezes, nas tentativas de agendar a entrevista, demonstraram indisponibilidade. Sendo assim, cinco casais participaram efetivamente do estudo.

3.2.3.2 Aplicação dos instrumentos

Em consonância com o objetivo principal deste estudo, que remete à aproximação da vivência familiar de casais homoparentais, optou-se por colher dados com a presença e participação de ambos os membros do casal. Procedimento semelhante pôde ser observado em

pesquisas que envolveram a temática de casais homossexuais/homoparentais (MOSCHETA, 2004; ALMEIDA, 2012; RODRIGUEZ, 2012).

A coleta de dados foi realizada pessoalmente pelo pesquisador, nas cidades e na residência dos casais participantes, com exceção de uma delas que foi feita em um estabelecimento comercial. Visando os registros das entrevistas, todas foram áudio-gravadas, com duração entre 1h16 e 2h05.

Ao entrar em campo para a realização da coleta de dados (questionário e entrevista), o pesquisador levou em consideração algumas prescrições de Minayo (2010):

a) apresentação da formação do pesquisador, natureza da pesquisa (Mestrado), instituição (UNESP/Bauru) e fundação (FAPESP) vinculadas;

b) informações sobre os interesses e os objetivos da pesquisa, e também a justificativa para escolha do perfil do participante;

c) leitura do TCLE em conjunto com os participantes, e coleta de assinaturas individuais de cada membro do casal;

d) conversa inicial que objetiva criar um clima mais descontraído para a situação, apresentar os instrumentos de coleta, e verificar se os entrevistados têm disponibilidade para dar as informações.

Posteriormente, ao término da coleta de dados, os relatos áudio-gravados foram transcritos na íntegra pelo próprio pesquisador.

3.2.4 Análise dos dados

A apresentação, a análise e a interpretação dos resultados foram realizadas por etapas. Após as várias leituras das entrevistas transcritas, os relatos foram agrupados em categorias temáticas. Na construção de categorias para as análises, foram considerados como critérios os temas fundamentais que pudessem responder aos objetivos propostos no estudo. O

procedimento de análise adotado refere-se à análise de conteúdo, proposta por Bardin (1979) e também descrita por Franco (2005). Abaixo, no Quadro 2, estão aventadas as categorias e subcategorias identificadas neste estudo.

CATEGORIAS		SUBCATEGORIAS
1	AS MOTIVAÇÕES PARA A PARENTALIDADE	a) Convivência com crianças familiares b) Motivações subjetivas e sociais c) Divergências entre o casal
2	OS PROCEDIMENTOS DE ACESSO À PARENTALIDADE	a) Adoção b) Reprodução humana assistida c) Filha de um relacionamento heterossexual anterior
3	A ROTINA FAMILIAR E A CRIAÇÃO DOS FILHOS	a) A vida dos casais após a chegada dos filhos b) A rotina familiar nos cuidados dos filhos c) As características das funções parentais d) Os cuidados na criação dos filhos e) A aceitação e os modos como os filhos chamam pelos pais e mães
4	AS RELAÇÕES DA FAMÍLIA HOMOPARENTAL COM SUA FAMÍLIA DE ORIGEM	a) Modificações nas relações familiares após a chegada das filhas dos casais b) Suporte familiar: a contribuição dos familiares e avós nos cuidados com as crianças c) Pouco ou sem contato com os familiares de origem
5	AS FAMÍLIAS HOMOPARENTAIS E A SOCIEDADE	a) Preconceito, discriminação e reconhecimento de direitos. b) Vigia social c) Redes de apoio social d) Facilidades e dificuldades da família homoparental

Quadro 2 - Organização das categorias e subcategorias

4 RESULTADOS

Organizada em dois momentos, apresenta-se a análise qualitativa do conteúdo das cinco entrevistas. Primeiramente, a fim de iniciar a aproximação do leitor das vivências dos casais participantes, está descrita brevemente a história do relacionamento amoroso de cada casal. Em seguida, abarcando os objetivos específicos deste estudo, são demonstradas as transcrições dos relatos dos casais, que foram agrupados por temas em comum, na forma de categorias. Tais categorias encontram-se destacadas em itens, e as subcategorias - temas secundários que estão relacionados a cada categoria - estão dispostas em subitens no decorrer de cada item.

4.1 HISTÓRIA DO INÍCIO DO RELACIONAMENTO AMOROSO DOS CASAIS

4.1.1 Tarsila do Amaral e Adriana Varejão

Foi na formatura da faculdade de Tarsila que o casal se conheceu, no período em que Adriana ainda morava com outra mulher. Tomaram a decisão de morar juntas devido às brigas na família de Tarsila – a respeito de sua orientação sexual – somada ao fato de Adriana ter um apartamento. O prazo desde que se conheceram até irem morar juntas foi de um ano. Decorridos oito meses de coabitação, elas assinaram a certidão de união estável. A família de Adriana esteve presente nessa celebração. Da família de Tarsila, o único representante foi o pai, pois os demais familiares não aceitavam a relação. Elas formam um casal há aproximadamente três anos.

4.1.2 Pedro Américo e Heitor dos Prazeres

O casal se conheceu em uma boate gay. Na época, Heitor tinha planos profissionais que incluíam a mudança de cidade. Diante dessa possibilidade de mudança, Pedro quis

terminar a relação. Com isso, Heitor decidiu não mudar de cidade, e ir e foi morar com Pedro. Eles estão juntos há vinte anos.

4.1.3 Anita Malfatti e Ione Saldanha

Anita e Ione se conheceram em um barzinho. Ione estava no final de uma relação homossexual de sete anos. Após conhecer Anita, sentiu “um ânimo para sair” da relação. Em aproximadamente seis meses, Ione e Anita se conheceram e decidiram morar juntas. Morou com elas a filha de Anita, resultado de seu casamento heterossexual que havia durado cinco anos. Atualmente, a filha de Anita é casada e tem um filho. Ione e Anita estão juntas há dezoito anos e são casadas no civil.

4.1.4 Isabelle Tuchband e Beatriz Milhazes

Foi por meio da prima de Beatriz que o casal se conheceu. No primeiro momento em que Beatriz viu Isabelle, relata que foi amor à primeira vista. Na época Beatriz tinha 28 anos, era casada com um homem há dez anos, mãe de Maria Clara, de três anos de idade, e - até então – considerava-se heterossexual. Uma semana após se conhecerem, Beatriz pediu o divórcio e anunciou a sua orientação sexual homossexual para a família. Tanto os pais de Isabelle quanto os de Beatriz não aceitavam a homossexualidade das filhas. Há dois anos Maria Clara veio morar com o casal; anteriormente ela vivia com os avós. Atualmente, as famílias de origem de Isabelle e Beatriz se dão bem, aceitando-as como casal e como mães. Elas estão juntas há sete anos e são casadas dentro da religião que frequentam.

4.1.5 Candido Portinari e Francisco Rebolo

O casal se conheceu pela internet, a partir de um site de bate-papo. Decorridos seis meses de relação, foram morar juntos devido ao desejo de compartilhar a vida, somado ao fato

do conflito que Candido tinha com o pai em relação à sua sexualidade. Eles estão juntos há aproximadamente seis anos.

4.2 CATEGORIAS

4.2.1 As motivações para a parentalidade

4.2.1.1 *Convivência com crianças familiares*

As motivações para a parentalidade, de acordo com os relatos de alguns participantes, emergiram após contato com seus sobrinhos. A partir dessa convivência, eles tiveram interesse em ser pais e mães. No caso de Adriana, também houve a preocupação em não querer ser mãe com mais avançada idade.

ADRIANA: O meu interesse vem desde que a minha cunhada ficou grávida da minha sobrinha. A minha sobrinha vai fazer oito anos. Na época que ela tava grávida eu queria muito ter um filho, ou engravidar ou adotar. Só que daí com... na... naquele momento num.. não dava certo. Daí passou a vontade, fiquei um tempo sem, sem pensar em ser mãe, “então tá, deixa pra lá”. Até que eu comecei a me relacionar com ela [Tarsila] e ela ficava sempre: “aí, porque eu quero ter um filho, porque eu quero ter um filho”. Aí um dia, eu voltando pra casa [ela] começou: “porque eu quero ter um filho, não sei o quê, tal”. Falei assim: “então, tá. Você quer ter um filho, vai ter que ser agora. Porque eu não quero ser vó, quero ser mãe”. Como eu já estou com trinta e dois anos, pra mim tem que ser já. Óbvio, (ela) deu uma assustada. “Mas já? (ela)”. Falei assim: “Ah, se a gente vai adotar então, vamos atrás, vamos saber como que é, o que tem que fazer para que isso aconteça, porque normalmente uma adoção demora e pra... esperar três, quatro anos pra mim vai ficar tarde”. Daí que ela: “então tá, vamos lá atrás, vamos ver o que a gente pode fazer”.

HEITOR: Então a gente convivia com eles, eles passavam final de semana em casa... também, ali... dormia em casa, então a gente tinha aquela coisa de, de pai, a gente curtia isso, né? Tanto umas sobrinhas do Pedro [...] E... eu tinha os meus sobrinhos também. Então a gente sempre gostou... de criança.

4.2.1.2 *Motivações subjetivas e sociais*

Pedro comenta que sua motivação para ser pai também vem atrelada às necessidades do ciclo vital, o que podemos supor ser uma questão social (geracional e familiar), como podemos ver:

PEDRO: E também você sente necessidade, você namora, casa, constitui família e pronto...

Candido menciona que sempre sonhou ser pai e o fato de ser homossexual nunca foi um impeditivo para a realização da paternidade.

CANDIDO: Eu, particularmente, sempre gostei de criança. Eu sempre sonhei em ser pai [...] Eu não imaginaria que um dia [...] o fato de eu ser homossexual pudesse dificultar alguma coisa.

4.2.1.3 Divergências entre o casal

Em um caso, a motivação não ocorreu em ambos os membros do casal. Partiu inicialmente de uma das parceiras. Anita relata que, a princípio, não queria ter um filho, pois já havia sido mãe. Toda a motivação para que o casal tivesse um filho partiu de Ione.

ANITA: Assim, eu demorei um pouco mais pra aceitar a ideia... porque eu falo assim: “ai, a Alessandra já está, já vai fazer onze anos...” eu já tinha sido mãe... [...] Mas assim, a vontade de ter outro, de ter um filho... quem fez, sabe? [...] Toda... a... o esforço pra que isso acontecesse, foi ela.

IONE: É... eu sempre tive vontade de ter... um filho.

ANITA: Não, você tinha vontade que alguém tivesse um filho pra você, é diferente (risos).

4.2.2 Os procedimentos de acesso à parentalidade

4.2.2.1 Adoção

Apresentam-se, a seguir, os relatos dos casais Tarsila/Adriana, Pedro/Heitor e Candido/Francisco a respeito de suas trajetórias no processo de adoção de seus filhos.

Tarsila/Adriana

Tarsila e Adriana comentam que, inicialmente, antes de fazerem o cadastro de adoção, gostariam de apadrinhar uma criança e visitaram dois abrigos infantis (denominados de Abrigo A e Abrigo B) na cidade em que residem. No Abrigo B não conseguiram porque eram um casal composto de mulheres. Segundo elas, no Abrigo A, foram bem acolhidas enquanto casal, principalmente por decorrência de o diretor ser homossexual e pelo abrigo considerar os diversos tipos de configurações familiares. Foi neste Abrigo A que conheceram Nísia, sua filha.

TARSILA: Daí a gente se decidiu num dia... ir nas casas que tem aqui em (nome da cidade em que residem). Que são duas casas, tem a Abrigo A (nome de uma instituição de abrigo para crianças) e a casa...

ADRIANA: Abrigo B (nome de outra instituição de abrigo para crianças).

TARSILA: E Abrigo B. Aí nós fomos primeiro no Abrigo B. Hora que a gente chegou lá, foi péssimo, porque a gente sabe que existem muitas crianças para ser adotadas e a gente sabe que não anda, as leis não ajudam essas crianças. Mas quando a gente chegou lá, eles falaram que todas as crianças já tinham família, que não tinha quem a gente... Porque a princípio a gente não queria adotar, a gente queria começar a fazer um apadrinhamento... [...] Aí, a hora que a gente falou que a gente que iria fazer o apadrinhamento, já mudou totalmente, né? A forma de relacionamento. [...] Porque eram duas mulheres. “Como que duas mulheres vão cuidar de uma criança?” [...] Daí, eles falaram que não tinha e que não tinha, ponto final. Mas a gente sabia que têm crianças, né?

[...] Aí chegando no Abrigo A, a gente se apresentou como um casal e falou que queria conhecer alguma criança para apadrinhar, com interesse de adoção. Aí lá foi totalmente ao contrário. Principalmente porque o diretor de lá é homossexual, então ele, eles entendem que qualquer família que queira adotar, vai ser bom para a criança. Então daí foi um atendimento espetacular. Eles fazem a princípio uma entrevista de qual o perfil de criança que a gente gostaria de ser mãe. E acredito assim, nós duas acreditamos nisso, que se você quer ser mãe, você vai ser mãe de qualquer criança. Não tem que escolher cor, nada disso. Mas a gente colocou que a gente queria menino, né? A princípio, até dois anos. [...] tinha uma criança já com nosso perfil, que era chamada Júlia e tinha dois anos e meio, né? [...] Só que quando a gente conhece as crianças, a gente conhece todas as [outras] crianças, parece um açougue, né? Você escolhe a carne que você quer e leva. Mais ou menos assim que as crianças se sentem lá. [...] E quando a gente foi conhecer a Júlia, a Nísia já estava lá. E eu olhei para a Nísia e foi amor à primeira vista. Fiquei com ela no colo o tempo inteiro, não soltei, dei leite... a gente ficou uma hora mais ou menos lá.

Com o surgimento do interesse em querer ficar com a criança Nísia, Adriana e Tarsila precisariam estar inscritas no cadastro de adoção e estarem na fila do Fórum. Fato que, inicialmente, levou a uma desmotivação.

TARSILA: “É impossível a Nísia ser de vocês” (fala da psicóloga do abrigo). Aí eu falei: “mas por que impossível?” Ai ela falou: “porque ela vai pra fila do fórum e vocês não tão nem na fila do fórum, vocês vieram aqui direto e o fórum não sabe que vocês querem adotar”. Falei “então tá, né? Se não é a Nísia, pensei, não é ninguém”.

ADRIANA: Aí ela falou assim: “então já que não dá certo, quero fazer inseminação”. Daí ela até ligou pro médico e tudo, marcou uma consulta pra sexta-feira seguinte e tal. Só que na quinta, na quinta ou na quarta, eu falei: “Tarsila, já pensou quanto vai ter que gastar pra fazer essa inseminação? Tipo, e o dinheiro que a gente gastaria com essa inseminação pode gastar com uma criança, que já, já está precisando de família”. Daí ele desmarcou, aí teve treinamento (no trabalho) que ela foi, eu fiquei o final de semana só, daí que na segunda-feira depois que aí já ligaram pra gente perguntando sobre o negócio da Nísia. Pra mim é, tipo assim, a princípio a Nísia não, não tava, porque sendo realista, tipo não tem como a Nísia estar vindo pra gente. Pelo motivo dela ser bebê, a gente não ter feito inscrição no Fórum, então a Nísia estava fora de cogitação.

Tarsila menciona que as características de Nísia (desnutrição e microcefalia) foram determinantes para que nenhuma família cadastrada para adoção no Fórum tivesse interesse em adotá-la. Sendo assim, o abrigo entrou em contato com elas.

TARSILA: A Nísia, ela ficou dez meses com a mãe dela, então ela ficou desnutrida, uma desnutrição muito forte, muito severa. E isso ocasionou um, uma diagnóstico de microcefalia nela. Então o que aconteceu? Ela foi pro Fórum, com esse perfil, então nenhuma família quis a Nísia, porque tinha microcefalia e desnutrição, né? E o mundo é tão redondinho que eu fiz a minha, meu TCC (trabalho de conclusão de curso) de crianças com microcefalia, então eu já sabia o que podia acontecer e o que não podia acontecer. Quando a gente viu a Nísia, a gente sabia que ela tinha alguma coisa, mas pra mim naquele momento foi intenso, que eu não queria nem saber o que ela tinha, né? E daí, na segunda-feira, a psicóloga me ligou: “Oi, Tarsila, aqui é a psicóloga, a Nísia foi pro Fórum e nenhuma família quis ela, vocês querem ficar com ela?”

As participantes seguem narrando sobre o processo de adoção de Nísia, ao mesmo tempo em que comentam sobre o início de suas vivências como mães.

TARSILA: Que aí nós fomos no mesmo dia lá, ficamos mais um pouquinho com a Nísia, tudo, né? E tivemos que começar a fazer o processo de trás para frente, né? Porque tinha que se inscrever no Fórum, os processos burocráticos a gente teve que fazer.

[...] Pra gente foi um choque, porque a gente não tava preparada financeiramente, porque a gente estava abrindo (nome da empresa que são sócio-proprietárias), então não tinha dinheiro pra fazer isso, pra ser mãe, e aquela velha história, né? Não tem que ter, é! Né? Não tem que se programar pra ser mãe, é mãe e ponto, acabou. Tem que ser, tem que ser. Aí uma olhou para a cara da outra e falou: “Está bom”.

[...] Começar na terça-feira fazer adaptação com a Nísia. Aí a gente saiu de lá desesperada, louca, assim, eufórica, né? Porque eu tinha que comprar cadeirinha, não tinha nada.

ADRIANA: Não tinha cadeirinha, não tinha roupa, não tinha... fralda, não tinha...

TARSILA: Só que como ela, ela teve esse problema de desnutrição, ela tinha um ano, mas ela tava com um desenvolvimento de quatro, cinco meses, então...

ADRIANA: Era um bebê...

TARSILA: E daí a gente fez isso, [...] pegamos ela, levamos pra APAE, pra fazer a fisioterapia, e lá na APAE a gente encontrou o primeiro obstáculo: “será que realmente a gente quer ser mãe da Nísia?” Porque a psi, a fisioterapeuta falou: “vocês sabem, foi dito pra vocês que ela não vai andar, que ela não vai falar, né? Vocês sabem disso?” Eu falei pra ela, né?: “quem é você pra falar que ela não vai fazer nada disso?” Principalmente porque eu trabalho com a neurolinguística, então a gente sabe que as coisas, os traumas podem ser resolvidos e as crianças podem evoluir, só elas vão saber, se elas vão, se elas não vão evoluir. Aí a gente continuou ainda levando ela na APAE, algum tempo, enquanto ela tava no Abrigo B.

[...] Que é o processo de adaptação. E nesse meio de processo de adaptação, a gente tava com processo no Fórum, que as psicólogas chamaram a gente pra conversar, que é uma piada, né? Eu achei uma piada a entrevista do Fórum. [...] Por exemplo, uma pergunta que ela fez foi: “ah tá, vocês querem ser mães da Nísia, e se vocês se separarem?” Aí a gente, né?: “Calma lá... primeiro que se a gente está junta a gente não vai viver no „e se a gente se separar“. Existe essa possibilidade? Até pode existir, hoje a gente tem, vive na certeza de querer ser mãe, e mesmo se a gente se separar, nós vamos continuar sendo mãe da Nísia, nós não vamos simplesmente virar uma de cara pra outra e não se ver nunca mais e deixar a criança num meio social perdida, né? Porque além da nossa relação, a gente é mãe, o diferente de ser um pai e uma mãe, né? A gente colocou. Porque se tem uma briga de hétero, a gente sabe, existem brigas de gays, lógico. Mas, a gente não tem isso, a gente é muito diálogo aberto, a gente conversa, a gente não briga. A PNL (programação neurolinguística) ajuda nisso, pra saber mesmo o que a gente quer. Então ela ficou assim pra minha cara, né? Falei: “porque, se a gente quer ser mãe, a gente das responsabilidades que a gente tem e a gente acredita que a gente vai conseguir ser mãe, ser uma das melhores mães. Melhor que a gente pode”. Daí ela ficou meio “assim”. E eu falei pra ela, né? “Como eu tenho a PNL, eu falei preciso da sua ajuda”, que a gente tava dependendo dela pra poder levar a Nísia. Porque a gente já tava na adaptação, de sete horas da manhã, às cinco horas da tarde. Imagina, você

fica o dia inteiro com a criança e leva ela embora. Era muito dolorido isso, eu entrava, quase chorava, às vezes...

[...] A princípio a gente levava na fisioterapia, depois de duas semanas, que a gente começou a ficar com ela de manhã, até à tardezinha, que foram mais duas semanas. [...] Aí eu falei pra Adriana: “a gente não vai mais devolver ela”. Aí a Adriana: “não, mas tem que devolver”. Falei: “não, eu vou ligar lá e falar que a gente não vai mais levar ela embora, que ela já está adaptada no ambiente, eu não vou levar ela embora” (risos). E daí saiu, e foi isso, sábado, domingo, segunda, terça, quarta saiu a guarda.

Adriana e Tarsila comentam que o período desde quando conheceram Nísia no abrigo até a autorização da guarda para a adoção foi menos de um mês.

ADRIANA: Até a guarda foi um mês...

TARSILA: Foi um dia antes do nosso um ano de casamento. Que eu até tinha brincado, eu lembro disso porque eu falei: “Ah, nós vamos ganhar um presente de casamento”. Foi no dia dezesseis saiu a guarda dela. Então, foi nem um mês, outubro, novembro. Menos de um mês. Então a gente não teve nem os nove meses de preparo.

ADRIANA: Que a adaptação assim de ir pegar pra fisio e voltar, não deu duas semanas. Foi uma semana, no sábado eles deixaram a gente pegar às sete da manhã e entregar às cinco. Aí foi todos os dias assim.

As participantes contam que receberam diretamente a guarda definitiva, em vez da provisória, e que a guarda saiu no nome das duas. Comentam que foram tratadas com naturalidade no Fórum e que estranharam não receber visita domiciliar.

TARSILA: A princípio a gente achava que a guarda ia sair apenas no meu nome, porque uma coisa assim, eles perguntam se a gente tem condição financeira, mas perguntar e investigar são coisas diferentes, né? Ninguém investigou... com a gente, não sei se foram ver imposto de renda, essas coisas... mas não investigaram com a gente, a gente achava muito estranho, como que...

ADRIANA: Ninguém foi em casa...

TARSILA: Como que... do Fórum ninguém foi em casa, só as psicólogas do B foram ver onde a gente morava. E até hoje, faz um ano e meio, ninguém veio. Converso com o psicólogo, mas... não ficam sabendo assim como...

ADRIANA: A advogada comenta que eles investigam rede social, investigam imposto, essas coisas eles vão investigando por fora, mas... [...] Visita a gente não teve nenhuma.

TARSILA: A gente achava que ia sair no meu nome, por causa de tudo isso, da parte financeira, né? Mas, quando a gente viu, saiu no meu nome e no dela. E saiu a guarda definitiva, que normalmente em adoção sai uma guarda provisória, depois de três meses...

ADRIANA: Seis...

TARSILA: Seis meses tem que renovar, tem todo o processo de psicólogo de novo, e isso vai indo por uns três anos, né? Hoje, o nosso saiu já com a definitiva que já em processo de adoção.

ADRIANA: E no Fórum, trataram com a maior naturalidade. Tipo assim, foi tranquilo. A gente até perguntou: “mas, hoje em dia, está mais tranquilo pras pessoas? Quais são os critérios?” Aí ele comentou, a psicóloga comentou que não tem mais aquele critério que tem que ser casado, com tantos anos de casamento e tal, qualquer pessoa se tem uma condição e tenha vontade, tudo mais, pra ser, pra adotar elas podem. Desde que elas tenham... é, a parte psicológica boa, financeira, tudo mais. Não que uma pessoa que seja pobre não possa adotar também, desde que ela tenha condições de criar a criança. Condições para tirar a criança da rua e pra colocar numa família que não tem condições, pelo menos, dar o básico pra, pra criança. Mas eles falaram que não tem mais tanta burocracia com relação a essa parte de... tipo a mãe solteira não poder adotar, casal gay, mulher solteira, não tem essa, não...

Pedro/Heitor

Para o casal Heitor e Pedro a opção para ter filhos também foi por adoção e, por meio dela, eles têm hoje duas filhas: Adélia e Lara. Os participantes contam com detalhes as trajetórias de adoção das filhas. Inicialmente de Adélia, com quatro anos e meio na época; e mais tarde de Lara, de dez meses de idade, irmã biológica de Adélia.

HEITOR: Fiz o cadastro de adoção, mas antes a gente já tinha esse lance de convivência, a gente no conversar: “será que a gente adota?” Tá? Aí um dia quando você... me deu, aí fui lá passei no Fórum, fiz um cadastro, peguei um papel, aí os que tem que levar lá, tal...[...] Aí, aí eu cheguei em casa eu contei pro Pedro, ele: “ai...”, eu sabia que ele ia concordar, né? Aí ficamos esperando o processo todo, aí em 1998 a gente foi... o juiz não autorizou. Era um ju, outro juiz, diferente do que foi a doutora Raísa. Ele não autorizou e alegou que o... a gente tinha um relacionamento anormal. Na época o meu pai estava doente, então eu não tive tempo de... não sabia como eu com, como é que funcionava essa coisa de processo de adoção, que eu tinha dez dias, tal, essa parte burocrática. Daí quando eu fui no Fórum, aí recebi essa cartinha: “ai, você já perdeu o prazo e tal”.[...] Mas aí a gente também não tinha casa própria...

O casal expõe que, na primeira tentativa sem sucesso para adoção, não tinham muito conhecimento tanto sobre o processo, como sobre as condições necessárias.

PEDRO: O (local de trabalho) era junto com a casa...

HEITOR: A gente tinha (nome da empresa), então tinha um quarto que era (local de trabalho) e outro quarto era só nosso. Então não teria um terceiro quarto, né? Que acho que eles vê isso daí também...

PEDRO: Na hora você fica bravo...

HEITOR: Então, a gente fica uma, fica... a gente ia dar... hoje, a gente analisa que realmente, naquela época, não teria. Claro, se a criança aparecesse, e demorou e demora essas coisas, não é de um dia pro outro, “ó, vocês entraram na fila de adoção”, a gente iria providenciar, já começar a providenciar, né? Mas, não é assim que funciona. [...] Aí... é... o juiz indeferiu, isso em 1998. Aí tá, daí a gente: “então está bom, trololó perdemos”.

Heitor relata que após o indeferimento do pedido de adoção, o casal teve uma convivência com uma menina, filha de uma garota de programa. Eles quiseram adotá-la, porém não houve interesse da mãe.

HEITOR: Nisso, a gente conti, aí sempre tinha criança no meio da gente, era uma sobrinha ou outra, tantantanrantantan... aí tivemos uma convivência com uma... menina, pequenininha também... que a mãe também deixava com a gente... ela já tinha dado um bebê, uma irmã, pra uma tia nossa... aí essa menina também passava final de semana com a gente. Aí: “vamos pedir então essa criança pra mãe?” Aí chamamos a mãe aqui, já era aqui nessa casa... falei: “você, ó... a gente quer cuidar dela, mas é... a gente quer que você deixa, a gente quer ir no Fórum, e você vai passar a guarda dela pra gente. Você continua mãe, mas a gente fica como responsável” Que a mãe era garota de programa, tal assim... tanto é, deixava com a gente, porque para ela poder ferver no final de semana, né? E aí ela falou: “não”, ela não deixou. Porque ela também ganhava dinheiro com a menina, porque ela falava que a filha, a menina era filha de uns dois pais...[...] De uns supostos pais...

HEITOR e PEDRO: Aí ela ganhava dinheiro.

HEITOR: Então, se ela deixasse a criança com a gente, ela não ia... ter essa renda aí, né? [...] eu falei: “então, tá. Então a gente não quer mais ver essa criança” Então aí a gente também cortamos vínculo, porque se não a gente estava se apegando, sofrendo tudo e... alimentando uma coisa que não ia acontecer nunca. Isso foi em noven, em 2004.

Após esse caso, Heitor foi ao Fórum e o casal passou novamente pelos processos de avaliação. Foram dois processos distintos: Heitor estava como candidato à adoção e Pedro como companheiro de coabitação, isto é, a guarda seria concedida somente a Heitor. Seguem os relatos:

HEITOR: Aí eu falei assim: “então, tá. Já que não funciona assim, então vamos de novo procurar... o Fórum”, agora a gente já morava aqui, já tinha casa própria, tinha um quarto disponível, tal... aí eu fui no Fórum de novo, aí eu fui no Fórum, cheguei em casa: “Pedro, fui no Fórum (trecho inaudível)”, “de novo?” falou assim: “então vamos”. E aí o Pedro... consentindo, né? Tanto é, no dia que eu fui no Fórum, eu já passei na loja de tinta e já cheguei com tinta em casa e já fomos os dois pintar o quarto da nenê de...

HEITOR e PEDRO: Cor-de-rosa...

HEITOR: [...] E aí... isso foi em dezembro de 2004. De novo passamos por todo o processo, né? De avaliação psicológica, social... era o mesmo juiz da época...

PEDRO: Foram dois processos, você passou por um eu passei por outro...

HEITOR: É, mas naquela época era só no meu nome.

PEDRO: Eram duas análises.

HEITOR: Aí passei por uma análise psicológica lá no Fórum e social.

ENTREVISTADOR: Ele foi citado como?

HEITOR: Como companheiro que morava junto. Então ele, os psicólogos também vinham conversar com ele. Pra saber se ele estava concordando com a ideia. Mesma coisa se eu fosse solteiro e eu morava com o meu pai, com minha mãe...

O casal comenta com detalhes sobre a avaliação do psicólogo durante o processo de solicitação de adoção.

PEDRO: Os psicólogos veio pra ver se eu era louco, né? A psicóloga...

HEITOR: Um psicólogo vem, vim também saber se a... o pai ou a mãe está consciente de que o filho que eles, que mora com eles, está querendo adotar uma criança, né? Então era isso.

[...] Aí lá no, quando eu fui nessa entrevista no Fórum, eu sei que eu saí de lá chorando, né? Falei: “ai, Pedro”, liguei pro Pedro de lá, falei: “ai, Pedro, esquece, que eu acho que a gente vai ter que roubar a criança de alguém, eu vou ter que fazer alguma coisa, porque eu acho que não vai dar certo”

PEDRO: O psicólogo acabou com o Heitor... [...] Ah, teste, aqueles testes que eles fazem...

HEITOR: Eles ficam naquelas coisas mesmo... eu acho que era mesmo uma pressão psicológica. [...] Pra saber se eu estava preparado pra enfrentar... né? Uma criação, as perguntas que a sociedade ia fazer, seu eu estava mesmo querendo... até teve uma hora, que depois de muita conversa, eles ficavam perguntando: “mas você quer mesmo? Mas e se... e não sei o que, não sei o que lá” Falei assim: “quer saber? Eu estou ficando de saco cheio dessa conversa, tá? Enquanto a gente está discutindo aqui, se eu realmente vou ser pai de uma criança, essa criança deve estar agora em algum lugar passando fome, necessidade, não sei o que, não sei o que lá... então, ó, vamos terminar, já acabou as perguntas...” (risos). [...] Então, a gente ter esse tempo que demora, a criança está em algum lugar passando necessidade. Então eu fiquei meio nervoso até na hora. Daí: “então, tá. Ó, nós vamos ter que ir até na sua casa, fazer uma ve, uma avaliação, nesse dia, a gente quer que o Pedro esteja lá”, falei: “ah, tudo bem, então tá”. Aí eu saí de lá arrasado, assim chorando, falei: “ai Pedro, não vai dar certo, esses psicólogos é tudo louco, eles não quer saber de dar filho pra gente, não”. Eles foram muito, assim, pessimistas, né?

Aí, quando vieram em casa... de novo... [...] Psicólogo e assistente social. Aí o Pe, o psicólogo era meio assim, enrustido, assim e tal, né?

PEDRO: sentou [...] o psicólogo e assistente social onde você está (entrevistador) e eu aqui. Duas, três horas esse homem falando... e falando... só falando coisa ruim sobre adoção. [...] “É, porque não vai ter aquilo ou outro, porque não sei o quê, vai acontecer isso, a casa não vai parar arrumada, a criança vai ficar doente” só falando coisa ruim, ruim, ruim... ai filho, aquilo foi me enchendo o saco, eu falei assim: “escuta aqui, Ângelo, o negócio é o seguinte: se você veio dentro da minha casa, você está duas horas falando só coisa ruim sobre adoção, se a sua intenção é... é fazer com que eu desista, você está enganado, você pode levantar e ir embora, que eu não vou responder mais nada pra você”.

HEITOR: E eu também virei pra ele e falei assim: “e outra, se você falar que a gente não pode por causa que a gente é homossexual, você está sendo preconceituoso... tá? Porque não sei o quê, porque... eu acho que isso é preconceito, porque isso não impede e que não pode, que não pode usar desse argumento”, ai lá na porta, já indo embora, assim, já estava meio na saída, falei: “olha, gente, eu vou”, foi onde ele falou: “ó, infelizmente, eu não, a gente não tem nenhuma base, a gente não tem informação, a gente não sabe o que acontece...” [...] “Então eu vou ter que fazer uma pesquisa, tudo tal, pra ver”. Mas assim, antes disso eu tive uma conversa com uma cliente minha, que é professora, educadora, tal... e ela me falou um negócio, que eu, eu talvez até entenda a situação desse psicólogo, dessa assistente social, ela falou: “Heitor, você vai preparado, porque eles vão ser bem assim, meio pessimista mesmo, vão te fazer muita pergunta, porque eles vão estar te testando, pra ver se você está preparado pra criar uma criança e se realmente você não quer por querer, e se você está de... e essa situação por ser homossexual, se você está preparado pra enfrentar a sociedade, as perguntas, a educação da criança, a orientação que você vai dar pra ela, então, às vezes, eles vão te fazer umas pergunta muito forte. Então, você tem que saber que é pra você, que você vai enfrentar isso, eles tem que saber se você está preparado pra... pra isso, né? Que a vida vai ser assim”. Ai então isso eu já...

quando eu fui nessa segunda entrevista... não, foi antes a do Fórum... então eu fui assim, eu já estava... meio que preparado, mas mesmo você chegando lá, eu me decepcionei... se eu não estivesse conversado com ela, eu acho que eu ia... ai, eu já tinha tido: “eu desisto. Jura que é desse jeito?” (risos) Mas o... o psicólogo que chegou aqui, disse: “ai, a casa de vocês está sempre arrumadinha, depois ela não vai ficar limpinha assim, não... porque criança e tal”. Mas você vem na nossa casa, está sempre...

PEDRO: Quando eu fui entrar no processo. Aí teve que fazer toda a análise psicossocial de novo, aí ele [psicólogo] me chamou lá no Fórum... aí a gente estava, já tinha até virado amigo, já né? E... pra fazer outra análise psicossocial, outra análise psicológica, falei: “gente, mas eu fiz faz tão pouco tempo”, “ah, porque precisa, porque precisa anexar no processo... blablabla”. Menino, ele mandou eu sentar na mesa, começou mandar desenhar: “desenha isso, desenha aquilo outro” [...] “Desenha... desenha um coqueiro, desenha uma casa, desenha não sei o quê... desenha agora a casa colorida e... e desenha um coqueiro”, desenhei o coqueiro, “olha o coqueiro”, olhei o coqueiro, “pra que vento que, pra que lado que está soprando o vento: pra esquerda...”, falei: “ai, não, para”.

HEITOR: A gente até sabe, né? Que se você faz uma casa, você tem que por janela... [...] O telhado, se tem... tem umas coisas psicológicas, que isso... não explica, né? [...] Que a árvore tem que ter raiz... tal [...] hoje isso daí está muito... todo mundo já sabe, então... se você vai numa avaliação psicológica e o... o... (palavra inaudível) trabalho, não sei se ainda faz isso é... você sabe que vai desenhar isso... então, eu acho que já nem funciona essas coisas de... pelo menos esses tipos de desenho, esses teste...

PEDRO: Aí eu cheguei e falei: “ai não, Ângelo”. Na hora que ele começou, eu falei: “Ângelo, de novo, Ângelo? Você está achando que eu sou louco, de novo? Para, Ângelo, com isso. Não tem nem vento aí, e você quer que eu falo pra que está soprando pra que lado, para com isso, Ângelo”. [...] Ai, olha, é umas coisas... que hoje eu dou risada, mas na época eu fiquei bem estressado (risos).

ENTREVISTADOR: E após isso, o que aconteceu?

PEDRO: Nada, ele autorizou (risos). Ele autorizou.

Mesmo com as dificuldades elencadas pelo casal nesse processo, o juiz deferiu a adoção. No entanto, foi com a entrada de uma nova juíza, que a adoção se concretizou.

HEITOR: Mas e... aí em noventa e, 2004, eu entrei com o pedido em dezembro... passamos pela avaliação psicológica, social, aí acho que no meio do ano, seis meses depois, saiu a decisão do juiz. Era o mesmo juiz que, em 2004 em... que em 1998 tinha negado, mas na avaliação psicológica e social foram favoráveis... [...] E o promotor também foram favoráveis... [...] aí saiu a decisão, então eu fui pra fila no meio do ano, em julho por aí. Da adoção, o Pedro foi citado, mas aí a fi, eu que fui só pra fila. E o juiz fala assim, quando me coloca na fila: “mesmo pesando a opinião desse julgador o

contrário da decisão da promotora e mesmo a avaliação sendo, mas achar que a avaliação psicossocial foram favoráveis, eu defiro o pedido”.

PEDRO: Só que ele deixou claro que ele era contra.

HEITOR: É... então ele falou assim: “eu defiro o pedido, eu coloco pra fila” só que assim: “põem eles na fila e larga” entendeu? Acho que, se ele não tivesse mudado, acho que a gente nunca teria adotado a criança. Porque eu conversei algumas vezes, pessoalmente com ele... [...] então nessas conversas, ele falou assim: “ai não, eu sou contra, não pode, porque papapá papapá” então... e aí, graças a Deus, mudou o juiz... entrou a doutora Raísa, ele saiu, chegou a doutora Raísa. E aqui ela fez um trabalho muito grande assim, que tinham duas instituições com crianças em abrigo... e tinha mais de setenta crianças assim... nessas instituições, então ela fez um trabalho, excluiu uma das instituições, fez um encaminhamento nas, pras famílias e famílias substitutas ou adoção dessas crianças. Então ela fez um trabalho muito legal assim... e aí eu vi, no final do ano que ela ia, essa uma, uma entrevista com ela, e que ela iria fazer um trabalho com as crianças pra adoção. Então aí eu fui até o fórum falar com ela, falei: “ó, eu vi uma matéria da senhora, eu estou na fila, eu quero saber se eu vou cha, ser chamado”, aí ela falou: “não, sem problema. Você está no cadastro? Está tudo certo?”, “está”, “então está, não, se tiver uma criança, a gente vai estar chamando, vamos...” eles iam fazer um trabalho que pegaram as trinta crianças e setenta crianças e colocaram pras famílias que se, queriam ou em... fazer essas crianças voltar pras famílias, se tinha condição e quem as famílias que não tinham condição é... fazer um trabalho pra essas crianças irem, pra passava natal e ano novo em famílias que estavam pra adoção, né? E aí, como a gente estava pra adoção, ela... passou uma, a Adélia pra gente. E até, ela no... antes com a Adélia, era... deu três nomes de criança, pra gente escolher qual que a gente queria... e a gente conhecia o caso das três, a gente não sabia do lance de destituir família, aí a... a gente falou: “ai, a gente não quer que a senhora... decida” mas a gente, e a gente sabia que aquelas três crianças tinham famílias, aí nós falamos assim: “mas essas crianças é só natal e ano novo? A gente não quer criança pra passar natal e ano novo. A gente quer uma criança pra passar natal, ano novo, páscoa, carnaval e etc, né?” ela falou: “então está, eu vou analisar então dessas três, qual que realmente tem mais chance de destituir poder familiar aí eu mando essa criança já com intenção de ficar. E aí, depois de uma semana vocês voltam aqui. Aí, quando a gente voltou, o nome que... que ela tinha dado era a Adélia, né?

Com a chegada de Adélia, Heitor comenta sobre os procedimentos realizados no Fórum desde o início do processo até a guarda definitiva, período compreendido de um ano. O casal relata que o processo foi rápido quando consideram que outras pessoas podem levar mais de dois anos.

HEITOR: A Adélia chegou em dezembro de 2005. Ficou por um período de convivência... três meses, acho que foi... não, a Adélia chegou natal e ano

novo... era pra mim devolver ela no dia dois... aí eu não devolvi, fui falar dia dois com a juíza, a minha guarda vencia dia dois, aí a juíza pediu mais... pediu pro meu advogado fazer um pedido pra mais trinta dias. [...] Aí, que é período de férias. Enquanto ia rolar a destituição do poder familiar nesse período. Aí depois que rolou a destituição, ela teve uma entrevista com os biológicos (pais)... aí depois dos trinta dias, pediu mais um processo, período de... acho que três meses pra... guarda... provisória... definitiva, pra rolar o processo de adoção. [...] Ela deu a guarda permanente, enquanto estava o processo de adoção... [...] De quando eu entrei com o pedido, que eu fui a primeira vez no fórum, entregar a documentação, foi em dezembro de 2004... [...] Até a Adélia chegar foi em dezembro, um ano. Dezembro de 2005. Geralmente demora mais, né? Tem gente que fica na fila dois, três anos. Mas a Adélia, foi, se foi um ano.

PEDRO: É... regularizar a situação dos papéis tudo... um ano, aí entre a análise, nãñãñãñã um ano. Foi rápido, eu acho foi até rápido... né?... prazo normal. Tem gente que fica aí quatro, cinco (palavra inaudível). O meu foi rápido.

Heitor conta que, após a guarda definitiva de Adélia estar regularizada em seu nome, Pedro solicitou no Fórum o reconhecimento da paternidade, que foi concedida em meados de setembro de 2006. Heitor revela que é justo Pedro ter esse reconhecimento legal, pois ele também é pai de Adélia.

HEITOR: Ficamos uns seis meses rolando o processo... até sair o meu... a adoção definitiva minha... [...] Aí quando saiu minha, minha, minha adoção, não tem mais volta, né? Aí o Pedro entrou com um pedido de reconhecimento da paternidade dele... [...] Aí já que a Adélia... convivia com nós dois, chamava ele de pai, e ele era pai também, junto comigo, nada... mais justo do que também ter esse reconhecimento da paternidade dele. Aí ele entrou com o pedido de... de adoção... desse reconhecimento. Eu acho que lá pra... setembro de... dois mil e... seis... veio a adoção, saiu a respeito da paternidade do Pedro, que seria a dupla paternidade.

O casal comenta que sempre quiseram ter mais filhos e por esse motivo permaneceram na fila de adoção. A partir desse momento, Heitor nos conta como foi o processo de adoção de sua segunda filha, Lara. Tudo se iniciou através de um telefonema despretensioso para a juíza.

HEITOR: É... então, aí a Lara a gente ficou na, quando a gente adota, você é perguntado se você quer continuar na fila de novo... [...] Aí a gente... continuou na fila. Aí... aí a Lara chegou... em novembro de dois mil e... [...]

A gente sempre quis ter quatro filhos... [...] Mas agora a gente não quer nem ter mais três...

HEITOR E PEDRO: (risos)

HEITOR: [...] a Lara aconteceu assim... a doutora Raísa, a gente viu uma matéria no jornal de novo (risos), meio parecido as história... que a doutora Raísa ia embora, estava sendo transferida. E aí eu comentei com a Adélia, e a Adélia queria ligar pra ela pra se despedir e tal... aí eu cheguei em casa e falei assim: “então, está, né?”, cheguei em casa a gente liga pra ela pra falar obrigado, agradece ela, tal, né? [...] aí a Adélia agradeceu, falou tchau, papapá... e eu também... falei: “ó, a gente é bem grato à senhora, tudo né?” porque ela de, ela deu a cara pra bater... né? Com alguma briga, né? E aí a... ela, ela alguns momentos da conversa, ela falava assim: “não se preocupem que... vocês estão na fila de adoção ainda. Ó, logo, logo tem uma criança aí... te, te, a gente terminou um processo aí que está pra ser liberado”, “não, não estou ligando pra falar da adoção, estou ligando pra agradecer, tal... não estou perguntando da fila agora”, eu sabia que estava na fila e que a fila estava andando... daí... ela, umas duas vezes, ela falou: “olha, está terminando um processo de uma menina aí, tudo, logo, logo a gente liga pra vocês”, “não, doutora, eu estou... ligando pra agradecer, tal”. Daí quando eu desliguei, eu fiquei com aquilo... “nossa, ela tão... assim, insistente com o assunto”.

Na mesma semana, após o telefonema para a juíza, Pedro, Heitor e Adélia foram à instituição (abrigo) visitar as crianças. Heitor relata com detalhes esse momento, a se destacar quando conheceu Lara.

HEITOR: Aí, como a gente ia (exercer a atividade profissional em forma de caridade) na instituição, a gente conhecia mais ou menos os casos das crianças, eu falei: “Pedro, eu que... aquele, aquela menina... lá... Luciana, eu acho que o processo dela deve estar voltando do Supremo” né? Que foi um processo que os pais perderam a guarda, mas apelaram pro Supremo, falei assim: “deve ser a Luciana que o processo está...”, “Nossa, você lembra de Luciana, tal?”, aí eu falei: “ai, não lembro”, “vamos lá... nesse final de semana conhecer?”, falei: “vamos, vamos no domingo que é dia de visita”, acho que eu liguei na quarta, né? Pra doutora Raísa vê... “então vamos no domingo, que era o próximo dia de visita”. Aí no domingo foi eu, o Pedro e a Adélia lá... quando a gente visitou as crianças, vimos Luciana, menininha... mas a menina nem deu bola... pra gente... né? Eu fiquei até assim: “nossa, essa menina acho que vai ser a minha filha e no primeiro encontro ela...” nem aí, né? [...] Aí ficamos por ali, quando estava quase encerrando a adoção, a, o horário de visita... a assistente social de lá... era amiga minha e... eu peguei e falei pra ela: “mas, ca” e fu, falei: “cadê os bebês daqui? Que os bebês... não estou vendo nenhum bebê?” [...] Ela falou assim: “Ah, estão dormindo agora, Heitor”, falei: “ai, eu queria ver”, falou assim: “ai, Pedro já vai dar o horário, já vai acabar o horário de visita...”, aí eu falei assim: “ai, deixa eu ir lá ver, tal, só vai eu”. Aí ela pegou na minha mão assim e foi me levando pro quarto, aí ela fez um comentário assim: “nossa, acabou de chegar uma menina essa semana, que é a cara da Adélia...” olha, acho que foi um anjo que falou pra ela falar isso, quando a gente entrou no quarto,

tinha uma meia dúzia de bebês dormindo e a Lara era o primeiro bebê, ela não tinha esse nome, ela chamava Sheila, a Lara... Aí ela como estava comentando dessa bebê que tinha acabado de chegar, a gente ficou na bebê... e ela falou assim: “olha, Heitor, chegou essa me, semana”, falei assim: “nossa é, é filha, o que aconteceu com a mãe? Mãe deu? Roubaram? O que aconteceu?”, aí ela: “nã, nem sei, a gente não sabe, Heitor, chegou essa semana”, aí a boquinha dela era assim beicucinha, né? Ela tinha um nome que a gente gostava, que era Juliana que era o nome da avó do Pedro, que Adélia é o nome da minha avó. Aí o... quando eu olhei aquela beicuda dela, falei assim: “nossa, não me tira, boca de Juliana (artista de cinema) ela já tem, né?” E aí... ela comentou que a nenê tinha acabado de chegar, tal, falei assim: “ai, parece um pouquinho mesmo com a Adélia” e fui embora, desci o sinal tocou, o Pedro... aí o Pedro pegou falou assim, eu falei: “ai, eu vi uma nenezinha, lá... ai, Pedro, você precisa ver que gracinha”, eu não vi as outras crianças. Aí o Pedro queria ir ver, eu falei: “ai, já tocou o sinal tem que ir embora, tem que ir embora, tem que ir embora” super... esses lugares, né? Falei: “ai, a gente volta no domingo que vem, né?” Adélia também queria ver o nenê. Aí falei assim: “a gente volta no domingo que vem”.

Heitor comenta sobre as duas visitas seguintes ao abrigo. Nesse momento, o casal diz que não sabia que Lara era irmã biológica de Adélia, e atribuem o surgimento do interesse por Lara ao fato da “ligação do elo espiritual” das irmãs. Eles contam sobre o desinteresse pela outra menina do abrigo, Luciana, e também acerca da desconfiança do fato de Adélia e Lara serem irmãs.

HEITOR: Eu, dei, larguei o Pedro trabalhando na quarta, que era dia de visita, e fui sozinho lá ver a nenê, né? Aí já peguei ela acordada, já fiz uma foto... né? E cheguei no (local de trabalho) não falei pra ele que eu tinha ido lá, peguei ele e falei: “adivinha onde eu fui?”, falou assim: “aonde?”, “eu fui ver a nenê lá na (nome da instituição de abrigo)”, “é, você largou eu trabalhando aqui e foi lá” (risos). Aí eles ficaram mais aguçados de conhecer a nenê, aí fomos de novo no domingo, e aí no domingo estava frio, tem vários detalhes assim, estava frio e eu não go, eu não gosto de prender o cabelo da Adélia... eu acho que ela tem, é testuda, assim... e aí, como eu... como estava frio e a gente já estava atrasado, eu falei: “prende esse cabelo”, porque junta tudo, molha só em volta, assim, cola e pronto (risos). Prendi o cabelo dela, é que coisa acho que um, nesses sete anos, eu acho que deve ter preso umas duas, três vezes, talvez em festa junina, quando tem que prender Maria-chiquinha... né? E nesse dia eu prendi o cabelo dela. E aí, quando a gente foi visitar a nenê, fi... vimos a nenezinha, tal, papapá... a Lara chamava muita atenção, né? Como é que era, né? A gente não sabia, mas a gente fica nela... [...] E tinham tantas outras crianças, né? Aí... a gente, eu peguei e falei assim: “Adélia, junta aí” por que que eu não fiz foto da Adélia com outras crianças? Eu fiz só com a Lara, né?

PEDRO: Porque o elo espiritual das duas estava ligado (trecho inaudível) com a gente...

HEITOR: Já estava! É... já estava assim... vibrando, sabe? A gente ficou vendo essa nenê... a gente não sabia de nada, não tinha nem noção de que eram irmãs. Aí eu peguei: “fi, Adélia, junta filha” não podia fazer foto, falei: “junta, vamos fazer uma foto! Tic”, fizemos, fiz umas duas fotos assim, rapidinho... a Adélia tem uma foto, assim junta... E revelei a foto, fiquei no (local de trabalho), né? Conhecemos a nenê... viemos embora, mas a gente ia pra visitar a outra menina... a Luciana. [...] Na verdade, a gente estava tentando, cri, começar a conviver com a Luciana, mas a gente chegava lá, a Luciana não queria nem saber da gente, aí a gente ficava lá com a menininha e a gente também não queria nem saber da meni, acho que, coitada da Luciana. A Adélia até brincava com ela...

PEDRO: Mas é porque ela foi apática com a gente...

HEITOR: [...] Aí... eu com aquela foto revelada, depois eu vou pegar as fotos pra você ver, o pessoal falava assim: “nossa, Heitor, ela tem os olhos da Adélia. Nossa, Heitor, elas se parecem”, a Lara também não tinha cabelo, era carequinha... né? Bebê... [...] Cinco meses ela tinha, e ela tinha acabado de chegar, ela tinha chegado na quarta, quinta-feira... [...] E a gente foi no domingo. Primeira vez que eu fui. Aí, é... tudo, eu falei assim: “é verdade, né? Os olhos assim, a expressão são parecidas”, aí eu falei: “ai que legal! Né? Podia adotar uma menina que realmente as duas se parecessem, né?”, a Lara é mais clara, só. Aí... mos, todo mundo que eu mostrava a foto: “ai, tem uma bebezinha lá, ó, a gente vai ver se... logo, logo quem sabe ela vai ser, passar pra adoção, talvez vem pra gente”, quando eu mostrava essa foto, todo mundo: “nossa, Heitor, parece com a Adélia. Heitor, tem os olhos da Adélia”, aí eu comecei a ficar desconfiado, falei assim: “é, realmente, parece, né?”

Heitor narra com detalhes a respeito da trajetória da descoberta de que Lara era irmã biológica de Adélia.

HEITOR: Aí eu fui no Fórum, saber... da... nenê. Cheguei lá, primeira vez: “ó, tem a menina lá chamada Sheila, que é uma bebezinha, eu queria saber notícia dela”, “ai, Heitor, acabou de chegar”, “então, será que ela vai ser pra adoção, tal, porque, aí, eu queria adotar, mas o meu cadastro não está, está a partir de dois anos”, “ah então” eles falaram “então você tem que alterar o seu cadastro, mas Heitor essa...”, eu falava: “mas e ela? Aquela nenê. Gostei tanto dela, achei tão bonitinha, parece com a Adélia, papapá”, “ai, Heitor, essa daí acabou de chegar, ih... vai demorar ainda, ai tem que ver investigação familiar, tantantan, um monte de coisa” aí eu falei assim: “então está”. Aí nisso eu alterei o cadastro, né? Pra bebê. “Mesmo, Heitor” aí falavam pra mim: “se for liberado, o seu cadastro é a partir de dois anos (de idade)”, falei assim: “então eu altero”, “aí então você vem aqui e faz um cadastro”. Aí passou uns quinze dias... eu e todo mundo falando e insistindo da aparência, eu lembrei que eu tinha visto a biológica [mãe de Adélia] pra rua... boxuda [grávida], no final do ano. [...] Aí, mais ou menos, calculando... como, a idade que a nenê, que a bebê tinha... e como ela... estava grávida, eu falei: “essa nenê deve ter... aquele bebê grávido que ela estava, em outubro, estava muito boxuda, deve ter nascido em dezembro, mais ou menos, a idade

que a bebê tinha”, que era cinco meses, aí eu falei assim: “só faltava ser... a filha daquela lá, daquela mulher, né?” Daí quando eu voltei do Fórum pra entregar o papel do pedido, da... de inclusão, foi onde eu entrei com o lance do... do papel, que elas falaram: “olha, eu estou desconfiado que aquela nenê é irmã biológica da Adélia”, “ai, Heitor, só faltava, né?” falei assim: “você não sabe como que é o nome da mãe?”, “Heitor, a gente não tem, o processo da Adélia já acabou, a gente nem lembra aqui o nome da... da mãe dela e outra, a gente não fica aqui, toda criança que chega aqui pra adoção, a gente não fica procurando em todos os processos de adoção, se por acaso algum irmão ou irmã foram adotados, só se o processo corre junto, todos os irmãos vão junto pro Abrigo”, aí foi onde eu falei: “não, eu sei o nome da mãe, então...” aí eu escrevi no papel, foi onde elas foram consultar e a reação que elas tiveram eu vi que era uma... eu falei: “ai, é a mesma!” Que elas se surpreenderam com o nome que eu dei...[...] Elas voltaram, aí eu fu, aí, aí a... voltou ela foi dando assim aquele lance assim, de que... [...] “Aí, tem que ficar calada”. Aí eu fiquei assim, 50%, 60, 70 de... 50% de certeza que era irmã. Cheguei pro Pedro: “Pedro, você não acredita a, a Sheila é irmã da Adélia”, ela chamava Sheila.

Heitor prossegue narrando acerca da certeza de que as meninas eram irmãs e também sobre a percepção de algumas pessoas que achavam que ele estava com interesse prévio em Lara e, por esse motivo, fazia uma “sondagem” nos arredores de onde ela ficava.

HEITOR: Aí... a gente (exerce a profissão) vem muita gente carente (procurar o serviço) na escola, começou a aparecer gente lá da, da biológica: “ah, vocês estão visitando, né? A filha da outra” aí foi onde, onde a gente foi tendo a certeza. “Ah, mas é filha dela? A gente não sabe, será? Acho que não, papapá, não”. Aí por a... eu fazia um caminho pra vir pra cá, ali no (nome de uma escola), eu virava a primeira rua e virava pra cá, e passava pelo meio ali do lugar e era... ali que a nenê estava, que a mã, que a biológica quando nasceu o nenê, deu a bebê pra uma mulher de um bar e nesse caminho eu passava na frente do bar. Aí chegou, um cara que vende cigarro nesse bar, era aluno meu (da minha escola), aí ele falou assim: “Heitor, você tá, você está passando de lá da frente do bar, né? Pra ver se a nenê está lá...”, eu falei assim: “que bar?”, eu achava que era um outro bar, na rua (nome da rua) é rua que todo mundo passa, falei: “gente, não tem como não passar na frente daquele bar”, “não, mas ela falou que me, fazia tempo que você estava sondando” aí eu fu, então começou a chegar histórias pra gente... [...] Falei: “gente, mas é a rua (nome da rua), como que eu não vou passar na (nome da rua)?” é a rua central, sabe? Tipo prefeitura, fórum, a rua do centro? Aí, falou assim: “você não chegou a passar por lá”, mas eu falei, ele falou: “não, Heitor, não é”, eu falei: “mas não é a... a Nara do bar ali? Da (nome da rua) de frente pro posto, tantantam?”, aí ele falou: “não, Heitor, é do outro bar ali, não sei o quê”, aí eu falei: “ai, eu passo por lá mesmo pra cortar caminho e a minha empregada mora atrás, às vezes eu passo pra ir na casa, da, empregada” aí ele pegou, falou assim: “não”, aí eu falei assim: “nossa, eu não acredito, nossa” eu falei: “eu passo mesmo”. E eles viam eu passar de carro, achavam que eu estava sondando a criança, né? Eu falei assim: “ai, eu não”, falei: “ói, eu não sabia”, falei: “nossa (trecho inaudível)” que... eu fui, e aí depois quando eu vi o processo, tinha umas

fotos dessa mulher do bar, que eu fui ver: “nossa, realmente é essa mulher desse bar, tantantam, né?” Então, assim... a gente não sabia mesmo que era a bebê, né? Que era... tanto é, como... então, nunca depois dessa história eu nem entro mais ali (gargalhada). Então, eu não sabia mesmo, né? Senão eu nunca tinha passado aí, eu passava, ainda cumprimentava ainda, você acha? Conhecia todo mundo, (exercia profissão) de todo mundo comigo, todo mundo, nos eventos da praça, da escola, da...

Heitor relata brevemente sobre sua relação com a mãe biológica de Adélia. Depois descreve o início do processo burocrático da adoção até a guarda de Lara pelo casal.

HEITOR: A biológica [mãe], antes da Adélia, ela vivia no (era cliente), depois só que ela parou, porque a gente falou: “ó, não queria que você não viesse mais aqui, tal, porque não pode, não quero que você encontre com ela”. Então assim é... eu passava: “oi, tudo bem? (trecho inaudível)” pra eles, achava que eu estava... de olho na bebê, né? Então aí nisso, aí eu fui, falei com Renata, a minha advogada, a advogada falou: “vamos então, comunicar o juiz”, não o meu, o outro advogado, que foi o caso de, da Adélia e depois ele não pôde pegar o processo da Lara, passei pra outro, liguei pro Guilherme: “Guilherme, você não sabe o que eu descobri, eu descobri que a Lara é... irmã, que a Sheila, a neném que está lá é irmã da Adélia e logo ela deve sair pra adoção e eu quero ficar com essa criança”, ele falou assim: “então, Heitor, você faz um pape, vai lá com o juiz, conversa com ele, como não é mais a doutora Raísa, a doutora Raísa foi embora, você explica pra ele, conta tua história, leva fotografia, caderneta de poupança, boletim escolar pra mostrar que está em escola particular, tantantan-tantantam, mostra que a Adélia está sendo bem cuidada, e... explica pra ele, vamos ver o que ele fala”, aí eu fui, mostrei as fotos, conversei com ele e falei: “ó, tem uma criança que foi ado, a Adélia foi adotada assim e agora tem outra ne, irmã que é irmã dela, a gente quer também ficar com essa criança, só. Está rolando o processo de destituição de família ou de... ver onde essa criança vai, se vai ficar com a mãe, por que que não estava com a mãe? Se, cadê o pai? Com quem que pode? Se tem tia”, aqueles processos, você deve saber, né? [perguntando ao entrevistador] Aí, a... “Então aí, só depois disso que eu posso te falar alguma coisa”, então eu falei: “então, eu que, mas essa criança eu queria que ficasse pra gente”, “não, então, eu não posso falar nada, tem que acabar essa história, né?” Aí, a gente resolveu fazer um papel e oficializar isso, pra ir pra dentro do processo, né? Pra se... que a gente também fosse, que se, não ficasse com ninguém da família, que teria um interesse já de, da gente como adoção da nenê, né?

[...] Então, aí realmente foi destituído o poder familiar, aí já veio a guarda com a gente, tudo, tal... né? [...] a Lara tinha cinco meses, demorou seis meses, aí quando a Lara estava com onze meses. Aniversário de um ano dela, em dezembro, a gente já estava um mês com ela, passando só final de semana, aí única data que tinha do buffet, tal, era uma sexta-feira. Eu lembro que ainda fiz um pedido pro juiz, pra ele liberar a ela, a gente na sexta, pra gente poder fazer o aniversário dela. [...] Aí o juiz me deu o... na quinta-feira, tive que ficar lá até... noite lá... pra ver se ia ter o aniversário no outro dia, no outro dia quase não foi ninguém no aniversário, porque tinha que avisar... [...] depois que acabou o processo, em novembro assim, por aí. [...]

A Lara agora está com dois anos, ela fez dois anos em dezembro, dois anos e quatro, cinco meses.

Por fim, Heitor menciona uma característica que se refere ao despreparo quando a adoção é autorizada e à vinda da criança, comparando a situação com uma gestação convencional.

HEITOR: Ela tinha... quando você adota, de repente “pum!” você engravidou, teve gestação, en, engravidou, teve gestação e já chegou, nasceu! [...] Então você não tem tempo pro chá de bebê, pra nada... então, quando a criança chega, você tem que correr ali, você não tem nem roupa para trocar, porque você não sabe o tamanho, que roupa que usa.

Candido/Francisco

A irmã de Candido, usuária de drogas, engravidou e ofereceu o bebê para o casal. Com isso, Francisco e Candido passaram a acompanhar a gravidez. Com o nascimento de Rachel, a irmã de Candido “mudou completamente a cabeça e sumiu [com a criança]”. No entanto, devido aos maus tratos, Rachel foi recolhida da mãe e levada a um abrigo. A partir disso, o casal iniciou o processo judicial de adoção de Rachel. Eles comentam que a situação foi inesperada e que não estavam preparados para receber a criança. Observemos os relatos:

CANDIDO: Minha irmã [...] é usuária de droga e ela engravidou. Ai ela falou assim: “[...] você quer a criança pra você cuidar?”, eu falei assim: “lógico que eu quero”, o meu sonho era ser pai e do Francisco também. [...] a gente levou ela em ginecologista, levou pra fazer o pré-natal inteirinho, até que teve uma hora que ela falou assim: “ah, eu não vou dar a menina mais pra vocês”, e mudou completamente a cabeça e sumiu. [...] Daí a gente desistiu da possibilidade de ser pai.

Daí a criança [Rachel] foi recolhida dela, por maus tratos [...] foi pro abrigo. Ai a minha tia falou assim: “olha, Candido, a oportunidade de vocês ficarem com a Rachel é agora, vai atrás”. Ai nós fomos atrás... assim, foi tudo inesperado, não foi nada planejado, a gente não tinha quarto, não tinha berço, não tinha roupa, não tinha nada [...] a gente sempre teve o desejo de ser pai.

Após o início do processo de adoção, o casal conta que os acompanhamentos psicológico e social foram favoráveis a eles. Comentam que Rachel estava em um abrigo que tinha como suporte as “famílias acolhedoras”, isto é, famílias que periodicamente ficavam com as crianças. Para a adaptação, Rachel passou cinco dias com Francisco e Candido, e retornou para a “família acolhedora” que até então cuidava dela. Logo na semana seguinte foi deferida a guarda provisória de Rachel. Francisco revela que a guarda definitiva sairá em nome de ambos:

CANDIDO: Aí fizemos acompanhamento psicológico, acompanhamento social, eles vieram aqui em casa, avaliaram [...] todo mundo deu “ok” [...] Aí teve a questão da adaptação com a criança, pra poder criar um vínculo, né? [...] A Rachel passou cinco dias com a gente, nesses cinco dias que ela veio, ela voltou outra pro abrigo [...] demos amor e carinho. [...] Daí ela foi pra “família acolhedora”, a família que cuidava dela nesse período do processo. [...] Até que na semana seguinte saiu à guarda dela, a guarda provisória.

FRANCISCO: Vai sair o nome dos dois.

A mãe biológica de Rachel não é favorável à adoção. Por terem sido identificados maus tratos e ela não ter condições de criar a filha, a criança foi recolhida da mãe. Segundo o casal, atualmente “surgiu” um pai de Rachel, mas até então eles sabiam que o pai biológico está recolhido no sistema carcerário. Com toda essa situação, a guarda definitiva ainda não ocorreu. Candido e Francisco almejam que ocorra logo, para a garantia de direitos de Rachel.

CANDIDO: Estava prestes a poder sair à guarda definitiva dela, só o que aconteceu... agora... surgiu um pai, da onde a gente não sabe de onde saiu. Então isso só vai fazer com que o processo se prolongue mais... vai se prolongar mais. Mas a gente tem esperança que a guarda dela saia o mais rápido possível.

FRANCISCO: Até onde a gente conhece, o pai da Rachel é... hoje ele está recolhido no sistema carcerário. E segundo a advogada que nos orientou, é... uma vez preso, ele não tem direito algum sobre nada do que acontece no mundo... fora da cadeia. Ele não tem poder de pai [...] E agora a gente está esperando essa definição [judicial]... [...] Mas como ela [Rachel] já tem um vínculo com a gente, ele [juiz] não vai tirar ela da gente. [...] No nosso caso, por a mãe discordar da adoção que travou essa parte final [...] Eles [Justiça] ainda querem priorizar o poder da mãe [...] Que aconteça logo essa parte

final e mude logo para que a gente possa garantir os direitos dela [Rachel] também.

Por fim, Candido exprime sua opinião sobre a burocracia do processo de adoção no Brasil.

CANDIDO: Um heterossexual pra adotar uma criança, demora em média de cinco anos [...] até sair todo o processo [...] Aqui no Brasil é muito burocrático, você acaba desistindo de... de ter adoção por causa disso.

4.2.2.2 Reprodução humana assistida

Ione/Anita

Ione e Anita relatam sua história acerca do acesso à maternidade que, no caso delas, foi por inseminação artificial. Inicialmente, elas contam sobre o amadurecimento da ideia de serem mães e o modo que realizariam esse desejo. A inseminação artificial foi realizada em Anita há dezessete anos. A participante comenta sobre as complicações de sua gravidez-de-risco e sobre a felicidade de sua parceira em saber o sexo do bebê. Lima, o filho do casal, atualmente tem dezesseis anos de idade.

IONE: Então e... aquilo ficou... e quando nós nos conhecemos, ela sabia disso [vontade de ter filho], daí a gente foi amadurecendo a ideia... tal... quando surgiu a oportunidade, ficamos sabendo do, da, da inseminação em (nome de uma cidade 5) tal e fomos atrás, pesquisar e... resolvemos fazer.

ANITA: E... a gente foi juntando dinheiro... porque, não era uma coisa... tão simples assim, nem tão barata. E... eu fui amadurecendo a ideia, porque o medo maior era meu, né? Porque ela não queria gerar, eu tinha tido problema na gra, na gestação da Alessandra e tinha perdido gêmeos. Então, eu tinha um... tinha bastante receio, assim... da gravidez.

ANITA: Dezessete já, né? [que a gravidez aconteceu]. Que ele [Lima] já vai fazer dezesseis. Só que ele na, nasceu de seis meses e vinte dias. Uma, uma gestação bem complicada... sabe? Na época, não é como hoje que você podia escolher o sexo, tal... ela queria um menino, porque ela queria um menino. No dia que o médico falou que era um menino, ela quase morreu! Eu achei que ela fosse ter um treco! E... quando o Lima nasceu... ele nasceu muito prematuro... eu fi, tive uma gravidez muito complicada, porque eu já tinha trinta e dois anos... é... tinha sido uma gravidez não-natural, né? E... eu tive muita complicação na gravidez, ele acabou nascendo prematuro... é... e... quase morreu, nossa! Quase perdemos o Lima por várias vezes... e... foi uma coisa, foi difícil, sabe? Ele ficou cinquenta e quatro dias... [...] Na UTI. Né?

Entre UTI e, e, e berçário externo... até vir pra casa com a gente... nasceu com novecentos e oitenta gramas... com trinta e um centímetros... mas foi assim, ela curtiu demais a gravidez.

Anita menciona sobre uma questão em que a família passa atualmente. Lima é registrado apenas no nome de Anita, o casal pensa em realizar um processo de adoção por parte de Ione para que Lima seja registrado no nome de ambas.

ANITA: Nós estamos assim... com um dilema, porque... ele não tem o nome agora, nem o meu, nem o dela, porque agora eu tenho o sobrenome dela, ele só tem o meu sobrenome. E a gente... quer fazer um processo pra... [...] Adoção. Porque daí ficaria no nome das duas. [...] Então, a gente deixou pra ele escolher, se ele quer ou não. Entendeu? [...] Porque é uma coisa que vai afetar diretamente a vida dele... é... de documento.

IONE: Inclusive documentação, né? Vai aparecer o nome das duas.

4.2.2.3 *Filha de um relacionamento heterossexual anterior*

Isabelle/Beatriz

Antes de conhecer Isabelle, Beatriz teve uma filha dentro de um casamento heterossexual que teve duração de dez anos. Ela revela que demorou a aceitar a gravidez, por conta de não aceitar o seu marido, na época. A mãe de Beatriz sempre ajudou a criar Maria Clara. Inicialmente, quando Isabelle e Beatriz foram morar juntas, a filha de Beatriz ficou com os avós. Isabelle foi quem decidiu que Maria Clara moraria com elas. A seguir, estão as particularidades dos relatos:

BEATRIZ: Eu já tinha a Maria Clara quando nós nos conhecemos, né? [...] Eu engravidei sem querer... demorei pra aceitar a... a gravidez, enfim, por conta da situação, não por conta da criança, porque a Maria Clara é muito doce. Mas por conta da situação de ter sido dele [ex-marido], de eu não aceita-lo, então foi uma coisa assim... mais complicada pra mim. Quando nós nos conhecemos [Isabelle], é... eu já era mãe, então não tem muito o que... decidir, né? [...] Aí a minha mãe pegou a Maria Clara e... ficamos nós [Beatriz e Isabelle], né? Enquanto casal... como se não tivéssemos filho. [...] A decisão de voltar com a Maria Clara, na realidade, quem decidiu isso foi a

Isabelle [risos], de, de nós morarmos juntas. Ela só me ligou e falou: “olha, eu... a gente vai morar com a Maria Clara, né? Conversei com a sua mãe, né?” [...] É... ela falou: “conversei com a sua mãe e nós decidimos que vamos ficar com a Maria Clara”.

ISABELLE: Foi mais um comunicado, assim [risos].

Beatriz exprime que seu ex-marido não aceitou a separação e o fato de ter sido “trocado” por uma mulher. Com isso, ele fez um “inferno” na vida do casal. Nos dias de hoje, o pai de Maria Clara a vê, a partir do período determinado judicialmente.

BEATRIZ: Ele não aceitou... a, a separação, e muito menos ser trocado por uma mulher. Então, isso assim, ele fez um inferno na nossa vida, né? Foi assim... ele infernizou.

ISABELLE: Agora ele vê a Maria Clara nos dias que ele tem que ver, que foi determinado pela Justiça, e na hora que ele tem que ficar com ela. A partir disso, nós já tamos indo fazendo B.O. [Boletim de ocorrência].

4.2.3 A rotina familiar e a criação dos filhos

4.2.3.1 A vida dos casais após a chegada dos filhos

A seguir estão as narrativas dos casais sobre as transformações na vida conjugal, decorrentes da chegada dos filhos. Adriana e Tarsila revelam que, no início, com a chegada de Nísia, se dedicaram à filha em detrimento da qualidade da relação conjugal, fato que gerou problemas que puderam ser resolvidos.

ADRIANA: Eu até ia comentar que, no começo, foi... a Nísia chegando, de início não existia mais Tarsila e Adriana. Era as duas para a Nísia, até que uma hora ela ficou, ela ficou revoltada, de chegar um momento, tipo assim: “meu, eu acho que foi a maior cagada que eu fiz”. Ai isso foi: “não, imagina... é adaptação, meu irmão também passou por isso, quando foi, quando a Luiza chegou, também ele passou por isso, e tal... isso é normal”. Ai passado um tempo, acho que uns dois meses, fui eu que surtei, porque aí, tipo assim, falei pra ela: “só eu que fico com a Nísia, não aguento mais, não sei o que, tal... nossa, não sei o que...”

TARSILA: Porque na verdade, ela puxava a responsabilidade só pra ela. Ela, ela... achava que só ela tinha que... ter as responsabilidades da Nísia. Então, quando a Nísia veio, ela arrumava a bolsa, ela fazia leite, ela cuidava da

Nísia, ela dava banho na Nísia, tudo ela. E eu me... [...] vi como perdi a mulher, e veio uma pessoa de fora que roubou. Que pra mim era de fora, porque o afeto estava sendo construído ainda (risos). E daí eu falei: “Adriana, ou você começa a passar função para mim também, que eu também quero ser mãe, ou não dá”. Tanto que assim, eu trabalhava muito no (nome da empresa), então a Adriana saía à noite e ficava com a Nísia e eu trabalhava. Então a Nísia perdeu a referência minha, a princípio, era só a Adriana, então: “Adriana, Adriana, Adriana, Adriana”, eu comecei a ficar puta, né? O que é que estou errando? E daí a gente sentou e conversou porque nossa vida sexual não existia mais, era só a Nísia, né? “Ai, porque a Nísia, a Nísia está no quarto do lado. Porque a Nísia, a Nísia...” [...] E querendo ou não, cansa. E quando a Nísia dorme, a gente também quer dormir, não quer fazer nada, né? E foi um dos estresses que rolou, a princípio. Depois desse estresse que eu falei: “ai, acho que foi a maior cagada” por quê? Eu me via perdendo as duas, eu não tinha nem a Nísia, que era a minha filha, e nem a minha mulher. “Uhu! Tchau, então, né? Então vou embora... fique as duas aí e tchau!”.

ADRIANA: Passando função [para resolver a questão]. Tipo, tirando toda a responsabilidade sobre mim e passando pra ela também. Porque aí foi quando eu comentei também que eu surtei, eu falei assim: “só eu, só eu que cuido dela? Você não cuida da Nísia”. Daí que ela veio: “mas você não deixa eu cuidar, eu vou fazer alguma coisa você passa na frente, você não me deixa cuidar, então como que você quer que eu cuide se eu vou tentar e você não permite?” Aí também, porque aí caiu a minha ficha, falei: “pô, realmente, eu estou... pegando a Nísia somente pra mim”. Aí que eu comecei: “então, agora você vai...” Aí tinha noite que a Nísia acordava e: “sua vez” (risos).

Pedro e Heitor declaram que o centro de suas vidas passou a girar em torno das vidas de suas filhas. Eles vivenciaram o emergir de um novo modo de vida, pautado na rotina de cuidados e responsabilidades na criação das filhas.

HEITOR: Horário pra comer, pra acordar, pra ir pra escola... né? Trocar de roupa, buscar na escola, sair da escola, chegar... então a criança tem essas regras, tem esses horários, que são dela, né? Tem que almoçar, nesse caso, antes delas a gente não tinha horário pra almoçar, pra jantar, e se não comia nada, tudo bem... então, ela veio colocar regras, né? E horários ali no nosso esquema... [...] É tudo delas... passeios, os nossos passeios, as férias, tudo... são programadas em cima das atividades delas, né?

PEDRO: O teu centro começa a girar em torno delas... [...] a gente acaba se privando, as vezes, de sair tudo... porque é as duas crianças, tem até minha avó que (trecho inaudível), mas a gente não gosta muito. Então, quando, a gente prefere ficar com elas em casa... mas o tempo, o nosso tempo começa a girar em torno delas.

HEITOR: [...] dessas responsabilidades é tudo aquilo que eu falei, é tudo o foco delas, o horários que elas acorda, se vai acordar, que horas que vai acordar, programação, e se a gente tem algum compromisso, procurar organizar elas também pra de acordo com essa obrigação que a gente tem... né? O trabalho, tal...

Ione e Anita contam que a relação conjugal foi “esquecida” por um período, devido ao envolvimento de ambas com a chegada e o desenvolvimento de Lima. Anita pontua sobre o companheirismo de Ione e o novo sentido que Lima trouxe na vida das duas.

ANITA: A minha irmã, quando ela... o nenê nasceu, meu, meu cunhado teve ciúmes... então, diz que ela dava mais atenção pro nenê, tal. Nós não tivemos esse problema, foi uma coisa bem tranquila, sabe? Não sei se porquê nós sofremos tanto pra esperar essa criança, nós sofremos tanto pra ele chegar... pra ir pra casa... que nós não tivemos assim... problemas achar, sabe? De uma ter ciúmes de estar dando mais atenção pra criança do que pra ela... porque, a gente até acabou se esquecendo um pouco da gente, né?

IONE: É, porque a gente participava juntos, né? Assim... está (palavra inaudível) de estar, estar sempre junto com ele.

ANITA: É, tipo... se eu, se ele tinha uma coisa ela não estava em casa... eu ligava correndo pra ela, ela já vinha pra me levar... sabe? Pra... porque como ele nasceu muito prematuro, a gente tinha medo, sabe? Qualquer, se tinha alguma dúvida, ligava pra ela: “vamos fazer tal coisa? Eu, eu vou... é melhor fazer assim ou fazer assado?” Sabe? E durante um tempo, nós até esquecemos um pouco da nossa vida, sabe? [...] A nossa relação. É... e assim... íntima, em função dessa coisa... sabe? Dessa... a gente estava bem, tão maravilhada com a, com a chegada daquela criança em casa, sabe? Com a chegada do nosso filho... de ver... ele chegar em casa com dois quilos, sabe? E ir no médico: “ai, ele engordou quinhentas gramas”, sabe? “olha, ele está bem”, é... o médico falou que ele ia ter sequela, que ele ia demorar pra andar, pra falar... e ele, sabe? Sempre muito esperto, sempre fez tudo assim... é... na o, no, na época certa... porque como ele nasceu muito prematuro e teve intercorrência no parto, em (nome de uma cidade 1) tinha um projeto... é... naquela, no Centro de Reabilitação, então... onde as mães e a criança participavam desse projeto até a criança fazer um ano de idade... e também eu tive muito apoio psicológico, porque eu tinha uma... uma coisa muito estranha, porque eu não conseguia ficar longe dele... sabe? Assim como se eu ficasse longe dele, ia acontecer alguma coisa, isso começou a fazer mal pra mim, porque eu não me cuidava mais, eu não tinha mais minha vida. [...] Então, eles me ajudaram muito... nessa coisa, sabe? De... de começar a, a... a perceber que eu tinha... a criança, mas eu também tinha a minha vida. E a... e a Ione sempre foi uma companheira assim maravilhosa, sabe? De chegar em casa cansada, mas como eu estava cansada de ficar com ele o dia inteiro, mesmo tendo trabalhado o dia inteiro, ela ficava com ele... se ela chorava à noite, ela levantava pra... pra dar mamadeira, ela estava estudando pra um concurso, então eu ia dormir um pouco ela ficava lá estudando e chacoalhando o carrinho com o pé, sabe? [...] Então assim, não causou...

nenhum, nenhum problema pra gente. Pelo contrário, sabe? Foi muito... gratificante, a chegada dele na nossa vida, sabe? Ele, ele deu um outro sentido pra nossa vida.

Isabelle conta que, com a vinda de Maria Clara, teve que aprender “a dividir” Beatriz com mais alguém. Além disso, houve alteração da rotina familiar, com as novas regras devido à chegada de uma criança.

ISABELLE Até então, eu tinha ela [Beatriz] todinha só pra mim... eu tive que aprender a... a... dividir ela com outra pessoa. Tive que aprender a não... é... não poder fazer coisas a hora que eu queria, ir a lugares a hora que eu queria [...] “vamos ao cinema... vamos à boate”[...] não dá pra fazer isso, a gente tem uma criança dentro de casa agora, né? Não podemos ficar saindo qualquer hora que quer... pra onde quer... [...] Foi difícil mais do lado assim... acostumar a ter mais alguém. [...] Agora [com a chegada de Maria Clara] tem que ter uma regra [...] tem que uma janta, tem que ter a comida, tem que ter o lanche da escola, tem que ter o quarto, a hora de tomar banho, a hora de dormir, a hora de fazer tarefa, quanto tempo pode ficar assistindo televisão ou computador... tem tudo isso daí.

Beatriz relata que, desde quando Maria Clara nasceu, quem assumiu o papel de cuidadora da criança foi sua mãe. Com Maria Clara indo morar com o casal, Beatriz disse que teve que aprender a ser mãe de uma menina de oito anos de idade. Isabelle comenta que teve que ensiná-la a ser mãe.

BEATRIZ: Desde quando ela [Maria Clara] nasceu, foi a minha mãe que cuidou. Ela que dava papinha, ela que dava banho, a minha mãe que fazia tudo, eu só pari! [...] De repente é, veio uma criança com... oito anos de idade na nossa vida, que já tinha personalidade, que... já tinha as vontades... [...] assim, ela estava acostumada com outro padrão de vida. [...] Eu tive que aprender a ser mãe, porque até então eu, eu não sabia.

ISABELLE: Eu tive, que na verdade, praticamente... ensinar ela. Porque ela ficava de um jeito assim [...] meio perdida.

Francisco e Candido falam que, após a chegada de Rachel, a vida teve outro sentido. Houve transformações na rotina do casal, que agora vive em função da filha.

CANDIDO: Faltava alguma coisa... e quando a Rachel entrou, ela preencheu o que estava faltando. Então hoje, eu tenho um porque viver... eu tenho porque lutar, eu tenho porque conquistar... pela Rachel.

FRANCISCO: É um complemento... a vida assume um novo papel depois que entra uma criança [...] você passa a ver a vida de uma maneira diferente. Até porque muda tudo, muda todo o seu planejamento financeiro, muda o seu planejamento de... de um futuro de médio prazo, de longo prazo... e você passa a viver em função dela. Pra prover tudo de bom, tudo de melhor.

CANDIDO: A gente ia pro cinema, ia pra balada [...] tudo o que um casal normal faria. Ai depois que ela entrou [...] cortou tudo, mudou totalmente [...] cinema não dá pra ir com ela, festas dos amigos também não dá [...] a gente prefere ficar em casa, se alguém quiser vir, venha até a gente.

FRANCISCO: O lazer mudou, né? [...] Agora é um lazer familiar. A gente vai passear em shopping, mas é diferente. Não é aquele lazer de casal sem filhos, que pode tudo, pode... voltar de madrugada.

4.2.3.2 *A rotina familiar nos cuidados dos filhos*

Os relatos dos casais participantes demonstram as características da rotina familiar e de cuidados com os filhos. Observamos que as tarefas são divididas de acordo com a disponibilidade de ambos os membros do casal, priorizando os cuidados com os filhos.

TARSILA: Durante a semana a Adriana trabalha de manhã e eu trabalho na parte da tarde. Então de manhã ela vai pro trabalho e eu dou leite, acordo a Nísia, dou leite, levo pras terapias de manhã e levo pra escola. Aí à tarde, a Adriana vai buscar. [...] Leva pras terapias que tem à tarde e hoje a gente tem uma, faz um... [...] Um mês, a gente tem uma babá que fica com ela das seis da tarde às oito da noite. Por qual motivo? A gente perdeu funcionário, então a gente teve que se readaptar ao (nome da empresa) precisando da gente. E essa babá é uma amiga nossa, que gosta muito da Nísia, a Nísia tem muita afinidade com ela. Então ela brinca com a Nísia, ela senta no chão pra brincar, ela faz as coisas que a gente não tem tempo de fazer no momento, né? Isso a gente estava até conversando ontem sobre isso. E a gente chega, a Nísia está acordada ainda, a gente fica com ela. Porque a psicóloga diz que não adianta a gente ficar quatro horas com a Nísia e ficar no computador trabalhando. Pra ela, o mais importante que a gente fique quinze minutos, mas com ela. Então, sem nada na mão, dando atenção só pra ela. Isso a gente faz. À noite, as duas juntas, então a gente tem, ela tem essa referência com a gente.

[...] Então a Nísia tem um horário, tem rotina, nove horas da noite ela já está dormindo, já, né? Durante a semana. E essa rotina tem que ser seguida, a psicóloga diz, a criança precisa de rotina... então, a gente tem que seguir isso. Durante, final de semana, quando a gente vai trabalhar, ela fica ou com a madrinha ou com a fono que é a avó adotiva dela. Eu considero como a minha mãe. É uma segunda, terceira família pra gente.

PEDRO: [...] porque a Adélia vai de manhã na escola e tem que levar e quando vai buscar tem que levar a Lara, a Lara também já está na escolinha, aí a tarde tem que buscar e... é clube, é piscina, é isso... então, começa a girar em torno delas. [...] De manhã a gente, normalmente fica aqui em casa... [...] Eu fico mais de manhã com elas... [...] Porque eu acordo seis horas da manhã porque a Adélia tem que ir pra escola, né? Aí levanta, na hora dela... ela vai pra escola. [...] Normalmente o Heitor leva e eu fico em casa com a Lara. [...] ela acorda um pouco mais tarde... aí eu fico em casa, faço comida, tudo e... aí o Heitor chega, e já pega a... a Lara que já está pronta, leva pra escola e pra a Adélia. Aí a tarde a gente dá aula lá na minha escola. Aí a... vou dar aula a tarde, tudo normalmente, ou a Adélia tem clube ou vai pra escola com a gente, estuda lá na escola, às vezes, tem prova, alguma coisa assim...

HEITOR: E dentro de casa, assim, o Pedro é mais a... assim... cuidar da casa, fazer comida, roupa e eu... aí quando, como tem que ficar alguém em casa pra Lara que está dormindo, aí eu saio pra levar a Adélia, então já marco algum cliente no (local de trabalho), na volta, de manhã... antes de ir levar a Lara pra escola e buscar a Adélia. [...] Então, elas fica... a rotina fica, a gente divide os dois... [...] De noite, quando a gente tem muito aluno, a gente tem que ir os dois pra escola, à tarde, a gente, às vezes, reveza: “ah, hoje vai um, outro fica o outro” com a Adélia pra estudar, pra levar pra clube e tal. E a... agora, aí de noite essas três vezes por semana a, ou a avó vem aqui pra casa ou a gente leva as meninas pra casa da avó. Que aí tem uma su... tia lá que cuida também. Ajuda a cuidar.

[...] Humnnn... nunca foi assim: “você fica com isso e eu faço isso”. [...] naturalmente foi... que nem, se eu saio de manhã pra trabalhar e eu chego meio-dia... claro que, se ele ficou em casa, a casa tem que estar arrumada e a comida tem que estar pronta. Se ele sai pra ir pra Igreja, sábado de manhã, por exemplo, e ele vai chegar meio-dia... ele se... eu tenho que ficar em casa, eu que vou ficar responsável por aquela função de cuidar das meninas, de ter feito o almoço, de saber que horas a gente vai comer... [...] Então ele é muito essa parte de ordem, assim na casa. Eu não, eu saio, que arrumar cama: “pra quê arrumar cama? À noite eu vou desarrumar...” (risos). [...] Se tiver que sair, a pia está cheia, não, ele acorda de manhã, ele vai me lavar a pia... aí se a gente tem coisa faz assim, não, ele lava a pia! Né? E aí, a... eu não, eu saio quando, quando a hora que chegar do almoço eu lavo essa pia, se... eu não lavo a pia (gargalhada).

ANITA: A gente vive em função dele, vive em função de... dar uma boa educação... de, de, de formar ele numa pessoa de bem... sabe? De fazer ele feliz... e ele é feliz com a gente. [...] nossa vida é uma vida normal, como qualquer outra... a gente acorda cedo... aí eu dou... o, o leite do Lima... ele toma banho, vai pra escola, ela leva pra escola. Aí ela vai trabalhar... e o Lima volta da escola, ele al, eu deixo, a gente deixa a comida pronta, aí eu almoço com ele... volto a trabalhar... à noite ela volta e fica com ele. Nossa vida é uma... só rotina de... ele faz *taekwondo*, ele faz... toca guitarra... ele... à tarde, geralmente ele tem alguma coisa na, na escola, porque... lá na escola, a, a prova é... horário contrário da... aula, né? Então ele faz prova à tarde... e toda terça e quinta na... tem prova e toda quarta... tem aula de... tem laboratório de redação. Mas a gente vive numa família assim... comum, normal, é... eu acho que assim, não existe aquela coisa assim, apesar de... dele ver nela o, o pa, assim, o papel, a figura paterna, não existe assim aquela coisa: “aí, ela decide tal coisa, eu decido tal coisa”, não, a gente procura decidir junto.

BEATRIZ: De manhã eu fico com ela, a gente acorda, né? Toma café, ela vai fazer a tarefa dela... arruma o quarto dela, ela tem as responsabilidades dela agora que ela faz, né? Então... e, depois, é a hora que eu vou sair [trabalhar] e ela vai pra casa da avó dela, que é de lá que ela vai... pra escola. À noite, dia de semana, a Isabelle estuda também, então ela chega dez e meia da noite. A Maria Clara espera ela chegar... pra conversar com ela, pra falar, pelo menos boa noite, pra falar... então a Maria Clara espera. [...] Ela [Maria Clara] me ajuda nos serviços de casa. [...] E de final de semana, um final de semana ela fica com a gente e um com o pai dela. O final de semana que ela fica com a gente, a gente procura fazer alguma coisa diferente... [...] Ou vai comer alguma coisa, ou pede alguma coisa pra comer, a gente joga baralho [...] assistir filme [...] ela gosta de coisas de escrever, de raciocinar.

CANDIDO: A rotina de casa quem mais faz é ele [Francisco], como eu entro no serviço a uma hora da tarde e saio onze, uma hora da manhã, eu praticamente chego a fazer quase nada em casa. Faço quando eu estou de folga, que eu arrumo, que eu passo, lavo a casa, passo pano... só isso [...] Do almoço pra ela, dou banho, troco.

FRANCISCO: Eu tenho que levantar mais cedo pra trocar ela... dar mamadeira, trocar, levar pra creche... ai eu passo na padaria, compro uns pães, venho aqui, tomo o meu café, deixo os pães pra ele [Candido] tomar o café e vou pro trabalho [...] Ela fica na creche o dia todo. Ai... geralmente eu venho almoçar em casa e... a gente almoça e depois do almoço eu levo pro trabalho. Ai eu faço o meu trabalho à tarde, vou busca-la na creche e volto pro trabalho com ela, porque é uma situação ruim [...] por ser uma creche pública, o horário de buscar ela é muito cedo. Eu trabalho até cinco e meia, mas a creche só libera ela até as cinco [...] Ai eu volto, dai a rotina de retorno é banho, é preparar a janta, é brincar com ela, dar atenção.

A convivência familiar é algo importante e gratificante para os casais. Vários momentos foram destacados por eles como os mais importantes da família, com especial ênfase para a interação com seus filhos, ou seja, os momentos em que a família está reunida.

TARSILA: Ah, pra mim é quando as três juntas, sozinhas, sem ninguém...

ADRIANA: Em casa...

TARSILA: Em casa, bem gostoso. [...] Curtindo coisas simples, de... tocar uma música e ela começar a dançar e a gente brincar, sabe? Bem simples. Acho que pra mim, os momentos mais felizes são as evoluções que a gente vê na Nísia, por exemplo, ela acordar, bater na porta e ficar gritando: “mã, mã, mã”, sabe? Pra gente, pra mim isso é o mais feliz.

ADRIANA: [...] E os momentos, os finais de semana que a gente acorda, porque ela ba... ela desce da cama dela, vai na porta e começa a bater, você fala: “ê, a Nísia acordou”, aí ela vai pra nossa cama e... lá a gente fica, pelo menos umas duas horas na cama, com a TV ligada, nisso ela assiste, troca o

canal, brinca com a gente, puxa o cabelo da Tarsila, puxa o meu... e se enrola em uma, acho que esses são os mais, os mais gostosos, mais... produtivos, os mais produtivos (risos).

HEITOR: Ah... eu acho, se, se eu não sou... eu acho que não são assim... ah, ó, almoçar junto ou dormir... (palavra inaudível) a férias. Eu acho que isso é muito amplo. Eu acho que são... tem coisinhas pequenininhas, que nem o Pedro falou, de uma frasezinha, de uma falinha... [...] Então, que isso são, são, é maior do que vocês... são mais gratificantes ainda, que você, são res, são retornos que você tem de coisas que você está passando. [...] Na educação, no ensinar, no falar...

PEDRO: [...] que nem a Lara está aprendendo a falar, sabe? Eu... gosto muito desse lance de bebê que ela está aprendendo coisa nova... ontem mesmo ela catou minha chave e falou assim: “fechar o portão, papai, fechar o portão, papai”, então, são coisas assim, você não tem como... como você numerar o que é mais importante ou... [...] É... o que a gente está junto e a gente fica muito junto, né? Os quatro dentro de casa... então... eu acho que não existe um... específico, né?

ANITA: Quando está os três juntos. Que a gente possa, sabe? Estar... estar ou os três aqui em casa ou os três fazendo um passeio, sabe? É mais... quando todo mundo consegue ficar junto que... por causa da circulação do dia-a-dia não é muito fácil.

IONE: Mais aqui em casa... ou a gente está na sala aqui e ele está enfiado no meio das duas... [...] Ou quando a gente está deitada, ele se joga no meio e fica lá.

ANITA: Mas o nosso, o, a, o momento mais importante da família é quando está todo mundo consegue ficar junto, quando está todo mundo unido, junto, né? É brincando... conversando...

ISABELLE: Pra mim, eu acho que é mais a... a refeição, assim, ali, né? Todo mundo junto. [...] É o momento que você conversa, que você discute, às vezes, alguma coisa do dia ou... até o cabelo, sei lá, alguma coisa assim.

BEATRIZ: É o momento que a gente, que está nós três juntas, né? Então, é aquela coisa, às vezes, a gente está lá no quarto e a Maria Clara vai pra sentar pra gente conversar [...] Ou o nosso momento de lazer, ou o nosso momento de descontração que daí dá pra gente conversar, dá pra colocar o que um fez, o que o outro fez...

FRANCISCO: O momento que a gente está junto.

CANDIDO: Quando tem a oportunidade de os três ficarem assistindo filme, de os três brincarem, de os três se divertirem...

4.2.3.3 As características das funções parentais

As falas dos casais participantes enunciam as características das funções parentais exercidas. Podemos observar as singularidades das funções simbólicas parentais apresentadas

por cada membro dos casais, expressando os caracteres das figuras paternas e maternas. Por exemplo, em cada casal, é notado que um dos membros desempenha uma função mais circunscrita à apresentação e ao cumprimento de regras, enquanto o outro é mais condescendente e cuidador.

TARSILA: [...] Quando a gente... aí uma das duas faz dormir. Sempre normalmente, durante a semana, eu que faço ela dormir. É...

ADRIANA: Pelo motivo que, se eu for fazer ela dormir, ela começa a fazer graça. [...] Ela respeita mais a Tarsila e comigo ela tem a questão da... é... como fala? A afinidade. Comigo ela quer ficar brincando, ela começa a me apertar, me chuta...

TARSILA: Na verdade, ela é mais maleável que eu...

ADRIANA: Quando eu vou fazer a Nísia dormir, eu levo uns trinta minutos para que a Nísia durma. [...] A Tarsila vai, leva dez...

TARSILA: Tom de voz diferente, postura... então a Nísia, por exemplo, ela está aprontando, a Adriana pode morrer de falar que ela não para... eu falo: “Ní-si-a” e faço assim com o dedo (apontando), daí ela já para. Isso a gente começou a reparar faz umas duas semanas, que a hora que eu falo: “Ní-si-a”, ela já para. Então ela já sabe que alguma coisa vem. Então ela tem que começar a respeitar. [...] Porque a gente tem como lema, que a Nísia tem que aprender agora. Agora é hora dela saber quem ela vai respeitar e como ela vai respeitar. Que eu não quero ir pra uma festa, por exemplo, ela está aprontando e eu ter que esperar, bater, não. Eu quero olhar pra ela e ela saber o que ela tem que fazer. [...] Essa é a educação que eu tive e eu acho que é uma das melhores, porque educar você educa dentro da sua casa, você não vai educar o seu filho fora da sua casa. Você não vai educar. É então... a gente até, você perguntou de rotina, viagem com família, eu não vou fazer enquanto a Nísia não falar, enquanto a Nísia não andar... eu não faço mais. [...] Porque são muitas opiniões de fora, pra uma coisa que a gente já sabe como funciona. Então, olha só, com o seu filho só você sabe o que vai dar certo, os outros não sabem.

PEDRO: Em matéria, em questão de educação. E a gente, eu sou muito rígido com as duas, né? Eles falam que eu sou a madrasta (risos), porque a madrasta sou eu...

ANITA: Ah, né? Até hoje, né? Ela assim, quem dá mais, a mais, mais bronca é ela... quem pega mais no pé é ela, sabe? Mais quem leva pra escola é ela... quem vai na reunião da escola é ela... é... quem leva... pra casa dos amigos, é ela... Então assim, ela... eu fa, fico o dia inteiro fora, eu saio do serviço e vou pra faculdade. Faço faculdade em (nome de uma cidade 1). Quem fica com ele a noite aqui, é ela... quem faz, vai dar o jantar pra ele, é ela... eu só fico com ele na hora do almoço... eu venho almoçar em casa, eu almoço com ele. Apesar de ser assim... ele é muito grudado assim... porque... mãe é o que tem aquela, aquele instinto, sabe? Maternal, aquela coisa assim de... de estar

sempre... é... acolhendo, sabe? Estar sempre é... acariciando, se ele está, se está as duas aqui e ele chega, ele vem no meu colo pra ele receber carinho. Mas quando a coisa aperta, quando é alguma coisa assim... do dia-a-dia, a referência dele é ela. [...] Tanto que ele fala assim: “ó, quem está falando é o Lima, filho da Ione”, não é filho da Anita. Eu falo pra ele: “você saiu da minha barriga, viu menino!” (risos).

[...] É, a gen, na nossa relação é mais isso assim, essa coisa assim... de, de, pra ele, eu acho que ela representa a figura paterna, sabe? Pelo modo que ela trata, pelo modo que ela age, pela segurança que ela passa... porque quem sempre é... eu sempre trabalhei, mas quem provém a casa é ela, o salário dela é muito maior que o meu... então, quem paga a escola é ela, quem, sabe? Então acho que essa, essa coisa, sabe? De... de... de segurança, de... ela, ele, ele encontra nela. Então, acho que ele substitui a... a presença... do pai, ele substitui pela presença dela. [...] Eu acho que existe essa diferença entre o casal heterossexual e o casal homossexual, eu acho que... é, essa... esse companheirismo, essa cumplicidade, na, na hora de, sabe? Mesmo pra criar o filho... porque não tem aquela coisa pré-estabelecida: “ah, você tem que fazer tal coisa e você tem que fazer tal coisa” [...] E assim, eu vejo pela... pela relação da minha filha... pela relação da minha irmã, sabe? Onde é assim, é bem definido... o... essa, dessa cumplicidade, sabe? Dessa coisa assim de não ter um papel definido: “ai, você é o pai, você faz isso... você é a mãe, você faz aquilo”, é uma criação mais junta. [...] Essa coisa de... de não esse pouco assim, esse negócio: “ai, cada um faz uma coisa”, nós procuramos criar ele juntas, sabe? É... procuramos... não que nós nunca brigamos por causa disso, de uma achar uma coisa, e a outra achar outra coisa... ela fala que eu sou... muito... é... eu uso um termo... complacente com ele, sabe? Que eu deixo fazer o que ele quer... que não sei o quê, não sei o que lá... só que ela não deixa, não deixa, não deixa, mas depois deixa... que eu acho pior.

[...] Mas toda a vez que nós temos que tomar uma atitude em relação a ele, nós procuramos tomar juntas: “ai, ele vai fazer tal coisa”, “não, vai fazer como? Você, você concorda?”, “você concorda?”, é... nunca fazendo uma coisa assim... sabe? Que a outra não concorde que faça...

IONE: Não é o fato que ela seja complacente, na realidade eu crio ele, como que minha mãe me criou. [...] “Ai, eu estou com fome”, ele não almoça enquanto ela não chegar pra pôr a comida no prato. Comigo já é diferente: “você quer jantar, você janta; você não quer, você não janta”

BEATRIZ: Ela consegue diferenciar bem, que nem... a “mãe pamonha” que sou eu, no caso, né? E a mãe mais, assim... rígida, mais séria que é a Isabelle [...] ela sabe até onde ela pode fazer birra, até onde ela pode chantagear [...] e ela sabe que ela faz isso comigo [...] que se a Isabelle falar, acabou! [...] É aquilo e pronto.

[...] A Maria Clara acata muito o que a Isabelle fala. Então, assim, se a Isabelle falar pra ela: “ó, isso é bonito ou isso é feio”, pra ela está ótimo. Tudo o que a Isabelle falar [...] ela vai lá e faz. E ela faz com gosto, sem reclamar, sem cara feia [...]. Eu falo que a Maria Clara é minha filha [...] ela é mais filha da Isabelle do que minha, porque a Isabelle tem uma autoridade de mãe que eu não tenho, e eu não consigo ter. [...] Ela precisa da aprovação da Isabelle pra tudo... é muito, muito surreal isso pra mim isso. [...] A Maria Clara gosta muito de ficar com a Isabelle... ela teve isso desde o primeiro momento.

ISABELLE: Pra ela [Maria Clara] a última palavra é a minha [...] o homem da casa, vamos dizer, assim. Ela tem isso na cabeça, que é perceptível, assim [...] Eu não tive trabalho, vamos dizer assim [...] pra conquistar ela [Maria Clara], foi tudo muito natural.

BEATRIZ: A gente fala pra ela: “Maria Clara”, por exemplo, “meia-noite você desliga a TV, chega!”, a gente pode ir dormir, porque ela meia-noite vai desligar a TV. Ela é muito obediente.

4.2.3.4 Os cuidados na criação dos filhos

Os relatos de alguns casais elucidam momentos de cuidados em relação aos filhos. Há, entre os cuidados dos filhos, uma preocupação em atender as necessidades educacionais e de saúde. Profissionais da área da saúde, como médico, psicólogo, fisioterapeuta, fonoaudiólogo foram citados, demonstrando uma atenção constante em zelar integralmente pelos filhos, nos casais que têm condições econômicas para isso.

TARSILA: Então a Nísia faz psicóloga, T.O., fisioterapia e fono. Ela faz esses quatro e está numa escola construtivista, que faz todo o sentido pras terapias que ela faz. [...] Todas particulares. [...] E escola particular também. E a gente montou esse... essa equipe de terapeutas por indicação, principalmente do neuro. O neuro falou da fono, que a fono... então é uma equipe que fala a mesma língua. E que fez a diferença e está fazendo a diferença no desenvolvimento dela. Inclusive a escola foi indicação da psicóloga, da fono, então tudo que eles falam pra gente fazer para o desenvolvimento dela, a gente faz... né? Então é muito... muito louco isso, né?

ADRIANA: Tanto que o neuro comentou que em um ano, que tinha visto ela em dezembro, assim que a gente tinha pego ela, em dezembro de 2011, e o ano passado em dezembro ela voltou pra... pro neuro. Ele comentou que nunca viu uma criança em um ano, desenvolver tanto quanto a Nísia desenvolveu. E... uma criança pós um ano de idade, o... crânio não cresce tanto, o dela cresceu três centímetros. Esses tempos eu fui num pediatra que também aumentou a circunferência.

HEITOR: A Lara, também mais ainda, porque já veio bebê, com um ano, né? E então a gente, duas, cada duas horas alguma coisinha na boca pra comer, né? O lance de fraldas, coisas que a gente não teve com a Adélia, né? [...] Então os zelos maiores ainda... doenças assim, mais de bebezinho, catapora, então coisas que... a Adélia com quatro anos: “ai, dói a barriga, dói aqui, dói lá”, coisa que bebê não fala onde dói e as preocupações, né? Mas também outras coisas muito legais que a gente não per, não teve com a Adélia, né? Aprender falar, aprender a andar, engatinhar, né? Essas coisas

todas, essas fases a gente não teve com a Adélia, né? [...] Você percebe que a Lara tem uma dicção legal...

PEDRO: Você ouviu, você fala: “nossa, estou ensinando certo, mesmo, né?” Ela não, ela... quando não sei o que lá “dá licença”, quando ela quer, ela pede, né? Ela fala “obrigado”, então é uma... é que são assim, coisas que de repente sai e você fala: “nossa, que legal isso, né?”

PEDRO: Por exemplo, quando, antes da Lara, eu falava assim: “gente, como é que essas mães conseguem entender essas crianças que ficam: „lolololô“ e a gente não entende nada e as mães entendem o que elas estão falando? Louca”. Passando a conviver com a Lara, eu entendo tudo o que ela fala... [...] Não tem como eu explicar isso...

HEITOR: Quan, a gente perguntava pras mães: “como você entende o que que ela fala?”, “ai, não sei, Heitor, é natural, é normal”. Aí, (palavra inaudível) a Lara, a gente foi ver do que realmente... a gente... dá... do, sei lá, a gente entende...

[...] Então, foram momentos diferentes tudo, né? E aí, assim, a Adélia, quando está já, agora com onze anos, já é independente... já se vira sozinha, tudo, né? Agora... [...] Ajuda a cuidar da irmã, e a... e a Lara, a gen, começa tudo de novo, quando a gente estava meio acomodado já, tudo, chega a Lara... e a gente: “nossa, de novo, né?!” Aí eu falei pro Pedro outro dia: “não vai parar nunca essa... coisa de ter criança e a gente pra cuidar”.

Um cuidado que nos pareceu particular, por se tratar de um cuidador homossexual, foi do participante Heitor, que revela sua preocupação em estimular comportamentos socialmente considerados femininos para que, caso as filhas forem homossexuais, não sofram preconceito por terem trejeitos masculinos.

HEITOR: O menino um pouco afeminado e a menina mais masculinizada, eu acho que o pai e a mãe tem função de tentar... “olha, vamos brincar com isso?” não no sentido de... de que a criança não se torne, não mude a orientação sexual dela. Mas no sentido que ela não fique mais... que o menino não fique tão... afeminado, que a menina não fique tão masculinizada. E eu, Heitor, penso isso. Que eu acho que os pais podem caminhar pra nesse... nesse sentido, você pode ser homossexual, mas você não precisa ser... uma travesti. É... como é que eu falo? Você pode ser homossexual, você precisa, pode ser homossexual, mas você não precisa ser viado. Entendeu? Então, eu acho que isso pode ser amenizado, porque eu acho que um homo, um homossexual que é muito afeminado, pre, ele sofre muito mais preconceito na sociedade. Porque um homossexual que passa, pode passar batido, entendeu? Age assim no trabalho, essas coisas... então eu, Heitor, eu penso isso. Então eu acho na educação... eu se... ah, eu estou atento a isso, de procurar estimular um, colocar um vestido, um saltinho, eu já comprei um saltinho. Então, tentar estimular... comportamentos

femininos. [...] De sentar, “fecha a perna”, sabe assim? De ser vaidosa... eu procuro estimular isso.

4.2.3.5 A aceitação e os modos como os filhos chamam pelos pais e mães

Os casais nos contam sobre a aceitação de seus filhos e as nomeações que os mesmos utilizam para chamá-los. Podemos supor que, para os casais, perceber o modo como os filhos os chamam evidencia também o modo como eles os percebem na função materna ou paterna.

Adriana e Tarsila relatam que Nísia chama ambas de “mã”, compreendendo que convivem com duas “mães”.

ADRIANA e TARSILA: De “mã”.

ENTREVISTADOR: As duas de “mã”?

TARSILA: As duas...

ADRIANA: Vai com a mamãe “Tá”, vai com a mamãe “Dri”. Às vezes as pessoas falam: “ai, mas como que a (trecho inaudível) nome da mãe?”, “mãe e mãe”...

TARSILA: Mãe são duas...

ADRIANA: Só que tem gente que fala: “ah, é mãe um e mãe dois?” Não, é mamãe Tá e mamãe Dri. Então ela olha, é: “mã, mã, mã e mã”, tipo não tem... ainda ela não, não chama pelo nome.

Adélia e Lara chamam os pais de formas variadas: “pai”, “papai”, “pai Pê”, “pai Hê”. Heitor narra que, no princípio, foi orientado pelo psicólogo para que a Adélia chamasse um de “pai” e outro de “padrinho”, a fim de não “pirar a cabeça da criança”. Todavia, essas denominações pouco foram usadas, e Adélia naturalmente começou a chamá-los de “pai”. Segundo eles, Lara, a segunda filha, está copiando a forma de Adélia chamá-los.

HEITOR: Então, antes da Adélia chegar, o psicólogo falou que era pra chamar... um de tio ou padrinho e o outro de pai. Que podia pirar a cabeça da criança. Mas a Adélia, no primeiro dia quando ela chegou, a gente: “ó, esse é seu quarto, nossa, nossa casa, esse gatinho, tantantam-tantantam”,

mostramos pra ela que morava nós dois e que ela ia ficar ali com a gente. Ai assim, passou uma meia hora depois da apresentação da casa, ela estava no banheiro (risos) até... e aí ela ficou assim: o Pedro na cozinha e ela passava um gatinho: “pai, de quem é esse gatin, de quem é?”, ela falava: “de quem é esse gatinho?” falei assim: “esse gatinho é nosso”, “de quem é aquela cama?”, “aquela cama é sua”, “de quem é aquela cama?”, “aquela cama é minha e do, do, do... padri, do, do padrinho”, o Pedro foi apresentado como padrinho (tosse), aí ela ficou perguntando, porque até quando ela estava na Instituição, nada era dela, tudo era de todo mundo... né? A roupa era dividida com todo mundo, tudo era de todo mundo. Ai aqui em casa, ela ficou fazendo essa distinção: “ah, isso é meu, isso é deles, isso é nosso, né?”, aí ela pegou, peguei ela falando, depois dela fazer essas perguntas é... “de quem que é esse gato? De quem que é essa cama? Aquela outra cama? Esse quarto, esse quadro?”, tudo que estava no ponto de vista dela, ela ficava perguntando. Aí ela falou assim é... ai, aí ela pensando alto, eu escutei ela falar assim: “ai, então agora eu tenho dois pais”, ai eu falei assim: “ai, Pedro” eu sabia que os outros visitavam, né?, “dois pais? Como assim, Adélia? Você tem dois pais?” falei: “nossa, primeiro dia já vem falando do outro, né? Do biológico” eu pensei... “ai, dois pais: você e e, e o outro” ela falou, aí eu falei assim: “como assim ,o outro”? „O outro” quem, Adélia? Dois pais: eu sou. Dois pais, ó, um, o outro, um sou eu e o outro quem que é?” pensei que ela fosse falar o biológico, aí eu fiquei, mas fiquei insistindo, daí ela falou assim: “ah, ele que está na cozinha”, “ah tá! Então agora você tem dois pais: eu e o padrinho teu pai”, ela falou: “é!”, falei assim: “ai, é isso mesmo. Então você vai morar aqui, você vai ser nossa filha e você vai ter dois pais”. Então assim, foi ela que falou, analisou a situação... [...] Primeiros... meia hora, entendeu? Aí eu falei assim: “esquece padri”, aí ela começou a chamar o Pedro, ficou, ficava padrinho, primeiro dia, eu acho... mas aí já soltou um “pai Pê”...

PEDRO: Ai, eu nem me lembro dela me chamar de padrinho...

HEITOR: Ai, ela me cha, eu fiquei falando pra ela: “eu sou papai, pode chamar de papai” [...] E o Pedro ela já... já soltou um “pai Pê”, né? Então sempre quando queria me chamar, era... pai e o Pedro, “pai Pê”, né? Então ela, nessa meia hora, analisou toda a situação “vou morar aqui, vou ficar com eles dois, esse gatinho é meu, a cama é minha, nananam-nananam” acho que a cabecinha dela foi trabalhando, ela: “ah, agora eu tenho dois pais então. Eu aqui sozinha de mulher, de menina, com eles dois, no meio dos dois” ela mesma colocou isso na cabeça, aí ela foi cre, crescendo, a gente não estimulando... né? O Pedro, “ah, o padrinho”, alguma coisa a gente falava “o padrinho”, mas ela chamava, quando chamava, ela começava a chamar o Pedro de padrinho, de “pai Pê”: “o pai Pê, o pai Pê, o pai Pê”. [...] Aí foi ficando. Né? E ficou... né?

[...] A Lara, está, está chamando eu de, de “pai, papai, pai” e o Pedro de “pai Pê”: “pai Pê!”, quando ela quer chamar o Pedro. Aí, você, você escutou? Teve uma hora que ela falou: “pai Pê? Papai He? Papai?”

PEDRO: Ela está copiando a Adélia...

HEITOR: Então ela... copia a Adélia. Às vezes, ela me chama de “pai Pê”, quando eu fico o dia inteiro assim sem vim, eu chego de tarde, ontem eu, leva a Adélia, vem pra cá, abre o (local de trabalho), pampampam-pampampam, aí chegou de tarde, estava na cama ela: “pai Pê?”, eu falei: “não sou ,pai Pê”, sou ,pai Heter”, aí ela: “ ,pai Heter?”, aí (risos), “

papai... Heter” (risos) mas é raramente assim, mas ela já... que nem quando chega da escola, às vezes chama o professor, escapa um “professor”, “ó tia”, pra gente assim, porque está o hábito de chamar a tia, né? (risos). Então, a... então está fazendo isso também, está chamando eu de, de “papai” de “pai” e o Pedro de... ela também chama você de pai, também. De pai, qualquer um dos dois... eu acho um barato assim, a gente... a gente fa: “o pai Pê” quando ela quer, específico com a Adélia. Quando ela quer especificar, ela fala: “papai Pê”, mas tinha vez, que ela falava: “pai” e a gente sabia como, que “pai” que era. Aí a gente, eu comecei a prestar atenção, a gente: “mas como que, como que a gente... entende? Como que ela fala um ,pai” e a gente sabe, eu sei que sou eu?”

HEITOR: E a Adélia, quando chamava de “pai”, a gente, a gente sabia que era pai, que era eu, que, às vezes, a gente está os dois na cozinha, alguém aqui fala: “pai?”, a gente... eu ou o Pedro fala: “é você” ou eu falo: “é eu”, ou às vezes eu estou terminando alguma coisa, eu não fui, ele vai: “Heitor, é você”, “eu sei que sou eu, só não fui porque eu estou ocupado” aí eu vou lá... aí, eu fiquei pensando, né? Falei: “como que eu sei que sou eu? E o Pedro sabe que é ele ou que não é ele? Ou que sou eu? Ou que não sou eu?”, né? Eu acho que, sei lá, deve estar no, eu acho que é instinto isso daí, não sei...

Ione e Anita expõem que sempre falaram com Lima sobre a situação de ele ter duas mães, e ele encara isso com “naturalidade”. Lima chama Anita de “mãe” e Ione de “Dadá”, considerando que ela tem as características de uma mãe e de um pai.

IONE: Ele nunca chamava de pai, ele nunca chamava de pai... não, não era pai... era a Dadá dele.

ANITA: Ele que colocou esse nome nela. [...] e a gente sempre foi mostrando pra ele, tipo assim: “olha, é... você nasceu da minha barriga... mas, a Dadá queria muito que você viesse um... ter um filhinho, então é, você nasceu do coração dela... é... apesar de você não ter... não ter, não ser filho dela é... é, ela te ama da mesma forma” então, sabe... ele foi crescendo assim, sabe? Quando ele já tinha idade pra entender como ele tinha nascido... a gente explicou pra ele o que tinha acontecido, você entendeu? Então, pra ele é muito natural isso. (...) Daí ele também, eu acho que é muito natural... [o fato de ser duas mulheres] Ele não questiona. Ele nunca questionou. Uma vez, um menino perguntou pra ele: “você não tem pai?”, ele falou assim: “não, você tem, eu tenho mais sorte que você... eu tenho duas mães”. [...] um dia perguntaram pra ele assim: “você não sente falta de ter um pai?”, ele falou assim: “quem tem uma Dadá como a minha, não precisa ter pai” [...] Tipo assim, ele fala assim que... ela tem todas as qualidades da mãe e todas as qualidades do pai. Então é, ele... ele, ela, ele fala que ela, que ele, ela é completa.

Isabelle e Beatriz revelam que Maria Clara sempre entendeu a situação de sua mãe, Beatriz, ter um relacionamento com Isabelle. A garota chama Beatriz de “mãe” e Isabelle pelo próprio nome, denotando a singularidade pela entonação.

ISABELLE: Isabelle e mãe [...]

BEATRIZ: A Isabelle é a Isabelle, simples assim [risos]. Pra ela é “a Isabelle” [entonação].

BEATRIZ: Eu falo que assim... a única pessoa que entendeu, desde o primeiro momento... toda a situação, foi a Maria Clara, aos três anos de idade [...] ela sabia direcionar muito bem. Tanto é que assim... ela ia na escolinha e conversava com os professores, tudo... [...] ela falava abertamente pras tias da escola: “[...] a minha mãe namora uma menina [...] que é a Isabelle, mas ela é mulher-macho”, era assim que ela definia (risos). [...] E ela sempre te aceitou [Isabelle] desde o começo, desde a primeira vez.

Candido e Francisco comentam que, inicialmente, Rachel chamava ambos de “pai”. Após incentivo de ambos, atualmente ela os chama de “pai Fran” e “pai Candido”. As entonações “papai” e “paiê” são utilizadas por Rachel para diferenciar o pai que está perto dela e o que está longe.

CANDIDO: O pai Candido e ele é o pai Fran [...] Ela chamava a gente só de pai [...] e como que a gente vai saber se ela está chamando o pai 1 ou o pai 2? [...] aí a gente incentivou ela a falar “pai Fran”, “pai Candido”, aí hoje ela fala.

FRANCISCO: Nós decidimos que ela ia chamar os dois de pai. [...] Sempre que ela está perto ela fala “papai”, pra chamar a atenção de quem ela quer. E o outro é o “paiê”, quando está longe.

4.2.4 As relações da família homoparental com sua família de origem

4.2.4.1 Modificações nas relações familiares após a chegada das filhas dos casais

Tarsila relata que a aceitação de sua homossexualidade e de sua relação com Adriana despontou após a adoção de Nísia, pois firmou aos familiares o caráter genuíno da relação de ambas.

TARSILA: Na minha família modificou um pouco depois que a gente adotou a Nísia, né? Minha avó não aceitava a gente em hipótese alguma, depois que a Nísia veio, aí as coisas ficaram mais tranquilas. Voltavam a fazer natais, por exemplo, que não faziam há muito tempo por causa dela.

Porque como dizem, criança faz milagres, né? Acho que a vinda da Nísia mostrou pra pessoas que o que a gente tava fazendo não era simplesmente fogo-de-palha, era um amor mesmo que... Muito real, por isso que a gente adotou uma criança, né?

Francisco exprime que, a princípio, seus familiares não o apoiaram a adotar, devido ao próprio estigma da adoção. Mas após conhecerem Rachel, eles aceitaram.

FRANCISCO: Inicialmente eles me acharam um louco. Eles acharam um absurdo a ideia de adotar uma criança. Todo mundo tem um exemplo de uma adoção frustrada, de uma adoção que não deu certo, de uma adoção que... se frustrou ao longo dos anos [...] Mas depois que conheceram a Rachel, amaram... minha mãe adorou ela, mima sempre que pode. Minha família mora longe daqui, então a gente se vê raramente.

Os participantes comentam que suas famílias de origem aceitam e consideram seus filhos como membros da família.

PEDRO: A família, a família toda gosta... a família toda gosta das duas. Tanto da parte do Heitor, como a minha.

HEITOR: É, minha irmã liga: “ai, comprei sapatinho, que número que serve?”

PEDRO: É... ontem mesmo o irmão do Heitor ligou, comprou dois sapatinho pra Lara, falou que vai comprar um pra Adélia, mas a Adélia precisa experimentar... Então assim, não é nem daqui é de outra cidade...

HEITOR: Compra roupinha, não sei... curte, todo mundo curte...

PEDRO: Eu, a princípio, fiquei meio assim, porque... eu te falei, eu sou o único filho, neto e sobrinho, então eu sou herdeiro da minha família toda, né? O que fica da minha família (trecho inaudível, Heitor falava ao mesmo tempo com a Lara). O meu pai já morreu e eu tenho só duas tias, que são solteiras... né? Uma de setenta e outra de oitenta anos. Aí a princípio, eu falei assim: “nossa, eu vou adotar uma criança como é que vai ser essa aceitação das duas” pelo fato, elas são muito materialistas, pelo fato de falar: “nossa, né? Vou ter que deixar tudo pra elas, né? Vai ficar tudo...”, aí eu fiquei meio apreensivo com a Adélia. Mas foi tranquilo. [...] minhas tias são muito materialistas em relação a bens e imóveis, esse tipo de coisa. Então eu fiquei meio apreensivo, né? Delas falarem assim: “vai ter que deixar pra uma pessoa, que nem da família é, na verdade” [...] mas precisa ver como as minhas tias tratam as duas. Época de natal, época de páscoa, vieram, elas veem em época, é em dias especiais... [...] Agora na páscoa mesmo, trouxeram um monte de chocolate pra Adélia, presente pra Lara, coelhinho e ovo de páscoa, então é assim, é... gostam pra caramba das duas. Não fazem diferença por serem adotadas, não.

ANITA: Mas as irmãs dela [Ione] trata como se fosse sobrinho, fala que o Lima é sobrinho.

ISABELLE: E na casa da mãe dela [Beatriz] agora normal também... a gente vai, come... às vezes ele vêm aqui... almoça aqui. E a Maria Clara, às vezes, dorme lá também [...] dorme lá com os avós.

4.2.4.2 Suporte familiar: a contribuição dos familiares e avós nos cuidados com as crianças

Os casais relatam sobre a contribuição dos familiares nos cuidados com seus filhos.

Adriana/Tarsila e Pedro/Heitor comentam que houve pouca contribuição dos familiares.

Ione/Anita, Isabelle/Beatriz e Candido/Francisco revelam que houve/há contribuição dos avós e de alguns familiares nos cuidados com as crianças.

ADRIANA: Assim, na última opção... [...] minha cunhada, por ela, ela fica só que como a Nísia, a gente... a Nísia chegou em novembro em casa, em fevereiro ela teve o Júlio, então assim, de início não tinha como ela com o recém-nascido e a, a Clara de sete e a Nísia. Agora que o Jú... que o Júlio completou um ano, quer dizer uns dois dias que eu pedi ela ficou com a, a Nísia. Quando ela estava grávida, ela também tinha ficado com a Nísia um, um dia. Mas é por conta dela estar com o menino pequeno, pra ter mais um, pra tipo, eu não quero sobrecarregar ela...

TARSILA: De vez em nunca...

PEDRO: Não, como eu te disse...

HEITOR: Só aquelas coisas de... toda tia quer dar um... um presente do... ah... a Adélia é as Barbies tudo, os tablet foi a tia que deu... não, de me sustentar, não.

ANITA: A cuidar, antes eu trabalhava...

IONE: Quando a gente ia, a gente ia sair... ele [Lima] até ficava com a mãe dela [Anita].

ANITA: Porque o pai dela [Ione] morreu, quando ele [Lima] tinha... dias. A mãe quando ele tinha três, cinco meses, então é... [...] Na época da... que o Lima nasceu, muita coisa, já passamos... nunca ninguém ajudou, a gente nunca pediu ajuda pra ninguém.

BEATRIZ: A minha mãe ajuda no sentido de levar a Maria Clara pra escola... né? E trazer, porque não bate os meus horários de trabalho [...] e quando a gente quer sair a minha mãe fica com ela.

CANDIDO: No começo minha tia ajudou, com o advogado [...] com roupas. Hoje quem realmente nos dá um apoio, quando a gente está sufocado, vamos

supor, a escola está em feriado, não tem com quem ficar a Rachel, a nossa salva-vidas é a “mãe acolhedora”, que hoje a gente conhece, mantém um vínculo. [Mãe acolhedora: explicado na subcategoria “adoção”].

Os participantes comentam sobre o convívio de seus pais com as crianças. Segundo eles, os avós demonstram uma boa relação com os netos.

ADRIANA: A minha mãe fica com ela [Nísia] [...] a minha mãe fala que tem medo de cuidar dela porque ela é pequena, que ela não fala e que ela não... ainda, está começando a andar, então ela tem medo que aconteça alguma coisa, que a Nísia se machuque. Então, ela prefere assim, se eu tiver outra pessoa, ela prefere que fique com outra pessoa.

TARSILA: E meu pai... sem condições. Não dá pra ele cuidar da Nísia. Porque se ele dorme, ninguém acorda, então ele prefere ainda não ficar. [...] Mas ele relata que quando ela andar e falar, ele vai ficar com ela.

ANITA: Meu pai ficou bobo [com o neto], né? Meu pai ficou assim, parecia, sabe? Ele tinha paixão pelo Lima, paixão, ele era apaixonado pelo menino, sabe? Ele vivi, ele vivia em função da gravidez, ele vivia em função do menino... a minha mãe é... sempre foi mais assim... quieta, tal, mas ela nunca falou nada, sabe? Ela nunca questionou, ela nunca... é... falou que eu não devia ter tido o filho, nada. Ela também adorava o menino, tratava o menino muito bem... [...] levei pra minha mãe conhecer... o que acho que mudou a vida dela. Mas, infelizmente... logo depois ela veio a falecer [...] Apesar de toda a... diferença dela com a gente, ela sempre... sempre gostou muito do... dele, sempre ajudou a cuidar, mas ela ficou doente, ela faleceu, ele estava com... doze anos. Mas ela conviveu, ela fez parte da vida dele. [...] o meu pai era apaixonado por ele. Nossa! O meu pai ago, adorava o Lima, mas ele morreu...

IONE: O Lima teve problemas quando ele [avô] faleceu.

ANITA: Às vezes ele fica quieto, está chorando... “Lima, o que é que você quer, tem?”, “tenho tanta falta, sinto tanta falta do meu avô”. E... o meu pai era muito apegado a ele, sabe? O meu pai, às vezes, ficava em casa, pra eu poder ficar com ele...

ISABELLE: Aí a minha mãe joga video-game com ela junto... [...] apresenta ela como neta. [...] Disputam corrida... as duas... porque a minha mãe era professora de educação física, né? [...] e come, e leva pra passear. Às vezes a gente vem embora e a Maria Clara fica lá [na casa da avó] e depois minha mãe traz. [...] Então é muito boa a convivência [...] fui tudo muito natural, assim... nada muito forçado. [...] é a netinha que não teve.

Anita e Tarsila discorrem sobre a relação cotidiana com alguns familiares demonstrando ser essa relação próxima e afetiva.

ANITA: A minha família, eu tenho a minha filha, que é casada e tem a nenê, que está sempre junto com a gente. A minha irmã, que está sempre comigo... estou sempre na casa dela... como eu sou a mais velha, ela bem mais nova, então eu acabo, sabe? Acabei tomando um pouco o lugar da minha mãe. Então, tudo o que ela precisa, ela me liga... ham, em relação à criança... em relação à vida dela... então, eu tenho bastante contato com ela.

TARSILA: A gente é cobrada por a gente ter pouco tempo de levar a Nísia e a gente estar juntas com as nossas famílias. E como a gente trabalha muito, falta esse tempo de ir na casa da minha avó, do meu pai, esse tempo pra mim falta. A Adriana ainda consegue, ela tem sobrinhos então ela, ela vai bastante...

4.2.4.3 Pouco ou sem contato com os familiares de origem

Embora alguns casais relataram uma boa relação com a família, observamos em certos depoimentos que suas relações com os familiares não são próximas. Segundo eles, não consideram os familiares como pessoas relevantes na rede de apoio.

TARSILA: Porque como a gente não tem, que nem eu, no meu caso, eu não tenho muito contato com a minha família, minha família pra mim é meu pai e minha avó. Minha avó já é i... senhora de idade, não tem como ficar com ela [Nísia], e meu pai... né? Bebe todos os dias, também tem problema de alcóolatra e não tem como ficar com a Nísia. Então, nessas opções como, precisa da minha família, não tenho, então nem conto com eles. Tios, tias eu não tenho contato, então não tem como deixar. [...] Mas se precisar, em última opção, a gente leva pra família dela [Adriana]. [...] Eu falo, em última opção, porque pra gente é melhor a gente ter, pessoas com que a gente possa contar fora da nossa família, pra não ficar ouvindo depois.

IONE: Nós não temos mais [os pais vivos]... meus irmãos, é... são três, uma mora em (nome de uma cidade 3) hum... pouco contato eu tenho, meu irmão também... é um eremita, separou da mulher e... ele vive um mundo que é dele, que não... é, mais o contato com a minha irmã mais velha, que é de (nome de uma cidade 1).

ANITA: Mas assim... nós não temos um, um, um... uma família de origem pra que você possa se agarrar, você entendeu? “Ai, se acontecer alguma coisa, a minha família...”, não, a gente não tem. [...] a gente tem contato, assim... de passar o natal, o ano novo junto... aniversário, mas, assim... não existe com convivência no dia-a-dia, sabe? Eu cobro um pouco isso dela [Ione]. Porque eu acho que família é importante. [...] Família dela, a gente não é muito apegada, sabe? Chegada à família dela, mas assim, quando a gente tem contato, às vezes, natal, ano novo... ou quando a irmã dela de (nome de uma cidade 3) vem, que nós, nós nos reunimos, eles tratam muito bem o Lima, eles tratam bem a minha neta, me tratam bem... [...] Agora, o meu irmão... nenhum contato.

Anita conta-nos, ainda, sobre a dificuldade e o preconceito vivenciados na sua família por conta de sua gravidez, fruto de uma relação entre duas mulheres.

ANITA: Tanto que nós demoramos muito pra contar pra minha família, demoramos muito pra contar pra minha filha. Eu me atormentei muito... no começo, sabe? Porque eu achava que não fosse dar certo [a gravidez de Lima], então eu falei assim: “ah, não vai dar certo, vamos esperar ver se dá certo ou não”, quando a gente viu que deu certo, eu fiquei muito atormentada... porque eu tinha muito medo de como as pessoas iam reagir àquilo. Talvez por ser mais nova, está, ser mais imatura, sabe? Ou está se vendo numa, numa vida, numa relação diferente, numa vida diferente... de estar morando com um outra mulher... de a, sabe? Era uma coisa diferente pra mim. E... aí eu demorei acho que uns três meses pra falar pros meus pais... [...] Tenho uma... eu tenho uma tia, que ela... como eu estava quase perdendo o nenê e precisava de um remédio que era... tinha que vim de fora [exterior] o remédio pra não perder o... nenê. A minha tia falou assim: “deixa pra lá, perde essa criança, acaba com essa... com isso”, olha o que, mas eu falei: “mas por quê isso?”, “onde já se viu você colocar uma criança numa família de duas mulheres?! Você não sabe o que você quer da vida? Você sai com homem, você sai com mulher”, eu falei pra ela: “não é bem assim a história!”, aí fui tentar explicar pra ela, sabe?

4.2.5 As famílias homoparentais e a sociedade

4.2.5.1 Preconceito, discriminação e reconhecimento de direitos

Tarsila e Adriana comentam sobre um episódio de discriminação sofrido pelo casal. Elas não foram reconhecidas como família, assim não foi reconhecido o direito de serem sócias, em conjunto, de um clube. Através de uma ação judicial, elas obtiveram o reconhecimento desse direito de vinculação ao clube. O casal conta, em detalhes, a situação.

TARSILA: Acho que o preconceito principal que a gente passou foi quando a gente [o casal] foi querer ser sócia do (nome do clube). [...] Um clube muito tradicional aqui em (nome da cidade na qual residem) e até então, nunca tinha passado por isso. E eu sou de uma família que é muito tradicional no clube, então foi um choque pra eles isso [duas mulheres enquanto casal]. E eu entrar com a ação, foi mais chato ainda, porque eu falei que eu ia lutar e fui atrás disso. Tanto que, quando a gente ganhou a ação, que não tinha mais o que eles fazerem, eles tinham que dar isso pra gente. [...] Quando a gente foi assinar o termo de... como é que chama? [...] União estável, o clube não aceitou o nosso termo. Então aí teve que entrar com um processo, tudo certinho, pro clube reconhecer a gente como casado. Porque na época não tinha reconhecimento do casamento ainda. O

casamento saiu depois... então até nisso a gente teve que abrir, então com a Nísia ficou mais fácil, que a gente já era... [...] Entramos com ação judicial. [...] Ele [representante do clube] falou assim: “ó, a partir de hoje então, vocês são sócias, mas eu peço que vocês é... tomem cuidado com as atitudes que vocês vão ter”. Aí eu falei: “opa! Pera lá! Não foi nenhum casal de gay que transou na piscina, não é nenhum casal de gay que fica se agarrando no salão, pelo que eu entendo, os gays são muito mais respeitosos, porque o que a gente faz entre quatro paredes só depende da gente. Não querendo que ninguém fique vendo”. Daí ele já: “não, mas...”. Porque eu acho que tem que ser falado, quem tem que ter respeito com a gente, hoje, são os héteros, quem se agarra e se atarraca na rua são eles e não a gente.

ADRIANA: A gente tem um processo... pra qualquer, tipo, vamos supor, convênio médico, eles não aceitem o, o contrato, a gente tem o processo que não tem como eles não aceitarem.

TARSILA: A gente não tem medo, a gente vai lutando pelos nossos direitos. Respeitando aqueles que acham que tão errados, que a gente tá errada, mas direito é direito, né? Tem que ir atrás deles. E a Nísia hoje faz parte do clube também. Então a gente consegue juntar tudo.

Adriana e Tarsila contam que nunca foram alvo direto de preconceito e, na maioria dos lugares que frequentam, são tratadas com respeito. Ao mesmo tempo, mencionam perceber que algumas pessoas ficam incomodadas com a situação, mas não expressam diretamente para elas. Adriana também comenta sobre a perspectiva depreciativa que a sociedade tem sobre a homossexualidade.

ADRIANA: O que a gente mais comenta, é que a maioria dos lugares que a gente vai, os ambientes em que a gente está, todos nos respeitam, independente do, do, do... a maioria das pessoas sabem da nossa relação e é natural.

TARSILA: A gente nunca passou por alguém que olhou e falou: “mas como assim? Duas mulheres e uma outra criança?”

ADRIANA: Porque assim, todos os lugares que a gente vai, hospital, médico, terapia, todos, quando fala de preencher o cadastro tem lá, pai e mãe, primeira coisa que a gente fala, fala: “a Nísia não tem pai, ela tem duas mães”, aí eu risco o “pai” e coloco “mãe” em cima. Então, tipo assim, já no primeiro, primeiro atendimento as pessoas já sabem que a Nísia é filha de...

[...] É. Então tipo, não tem... não tem, nunca por esse motivo foi mal atendida ou mal, ou discriminada, mal tratada, nada.[...] Por isso que eu falo, que eu lembro preconceito, eu acho depois, desde que a Nísia veio, a gente nunca chegou a sofrer.

TARSILA: Ai, acho que porque as pessoas não enxergam como uma família. Acho que a família ela se constitui, pras pessoas, depois que existe uma criança no meio, aí é uma família, aí existe respeito.

ADRIANA: Eu acho que a maioria da sociedade, acham que o casal homossexual ele é, usando um termo chato, é um bacanal. Tipo assim, é uma... tipo é... festa, é zueira, que não, não dá certo. É tipo assim, fica três meses com um, larga, começa a namorar outro. É... os héteros mais conservadores, eles não conseguem enxergar que realmente pode existir um sentimento, um amor entre duas pessoas do mesmo sexo. Eles acham que é festa. Então, a gente ahm... não digo que não há (palavra inaudível). Na minha concepção, acho que eu não tenha vivido alguém de olhar torto ou falar alguma coisa. Mas você percebe que tem algumas pessoas que, às vezes, ficam um pouco incomodadas, mas não que tenha chego até a gente falado: “viu, é palhaçada o que vocês duas fazem”. A não ser na época da, que a avó dela não estava aceitando muito e brigava com ela, mas nunca fui desrespeitada por nenhum deles. Sempre normal, tal, mas brigava com ela. A mesma coisa eu vivi quando os meus pais descobriram, eles não brigavam com a pessoa com que eu tava, eles brigavam comigo. Então, eu acho que preconceito mesmo assim de, mesmo família, como família, ou antes de ser, antes de ter a Nísia, preconceito direto, direto eu nunca sofri. Pode ser que alguma vez, indiretamente contando para uma outra pessoa, pode ser que tenha acontecido.

[...] É, direto, não. Já tive olhares diferentes, tudo o mais, mas não que tenha falado é hum... “odeio o que você faz” ou então, tipo: “não é certo”. Nunca ninguém veio me julgar...

Heitor e Pedro revelam que, quando adotaram sua primeira filha, imaginaram que sofreriam preconceito social. O casal menciona saber de pessoas que são contra a sua família. No entanto, pontuam que não passaram por situações discriminatórias.

HEITOR: E eu acho que a es, eu confesso que no começo quando eu adotei a Adélia, eu achava que eu ia, encontrar pedras, assim na... na comunidade, alguém me abordar e falar: “ah, é absurdo” me, passar a ser xingado, eu achava mesmo. [...] Mas aí nunca encontrei nada, a gente encontrou ninguém ou nada... [...] a gente sabe que tem gente que é contra, mas ninguém chega na gente e fala, né? A gente che, às vezes, por um programa de televisão, alguma coisa que tem uma pessoa que é contra, mas os argumentos dessas pessoas são totalmente... vão pra, pelo chão...

PEDRO: É... deve ter, mas falam pelas costas... [...] Então a gente ficou muito, já era conhecido, agora ficou muito mais.

Com a amplitude da repercussão social da adoção, o casal nos conta em detalhes sobre as situações vivenciadas da visibilidade e aceitação de sua família.

HEITOR: Pessoas que a gente nem conhece, pergunta: “e aí, oi Heitor, tudo bem?” [...] “E aí, as meninas como estão? Ah, você adotou uma, né?” Então, as pessoas sabem da nossa vida sem a gente conhecer.

PEDRO: Aí eu pareço (trecho inaudível) eu saio na rua, todo mundo: “oi, oi!” E eu “oi” pra todo mundo (risos).

HEITOR: Outro dia a gente, eu estava na lotérica com a Adélia, chegou uma moça, uma senhora e ela falou: “oi, Adélia”, né? Eu olhei pra mulher e falei: “não conheço”, “tudo bem? Você não me conhece, né? Mas olha, sabe o que eu vou te falar? A minha filha está grávida e o nenê vai se cha, a nenê, a menina vai chamar Adélia. Porque ela viu o seu nome na televisão”. Olha, isso na lotérica, né?! [...] Aí, aí eu falei... achei super legal, assim. Então, a gente vê que a sociedade aceitou legal isso, né?

HEITOR: Então, foi mais legal assim que as pessoas de, deram... “ai, eu vou te dar um presente” não, não tinha como dar roupinha, né? Então dava bichinho de pelúcia, dava um presentinho, alguma coisinha de criança... todo mundo curtia isso, a família.

PEDRO: Uma vez me ligou uma senhora... de São Paulo, falou assim: “olha, você não me conhece, mas eu tenho uma, uma... uma, uma fa, uma parente que mora aí em (nome da cidade em que residem) e eu estou mandando um presente pra sua filha”. [...] Mandou um chinelinho pra Adélia, não sei até hoje quem é essa senhora... [...] Então o pessoal é legal.

HEITOR: Aí tem um pessoal político, que, na cidade querer que a gente se candidatasse pra... vereador, né? O ano passado, no outro ano também, aí a gente, “não vocês, por caso de vocês, vocês ficaram muito famosos, vamos se candidatar, participar e tudo”, aí a gente ficava assim “ai vai, não vai, vai, não vai” aí a gente: “não, não vamos”. Não vamos porque a história é muito bonita, né? Você falar de amor, tudo. Aí começa a envolver política... [...] Vai começar a falar que a gente que adotar pra aparecer, que está, que tem interesse por de trás da adoção, aí a gente falou assim: “ai, não vamos... brincar com isso daí, não”.

O casal Pedro e Heitor relata que, devido à exposição midiática da adoção, eles percebem certo zelo social por serem famosos.

PEDRO: Eu, pelo menos, nunca tive esse problema assim de... [...] Nem de discriminação, nem de preconceito.

HEITOR: Muito pelo contrário, quando a gente vai nos lugares, a gente percebe que as pessoas, tem mais atenção com a gente. Às vezes a Adélia é um pouco mais bajuladina... é... ganhou alguns mimos... a gente vai nos lugares, as pessoas, já percebi, que as, que às vezes quer passar a gente na frente da fila... trata a gente um pouquinho melhor... por causa da mídia, por causa da exposição. Sabe aquela coisa que parece que a gente é artista de televisão?

PEDRO: E, eu tive um caso assim, há anos atrás, eu tive um caso de, de, de eu tive um problema cardíaco tudo... [...] Eu fui parar no, no, no posto de saúde, você sabe como que é posto de saúde no Brasil, né? Eu fui muito bem atendido, rápido eles me atenderam, foi rapidamente me atenderam.

HEITOR: Ele fez a cirurgia de coração, colocou dois *stents*... [...] Em uma semana, em menos de uma semana... [...] Que estava lá no mesmo quarto, na fila, fica, demorou três, quatro meses.

ENTREVISTADOR: Por que houve essa diferença?

HEITOR: Por causa a gente estava na mídia...

PEDRO: Porque a gente estava assim... com esses problemas, esses negócios de mídia, de adoção... [...] De ser conhecido.

Pedro narra uma situação ocorrida em um programa de televisão em que houve um debate entre ele e um padre católico, que era contra a adoção.

PEDRO: Uma vez nós fomos num programa de televisão, tinha um padre e era ao vivo o programa, a gente ia ficar quinze minutos no, no ar, nós ficamos quarenta. Porque... aí o diretor mandou segurar, segurar que estava dando audiência o programa. Aí o padre, me vira e fala que a Igreja Católica é... abençoa a família, que é papai, mamãe e filhinho, né? Aí eu falei assim: “mas o que...”, ao vivo, né? “Mas o que o senhor quer dizer com isso? Que a fa, que a Igreja Católica me amaldiçoa... por eu pegar uma criança que eu não tenho vínculo de sanguíneo nenhum, e dou casa, dou educação, dou lar, dou amor, dou carinho, dou atenção e o senhor está falando que, que eu sou o quê? A Igreja Católica é contra isso?” Falei: “é, é mesma coisa que o senhor dizer que o senhor está indo contra o primeiro preceito da sua Igreja que é ,amaí o vosso próximo, como a ti mesmo” né? Então, é, eu não sei se esse pessoal acha que a gente não tem cultura ou alguma coisa desse gênero... e eles acham que estão lidando com... com qualquer pessoa e que falam besteiras e que falam besteiras e que a gente vai aceitar e ficar quieto. Aí quando você começa a rebater essas questões, eles não têm argumento.

O casal Anita e Ione comenta que foram mostrando às pessoas que não são diferentes de ninguém. Consideram que há preconceito indireto, mas nunca passaram por constrangimentos.

ANITA: “Ai! Aquelas duas sapatonas, que coisa mais horrível! Que não sei o quê, não sei o quê lá”, mas depois, acho que sabe, acho que... a gente foi mostrando que... não somos diferentes de ninguém, nós temos as nossas... problemas, as nossas dívidas, nós trabalhamos, pagamos as nossas contas, os nossos impostos, tentamos criar o meu filho da melhor forma possível, sabe?

[...] Pode até por, falar por trás, mas na nossa, pra assim, a gente não. Nunca... passamos assim... constrangimento com isso.

Ione e Anita tiveram a cerimônia de seu casamento civil divulgada pela mídia. Elas comentam minuciosamente sobre a repercussão. Segundo elas, sofreram intenso preconceito em comentários - de pessoas religiosas - veiculados pelas internet.

IONE: E... me senti assim, assim... tocada mesmo com o comentário na... na internet com relação ao [nosso] casamento. [...] Tanto que as palavras são tão pe, os comentários são tão pesados, tão que aquilo lá... [...] Do casamento. [...] Eu falei, a maioria [dos comentários] evangélico, a maioria... e aquilo lá foi pesado mesmo, palavras pesadas. E eu fiquei assim... [...] Aquilo me choca, como que as pessoas podem... ham... falar sem saber do que estão falando.

ANITA: [...] é muita maldade, o, o, sabe? Uma pessoa falar assim, olha, que está falando em nome de Deus, que nós estamos é... que, que nossa, nossa união... é uma aberração, é contra a vontade de Deus, que a gente devia morrer no fogo do inferno, que de... sabe? Como é que a pessoa pode falar que tem Deus no coração e desejar tanto mal pra outra pessoa?

IONE: E o meu comentário foi nesse sentido... eu falei: “Je, Jesus não tacou a primeira pedra, por que você que está falando, está me...” está entendendo? É...

ANITA: Eu não me incomodei. Foi o que eu te falei. Eu me incomodo com as pessoas que eu amo. [...] é... pensam... ou sente em relação a isso que, graças a Deus, eu não tenho ne, maiores problemas. Agora, as pessoas que eu não conheço, as pessoas que não me dizem respeito, as pessoas que não interferem na minha vida, eu não...

IONE: É, por isso mesmo que eu fiquei chocada: “porque você não me conhece, como é que você pode falar e falar o que está falando ao meu respeito?” [...] Sem me conhecer. Porque eu acho que quem me conhece, acaba me conhecendo, acaba sabendo como que é.

Ainda em relação ao casamento civil, Anita e Ione mencionam que permitiram à exposição midiática da cerimônia para “dar a cara à tapa, alguém tem que mostrar que nós não somos diferentes”. De acordo com elas, as uniões civis homoafetivas não são divulgadas pelos próprios casais; tal fato vai contra a militância dos direitos dessa população.

ANITA: Mas eu acho que foi a única vez, assim que a gente, enquanto família, sofreu esse assédio, sabe? [...] Mas eu também acho, eu vejo assim que a... foi muito exposto, é... talvez por você dar ta... a, a cara à tapa é... porque as pessoas, elas querem, hoje em dia, elas que, elas querem ter uma união... ho, homoafetiva, elas querem ter uma união, elas querem ser respeitadas, elas querem terem direitos, mas elas não querem dar a cara à tapa. Então, é fácil você querer alguma coisa e não lutar por alguma coisa. Pode até ser que... hoje... isso não significa nada, um dia... vai significar muito pra alguns. Então, quando... o, o advogado que fez, perguntou pra gente se a gente se importava, porque era a primeira... cerimônia que estava sendo feita ali, porque ninguém quer dar o, a cara à tapa... já tiveram dezesseis uniões... é dezesseis casamentos lá, mas todo mundo foi lá, pegou a certidão e foi embora... entendeu? Eu falei pra ele que não tinha... não tinha nenhum problema com isso, não... não tinha nenhum problema... em que isso fosse... e eu já tinha certeza do que ia acontecer! Eu tinha certeza que a gente ia ser pixada... que, a grande maioria, ia falar mal, ia excomungar, ia amaldiçoar, você entendeu? Só que alguém tem que começar a, a fazer alguma. Alguém tem que dar a cara à tapa, alguém tem que mostrar que nós não somos diferentes deles, porque, sabe?

IONE: Eu não vou viver escondida, como muitas pessoas que a gente conhece... que (palavra inaudível) “eu queria ter essa coragem de vocês!” [...] Mas eles vão lá no cartório... procura uma sala escondida... está? Ninguém vê o que eles estão fazendo... não estão fugindo de ninguém.

Isabelle e Beatriz relatam não sofrer preconceito por conta de a primeira usar trajes masculinos e se parecer como um homem. Com isso, as pessoas não notam que elas são um casal de mulheres. Todavia, quando as pessoas percebem que elas são lésbicas, algumas aceitam e outras demonstram o preconceito pela expressão do rosto.

ISABELLE: A vantagem de se vestir como um homem é essa, porque se tivesse cabelo comprido e vestisse saia ia ficar meio estranho ficar andando de mão dada com ela na rua e tipo [...] o preconceito seria bem maior. Eu não enfrento tanto problema [por se parecer com um homem]. Em relação à sociedade a gente não tem muito problema porque as pessoas, geralmente, não percebem que é um casal gay... então tudo bem. É o “senhor” e a “senhora” ali. [...] Quando percebem você sente de algumas pessoas que fica... um olhar [...] de outras pessoas não: “ah, legal” [...] é muito natural quando as pessoas aceitam, é perceptível isso. Mas tem umas que já falam: “ah, tá”. [...] Aquele olharzinho “assim”, não fala, mas nossa senhora! Você lê na cara...

Candido e Francisco comentam não sofrer preconceito diretamente, entretanto percebem que as pessoas “olham estranho”, com caráter de anormalidade para a sua família,

que foge do modelo da família tradicional. Nesse sentido, revelam que a sociedade ainda não aceitou que possa existir uma família de dois homens e uma criança.

CANDIDO: De preconceito, das pessoas tratarem a gente assim com estupidez, não [...] De olhar torto, tem [...] A gente não chega a andar de mãos dadas, né? [...] A gente sempre anda um do lado do outro [...] As pessoas sempre ficam olhando pra vocês estranho, né? Como se você fosse um ser anormal [...] pelo fato de ter dois homens andando com uma criança [...] uma vez a gente estava andando no shopping, uma mãe falou assim: “mas cadê a mãe dessa criança?” As pessoas não aceitaram ainda que... possa existir a família que tenha dois homens e uma criança [...] as pessoas ficam olhando. extraterrestre [...] Pelo fato de você amar um outro homem, isso vai contra todos os princípios da família tradicional. Pelo fato de dois homens adotarem uma criança, vai contra os princípios da família tradicional.

FRANCISCO: Então, tem sempre alguma coisa que você nota... algumas você aprende a desprezar, sabe? A ignorar mesmo, a fingir que não é com você [...] Você tem que entender a limitação da outra pessoa, eles que são limitados em conhecimento pra poder se expressar daquela forma [preconceito]. [...] De forma indireta, a gente percebe alguns comentários.

Francisco relata uma situação discriminatória vivenciada na empresa em que trabalha. Nela é oferecido um benefício de “reembolso creche” para o funcionário. No entanto, a empresa só disponibiliza esse benefício para as mulheres. Francisco entrou com uma ação no Tribunal do Trabalho, contestando essa alegação, e aguarda a sentença. Observemos o detalhamento desse fato:

FRANCISCO: Na verdade a [nome da empresa que trabalha] oferece um benefício de... que dá um reembolso creche pro empregado, num valor até suficiente pra eu colocar ela numa creche particular. Só que a empresa negou esse benefício pra mim [...] Por conta de eu ser homem, a empresa alega que esse benefício é exclusivo pra empregado mulher. Eu tive [...] uma audiência no Tribunal do Trabalho, contestando essa alegação da empresa, porque o direito desse benefício é da criança, o beneficiado, por esse benefício é a criança, não é o empregado. Provando que isso é discriminatório [...] e é isso que eu estou tentando provar na Justiça. Possivelmente, agora no início de dezembro [2013] saia à sentença.

4.2.5.2 *Vigia social*

Pedro e Heitor relatam sobre a repercussão da vigia social que recaí sobre eles por serem conhecidos na mídia. Uma das questões comentadas pelo casal a respeito dessa vigia refere-se ao resultado da educação e da orientação sexual de filhas de pais homossexuais.

HEITOR: De, de, a repercussão, tudo... eu acho que... a gente, eu percebo muito nisso assim... isso me incomoda um pouco.

PEDRO: É, eu também acho. Eu também acho.

HEITOR: No sentido da gente entrar num lugar, todo mundo... [...] Eu vou contar uma cena que a Adélia se diverte. Que todo mundo fica olhando, então é que te incomoda todo mundo ficar olhando pra você. [...] Entendeu? E, às vezes, você quer passar batido. Às vezes eu estou de... [...] Mal vestido, quero ir de chinelo fazer compra no mercado... entendeu? [...] Outro dia eu fui buscar a Adélia, eu estava de chinelo, eu falei assim: “eu não vou poder chamar”, a Adélia estava lá dentro do colégio, eu falei: “nossa, eu não acredito, vou ter que descer de chinelo aqui, vai ficar todo mundo reparando, tal, namnamnam”, se eu fosse outra pessoa, que eu vejo, gente entrando de chinelo, né? Ninguém repara. Mas como sou eu, fica todo mundo... todo mundo me vê, né? Vê a Adélia. Aí, outro dia eu precisei que ir com o Adélia: “Adélia, você está sem, você tem que estar sempre bem vestida”, né? É menina, é vaidosa, tal, “Adélia, você tem que estar com roupa, ó... a gente vai lá”, a gente, ai, a gente ia na casa da minha irmã... e aí eu pus uma roupinha bonitinha na Lara, “Adélia, você vai por roupa” ah não, eu e o Pedro, pus a roupa na Lara, o Pedro: “ai, você vai por essa roupa na Lara?”, eu falei assim: “vou, minha irmã repara, não sei o quê”, dito e feito, chegamos na minha irmã, primeira coisa que a minha irmã falou assim: “ai, que sapatinho novo, de roupinha não sei o quê”. Falei: “viu, Pedro, não falei que a minha irmã repara?”, entendeu? Então assim como eu sei que a minha irmã repara, mas ela fala pra mim, porque é minha irmã, ela... os outros, as pessoas também reparam, entendeu?

PEDRO: Totalmente [sentem-se vigiados].

HEITOR: A gente vê na sociedade é que, se a gente vai almoçar fora, fica todo mundo olhando... né? Então é o que a gente é visado, assim... foi, é foco dos lugares quando a gente entra. Ai, eu não contei, a Adélia quando vai fazer comprar no mercado, ela acha um barato. Tem um corredor no mercado que a gente vai... no final desse corredor vira pro um outro corredor que tem o, sempre tem a fila da carne. Aí a Adélia reparou que quando a gente chega no final desse corredor, é caminho que a gente vai fazendo assim paranram, depois entra a fila do... do sucos e chega no final... que dá na fila da carne. Sempre quando a gente chega nesse final que aparece eu e a Adélia, o Pedro raramente vai fazer compra, todo mundo da fila olha pra gente... aí um dia ela foi, todo mundo olhou, né? Ali ela voltou assim: “ai, eu cheguei ali na frente, todo mundo olha pra mim”, aí gente pegava... e... aí eu falei assim: “ah, é o pessoal aqui te conhece, né Adélia?”, aí a gente fazia, aí a gente fez umas três vezes assim, tirando sarro, assim. Que aí a gente ficava

escon, entrava, não voltava pro corredor, aí a gente pegava, ia pela frente assim, a gente olhava, todo mundo olhava... (risos) aí a gente saía do corredor, dando volta (gargalhando) aí esperava um pouquinho assim: “vamos de novo, vamos lá!”, aí a gente ia de novo, todo mundo virava... (risos). [...] Ó, nessa situação, a gente tirou um pa, um sarro, né? Porque fica todo mundo olhando.

HEITOR: Eu acho que me incomoda um pouco... [essa situação de vigilância] Porque, por exemplo, eu nunca fui pra fila da carne... porque tamo, está todo mundo olhando... e... já está me incomodando, agora analisando, respondendo pra você, eu estou analisando que o negócio me incomoda. [...] Porque eu não vou pra fila da carne, eu prefiro então pegar, dou a volta na fila e vou na prateleira onde as carnes estão embaladas, justamente pra não ficar ali na fila e ficar todo mundo, porque ficam de olho, olhando, né? Não sei se eles reparam que até que comida que eu estou comprando pras meninas, talvez... [...] me incomoda, sim, porque eu fico se... o pessoal fica te olhando assim, você já... né? Você fica sem jeito ali... né? “O que está olhando pra mim, tudo?” Eu sei que está olhando pra mim, por causa... da... da, do nosso caso: “olha o Heitor, o Pedro e tal”, tem gente que só viu na televisão e está vendo pessoalmente, entendeu? [...] Porque a mídia te coloca em foco... te coloca no foco, te... aquela coisa “artista”, né? Por que todo mundo idolatra artista só porque está na televisão? Não deveria, né? [...] E... o lance também da gente ser... ser um casal homossexual, todo mundo... fi, tá olhando ali. Às vezes, eu e... às vezes, a gente, eu me pego, às vezes... me policiando, de alguma coisa que eu vou falar para a Adélia, até a nível de educação, de correção dela, se eu estou em local público. Porque eu sei que todo mundo vai estar falando, é... “olha como que ele educa ela” ou “se ele é bravo” ou se eu dou um tapa na... em público (risos), sei lá... [...] Porque eu sei que todo mundo vai estar falando... às vezes eu falo coisa que eu nem falaria, já dava um berro logo com ela aqui em casa, mas lá na hora eu falo assim: “querida, filhinha, olha, é assim” (risos). Então eu me, eu percebo que eu... que eu, que eu... se eu estiver em público e tiver que dar uma bronca nela, eu vou procurar ser do jeito que a sociedade, ai, é o “ó” isso, né?! Eu vou procurar me comportar do jeito que a sociedade, sociedade está esperando que eu me comporte. Ai, que “uó”, hein?! Que eu vou me comportar do que jeito que a sociedade... está esperando que eu me comportaria. Chato, né? [...] Me incomoda. Agora eu estou analisando, falando com você, eu estou fazendo a análise... [...] Me incomoda, porque eu não, não sou aquele lá... né? Eu acho que eu da... e se eu estivesse em casa, eu acho que eu daria uma bronca mais, seria mais incisivo... né? É... incisivo não... né? Seria mais ríspido com ela. Não a, não a agressão física... mas eu percebo que eu vou falar o que é que a sociedade quer... que vê, e aí a sociedade boba, acredita ainda: “ai, que bonitinho! Ai, como eles educa ele” (risos). Ai que “uó”! (risos).

[...] Eu, eu acho [vigilância] que não no sentido de... não cem por cento no sentido de “como a gente está cuidando da menina”.

HEITOR: Mas no sentido de... da gente ser... é... da gente... estar em destaque, assim. Entendeu? Mas existe, mas a gente também tem esse vigia, né? De que “qual vai, qual é o resultado, qual está sendo o resultado da educação dessa menina?”

PEDRO: Eu falo pra Adélia que ela vai ser, que ela é a bebê de proveta do século XX. [...] Porque daqui uns anos a mídia vai cair em cima de novo pra ver “o que é que aconteceu? Se ela estudou? Se ela virou homossexual...”

[...] “Se ela, o que que ela se, se ela se formou” vai ter isso, tem até hoje com (palavra inaudível).

ENTREVISTADOR: Seria um problema, se futuramente... ter uma filha homossexual?

HEITOR: Pra mim... não. Pra mim, não. Eu acho que seria um problema pra sociedade. Talvez eu, talvez a soci, eu pensaria que a sociedade acharia de que eu falhei. [...] Porque eu sei que, eu sou homossexual, eu sei que não foi uma falha do meu pai e da minha mãe, entendeu? Então, eu a... mas eu sei que a sociedade vai... [...] um amigo nosso que ele é homossexual, tal, não defende bandeira, e eu comentei qualquer coisa de brin, fiz uma brincadeira dizendo que eu não estava: “ah, por mim tudo bem” como se fosse orientação de que ele quisesse ser gay, ele falou: “pelo amor de Deus, Heitor! Ela não pode virar homossexual”, falei assim: “por que não?”, “você acha? A primeira que eles vai deixar [adoção por casal homossexual] fazer isso”, falei assim: “Nossa, Du, mas qual que é o...”, “não, não... ai, Heitor, eu sinto muito, mas não pode”. [...]

Ione e Anita comentam que começaram a sofrer assédio moral depois da divulgação midiática do casamento civil. Devido a essa questão, Ione transferiu-se para outra cidade. As participantes contam em detalhes sobre o acontecimento.

IONE: Eu nunca tive assim, grandes problemas no... faz vinte e seis anos que eu estou no, no (funcionária pública)... tive uma vez só, mas que foi, foi logo no começo quando eu entrei. [...] Então, eu não... creio que eu tive problemas, sim, até eu... atribua a isso o fato de eu ter saído daqui e por união estável, como saiu no jornal... fica, ficou acho que um certo preconceito isso... por parte do (nome do cargo do funcionário) tal e... está... mas pra mim é... eu acho que até foi legal eu sai daqui. [...] E eu, quando eu sai daqui (cidade em que residem) também, hoje os advogados reclamam, né? Mesmo no fai, no *facebook* eles me falam assim: “como você está fazendo falta aqui”.

(...) Preconceitos com o (nome de um cargo) e com o (nome de outro cargo) do (nome do local público onde trabalha).

Sim [por conta da homossexualidade]

ANITA: Depois da união estável, depois que saiu no jornal...

IONE: Começou um assédio moral muito grande. [...] É... criticar o serviço... foi, sabe? Coisas que, até então, não acontecia. [...] Dali pra frente, o meu serviço começou a ser ruim... entendeu? Começou, a ser, cobrança... [...] Sabe? Mandar fazer coisas que não... “ah, você é chefe?! Então você vai ficar até meia-noite trabalhando aí”, quer dizer, entendeu? Exigir mais... pressionar... [...] Foi logo depois da união estável que... [...] Sempre prestei, de repente...

ANITA: E como eu trabalho, aqui na sala do (nome do mesmo local público) da, do (nome do mesmo local público), eu tenho passado, ela trabalha com um grupo de (nome do cargo) ela sabe o que eu passo, eu passo muito... mas eu não abaixo a minha cabeça. [...] No sentido assim... não do pessoal que trabalha, dos (nome do cargo) que eu trabalho, em sentido do pessoal que trabalha dentro do (nome do local público) que não gosta, que... fez com que ela saísse. O (nome de um cargo) faz tudo pra, sabe? Pra tentar me prejudicar... a pessoa que ficou no lugar dela é diretor do (nome de outro local público), fazem tudo pra, sabe? Tentar... porque, de alguma forma, o meu serviço é relacionado com eles, então, sabe? Quando a pessoa faz tudo pra te prejudicar, pra ver se você pede... água, mas não... não peço.

IONE: Enquanto nós, não se divulgava, eles sabiam da nossa relação... [...] Mas quando isso se tornou público, jornal... então no... a hora que se tornou público, aí eu acho que eles...

ANITA: Teve um dia que ele deixou bem claro isso. Teve um problema no (local público onde trabalha) e, e o, a imprensa estava procurando... pela, por eles pra dar uma explicação do que estava acontecendo.

IONE: Ele virou pra mim e falou assim: “é, se é pra dar reportagem, você dá, você já está acostumada sair em jornal mesmo”. [...] Aí nesse ponto (trecho inaudível). Quer dizer, então, foi ali que eu percebi...

(...) Eu levantei e fui embora. Se pra mim não está servindo aqui, eu fui pra um outro lugar, onde eu estou sendo muito bem tratada, sempre fui, eu sempre trabalhei em (nome de uma cidade 1), trabalhei dezesseis anos antes de vir pra cá, aqui eu fiquei dez anos. [...] Tenho vinte e seis anos (nome do tipo de local que trabalha). E eu voltei pra (nome de uma cidade 1) eu estou, foi muito bem... recebida. Sempre pediram pra mim voltar, porque eu acho que, profissionalmente, não é me gabando, mas eu procuro fazer o melhor de mim. [...] eu gosto do que eu faço. Eu procuro fazer bem. [...] Então, eu fui muito bem recebida lá, e estou sendo muito bem tratada. Todo mundo sabe, sempre souberam. [...] Sabe? Então lá, eu... por ser uma cidade maior, eu não tenho problema.

Anita menciona que, na cidade em que residem, as pessoas sabem que ela e Ione formam um casal. Anita diz que, no início, foi difícil à aceitação, mas hoje são tratadas “normalmente”. Em seu trabalho, não encontra problemas.

ANITA: Hum... nós somos tratadas, como se fosse um... [...] Um casal mesmo [...] como a cidade é muito pequena [cidade em que residem], todo mundo sabe de todo mundo... e quando se refere, por exemplo: “aí, você conhece fulana de tal? Você conhece a Anita?”, “ah! Que é casada com a Ione do (nome do local de trabalho)?”, você entendeu? Então assim, é... tem aquelas coisas assim, tipo, outro dia estava lá onde eu trabalho... aí uma advogada chegou e falou assim, estava contando uma história lá, falou assim: “é, porque a namorada dela é... fez isso, aquilo, aquilo outro”, dando risada, falou assim: “namorada? Meu Deus do céu que coisa mais absurda! Que não.. que coisa mais absurda, onde já se viu uma mulher namorar outra!

Que não sei o quê, não sei o quê lá...” (risos) [...] Mas aqui na ci, aqui... é, é eles tratam, sabe? Assim... uma, a gente trata normalmente, no, no começo foi difícil, é...

[...] Onde eu trabalho, eu trabalhei como temporária... ai eu, a moça voltou e eu sai. Quando ela saiu, me chamaram de volta. Ai a minha chefe, falou assim, eu sabia que ela sabia, mas nunca tinha comentado com ela, e quando saiu... o, o que a gente tinha união estável, que saiu no jornal, que corre em (nome de uma cidade 4) também, ela viu... e eu não estava trabalhando lá na época, então, quando eu fui voltar, eu conversei com uma outra menina, que trabalhava com a, que trabalha lá também, eu falei: “como que a Fernanda reagiu a minha união estável?”, “Anita, normal. Ela disse assim que: „a tua opção sexual, não importa, o que importa é o que você faz dentro da organização, da empresa, você trabalha bem””. Eu nunca faltei com respeito com ninguém, é... pelo contrário, sabe? Eu procuro até evitar, às vezes, algumas coisas porque... às vezes a pessoa pode confundir alguma coisa, você tratar alguém muito bem, sabe? Achar que te está dando em cima... [...] Alguma coisa assim... então, eu não... eu procuro, sabe? Ficar sempre na minha.

4.2.5.3 Redes de apoio social

Os casais participantes discorrem sobre a existência ou não, da necessidade e do envolvimento em outras redes de apoio social (ONGs, grupos etc).

Tarsila e Adriana mencionam que foram convidadas para uma ONG de famílias adotivas. Elas nunca participaram, pois não tiveram necessidade. O casal pontua que tem apoio dos amigos e da família, mas prefere “seguir pelas próprias pernas”, uma se apoiando na outra.

TARSILA: Ai... tem ONG, tem a ONG lá que... a Cecília [funcionária do abrigo] fala pra gente ir... que são de famílias adotivas, né? De mães, pais adotivos. Mas a gente nunca foi. Porque não dá tempo. [...] Mas, mas a gente nunca precisou, nunca buscou ajuda de ONGs, essas coisas. Mas, no nosso meio, no nosso relacionamento se a gente precisar de alguma coisa, a gente tem tudo, sim [...] Dos nossos amigos.

ADRIANA: Amigos e família.

TARSILA: É que a, a gente é bem assim, a gente vai até o limite, quando não tem mais o que fazer, daí a gente corre.

ADRIANA: É... na minha... minha ideia é que, quero é... seguir pelas minhas pernas, na hora que a perna não sustentar, aí sim é o momento de, de pedir ajuda. Se não, eu vou por mim... [...] Eu quero vencer por mim. Não ficar, é... como fala? Usando a muleta.

TARSILA: Ah, eu também. Eu acho que eu sempre, eu cresci apanhando, né? Desde que minha mãe morreu. Então eu não vejo porque ficar pedindo

ajuda pras pessoas. Eu consigo, eu vou. E... eu me apoio nela e ela se apoia em mim e a gente vai embora.

Heitor revela a carência de redes de apoio para as famílias homoparentais. Ele cita, como exemplo, a falta de “banheiros família” em estabelecimentos sociais e narra, com detalhes, uma situação de constrangimento vivenciada por ele e Adélia.

HEITOR: Não, e eu acho que falta muito [redes de apoio]. Por exemplo, é... alguns aeroportos têm, eu preciso de levar a Adélia. A Adélia quando era pequena precisava de levar ela no banheiro, aí eu não tinha, não tinha, não existia “banheiro família”, né? Que é o “banheiro família”, que é o pai pode levar a filha no banheiro, o pai pode trocar a fralda, se não tem o fraldário... né?

[...] Ó, o banheiro era um problema mesmo também eu, às vezes, a gente ia, então ia pro lugares... eu lembro que eu estava, eu... entrava no banheiro, via como é que era, o banheiro, rodoviária, alguma coisa assim... aí eu sabia em todos, entrava procurava colocar... posto, Graal, essas coisas, pra saber que eu tinha que colocar, eu já entrava logo no primeiro banheiro, então: “Adélia, não olha pra ninguém” eu falava pra ela: “não olha pra ninguém” é... então (palavra inaudível) logo pro (palavra inaudível) do banheiro, então era... uma dificuldade.

[...] Aí a... então assim, eu sinto, eu tinha muito problema com a Adélia. De ir pro clube e ela tinha que trocar de roupa... e eu não podia entrar no banheiro feminino e ela também não podia entrar no masculino. Um dia eu catei e entrei com ela no masculino: “Adélia, nós vamos entrar aqui correndo” pro um banheiro assim, porque eu tinha que dar banho, trocar de roupa. Então eu me tranquei dentro de um banheiro, mas na hora que eu estava entrando assim, eu dei uma geral no banheiro, estava justo o... o segurança, o salva-vida do banheiro, é um baita de um negão, com o “negoção” desse tamanho assim: “nossa!” (gargalhada). [...] E ele me, mas a Adélia não viu, porque eu procurei colocar a cabeça dela: “vem pra cá, vem, vira aqui!” eu fico assim, não fala pra ela assim, não tampava. Mas eu conduzi, então, mas eu olhei assim eu vi que ele estava passando, ali ele me viu, eu estava com a Adélia no banheiro. Aí eu dei o maior... ele, a moça veio pegar e falar pra mim: “olha, Heitor, você, quando você entra no banheiro, você não pode levar a Adélia, por isso, por aquela questão”, “ela é minha filha e... ela está comigo, eu preciso levar ela no banheiro, pra ela fazer as necessidades dela, não posso mandar ela no banheiro feminino, porque ela não sabe cuidar sozinha”, “ai, você pede pra mim”, eu falei assim: “então, eu não posso ficar esperando você, agora você está aí, quando eu esta, vim aqui, você não estava” [...] “Então, e outra... eu, ela entrou, ela não viu ninguém lá no banheiro, eu fiquei prestando atenção, quem entrava, quem saía do banheiro, mas esse homem, não sei da onde que ele apareceu, acho que ele entrou pelo fundo... e, eu vi que horas que eu podia entrar no banheiro, eu fiquei calculando, sabe?” E... aí eu peguei fa, ela falou assim: “ah, mas é porque fica chato, né? O moço estava, estava no banheiro e ela passou”, falei assim: “primeiro, acho que ela não viu... e fala pra ele que o que ele é... se ela viu, ela já está acostumada a ver em casa” mentira, “ela está acostumada a ver em casa”, mas eu queria dar uma, eu queria falar

assim, ela já está acostumada a ver em casa e ela vê maior ainda. [...] Mas é que eu queria dar uma nela, mas e... então essa tem necessi, essas coisas, eu sinto essa dificuldade.

Além da necessidade de “banheiros família”, Heitor identifica dificuldades em relação à documentação. Ele também diz que nunca precisaram de outras redes de apoio, como família e polícia.

HEITOR: Eu acho, tem a necessidade do... assim, é o lance é documento, essas coisas que a gente tem que fazer é, era essas dificuldades aí, entendeu? Agora, família, polícia, essas coisas não, a gente... pelo menos tudo o que a gente tem está... a gente nunca... nunca precisou.

Anita e Ione, ao serem questionadas sobre a existência de redes de apoio, afirmam que elas não existem e, também, que a sociedade não tem preocupação com esse assunto. Elas não sentem quem precisam das redes de apoio, e comentam que esse suporte social estaria mais relacionado às demandas de famílias adotivas.

ANITA: Não. [sentem carência de apoio da comunidade, escola, ONG]. Não porque assim, eu acho que, o casal que adota uma criança que preci, é... que, tem um pouco mais de preconceito, tem um pouco mais de dificuldade, porque... é, às vezes, dá com... com psicólogo... judiciário, assistente social que uma, um... uma visão diferente e... infelizmente alguns não são profissionais e acaba colocando o, o, o que eles pensam... na, sabe? É... [...] Esse profissionalismo, esse, do profissional... é... então, acho que alguns casais pra adotar, acho que tem um pouco mais de dificuldade... [...] Aqui no Brasil, enquanto existe que... um monte de criança por aí jogada em... instituição que não tem nem condição de cuidar, existe... uma fila enorme de gente pra adotar... a, pessoas que querem adotar, mas não conseguem juntar essas duas coisas. Porque a maioria quer... bebê, loiro de olho verde, aí é difícil. Você não quer adotar um... uma criança então, entendeu? [...] Mas acho que... a, aqui na cidade não tem nada, nada, nada, nada, nada, a cidade não tem apoio nem às famílias normais, as famílias heterossexu, que tem o problema... imagina se aqui vai ter uma ONG ou alguma coisa... [...] Mas eu acho que a sociedade, em, em, no, no modo geral, não estou dizendo agora, a nível daqui, municipal, mas eu acho que a sociedade não tem assim, grande programas ou grandes, sabe? Preocupação com esse tipo de coisa, com casais é... homoafetivos, eu acho que a sociedade, não, não se preocupa muito com isso, mesmo em (nomes das cidade 1 e 4) que é uma cidade maior... se você ver... aquelas ONGs que são ligadas mais a... à política que... (nome de uma cidade 4) tem uma ONG que... como é que ele chama? Tinha até o nome da ONG esses dias... em (nome de uma cidade 1) tinha aquela...

Pedro e Heitor dizem que participam de um grupo de apoio social a homossexuais e que estão envolvidos na militância da diversidade humana e inclusão social no município em que residem. A partir da adoção de Adélia, eles revelam que começaram a se importar com essas temáticas, pensando em levar tais discussões à sociedade, preparando o futuro de suas filhas.

HEITOR: Ai, é isso... os negócios de redes de apoio... a gente tem um grupo na cidade que a gente dá apoio pra homossexuais... a gente leva pra psicólogo é... advogado, tal. Pessoal, às vezes, tem problemas acaba procurando a gente. A gente faz a “semana da diversidade” dá... A gente faz a “semana da diversidade” que aborda, não só a diversidade sexual, mas também a diversidade humana, que é... tem curtas que fala sobre... é... raça... é... religião... deficientes físicos, tudo... e... e aí encerra com as, com a “parada da diversidade”, né? E... então a gente tem esse trabalho na, na, a gente está por, agora pedi, fazendo um... uns pedidos na prefeitura aqui, pra que crie uma, uma coordenadoria de inclusão... social, tal pra... incluir não só, que antes existia, o prefeito passado in, ele colocava só... era inclusão social, mas era só de deficientes físicos. Então, a gente foi fazer um pedido pra ele de que seja inclusão geral, não exclusão, que fo, coloque mulheres, que coloque negros, deficientes físicos, homossexuais, né? Porque tem o deficiente físico que é homossexual, deficiente físico que também é negro, o deficiente físico que é... que é homossexual, a mulher que é homossexual ou que é negra, ou que é deficiente físico, então, essa secretaria de inclusão teria que abordar todo mundo, né? Não excluir outras e incluir outras. Então isso está sendo... apro, parece que a prefeitura vai... agora entra na cidade vai estar criando alguma coisa nesse sentido e... até hoje eu conversei com um pessoal já, prefeitura sobre isso, parece que realmente eles estão discutindo lá... dia onze de maio nós vamos fazer aqui a “primeira caminhada contra à homofobia” na cidade... então a prefeitura está... vai meio que apoiar, hoje o cara já falou: “não, pode procurar o... o responsável dos eventos lá, que ele vê que vocês vão precisar” então a gen, é uma coisa que a gente está conseguindo crescer bastante na cidade. E tudo isso, por causa que não porque só a gente é homossexual, não, a gente começou a fazer isso por causa da Adélia, que a gente acabou indo visitar outros lugares, outras cidades que existiam... lugares que trabalhavam a questão. E a gente percebeu que era muito legal o trabalho que eles faziam, desenvolviam e aqui em (cidade em que residem) não tinha, né? Então a gente resolveu criar esse grupo, chama (nome do grupo), esse grupo na cidade pra estar... é, comentando isso daí, estar discutindo, reunindo o pessoal, né? Fazendo ações, pra discutir, pra discussão e in, integrar num contexto geral mesmo, né? Então, isso tudo começou por causa da Adélia da, da adoção que a gente acabou se envolvendo, não é nem, e não e nem por causa minha ou do Pedro é uma pra... levar a discussão pra sociedade, pra comunidade e preparar o futuro delas, pra lá na frente, né? Algumas coisas já terem sido adiantas, já está em... ali meia prontas, a sociedade ter discutido várias... assuntos, tudo, né? Então, é isso daí.

Anita e Ione disseram que tentaram montar uma ONG de apoio aos homossexuais. No entanto, por questões políticas, o projeto não prosperou.

ANITA: A gente tentou fazer em (nome de uma cidade 1) um... há uns dois anos atrás, uma ONG pra, sabe? Pra... ver, sabe? Essa situação, essas coisas assim, tipo... como nós, não temos assim, grandes problemas, tem pessoas que tem problemas... tipo assim, eu tenho um... uma pessoa que eu conheço, ela tem uma aparência completamente... masculina, muito masculina, ela pode, se você, ela entrar aqui, você, ela não abrir a boca, você fala assim que é um homem. E ela tem... tipo assim, não vai ao médico, porque ela vai chegar no médico e vão ela pelo nome dela... você entendeu? [...] Então assim, são coisas bobas, mas que tem al, um monte de coisa assim que a so, que podia alguma coisa fazer. Nós tentamos montar uma ONG... só que a pessoa que estava tentando montar uma ONG, era liderado a um partido político, então a gente não, não... eu não queria nada... eu não queria fazer política, você entendeu? E daí não deu certo, mas... eu acho que a sociedade não se preocupa. [...] Eu acho mesmo porque a sociedade quase não aceita, então se ela não aceita, por que ela vai se preocupar?

Os casais Isabelle/Beatriz e Francisco/Candido revelam desconhecer redes de apoio disponíveis às suas famílias.

ISABELLE: Não. Não sei se existe, inclusive.

FRANCISCO: Até agora nós não conhecemos nada...

CANDIDO: Se tiver, a gente desconhece.

4.2.5.4 Facilidades e dificuldades da família homoparental

Ao serem questionados sobre as facilidades e dificuldades de uma família homoparental, os casais exprimiram serem iguais a qualquer outro tipo de família, não abarcando questões específicas. Francisco/Candido, por outro lado, pontuam que não há benefícios, apenas dificuldades.

TARSILA: Facilidade, nenhuma. Eu acho que como qualquer outra família, a gente... não tem nada de “uhul!”. [...] Dificuldade? É só engraçado, algumas situações são engraçadas, não são difíceis. Então, às vezes as pessoas ouvem: “vai com a mamãe, vai com a mamãe”, ficam olhando, porque é diferente. Mas não é uma dificuldade.

ADRIANA: Eu acho que a gente não tem, não enfrentou dificuldade e facilidade... eu acho que é como qualquer outra... que a gente enxerga, ou eu enxergo, como qualquer outra família.[...] É... não existe nada assim: “ai, porque vocês são um casal gay, vamos fazer tal coisa pra vocês”, não.

HEITOR: Ah, eu não sei, eu acho que facilidades... não tem nenhuma facilidade, não tem nenhuma facilidade, nenhuma dificuldade. [...] Eu acho que a gente é como qualquer outra... qualquer outra família ali. Entendeu? Também na hora de carregar peso, dentro de casa, a gente é homem, tem mais força (risos). [...] Mas eu não... acho que não tem nada, né? Nenhuma, assim, distingue nesse sentido.

ISABELLE: Eu não vejo dificuldade [...] são as dificuldades diárias que qualquer família teria.

CANDIDO: Acho que mais dificuldade do que benefício... acho que benefício nenhum.

FRANCISCO: Facilidade, nenhuma. A dificuldade é bastante grande.

5 DISCUSSÃO

Por se tratar de pesquisa qualitativa, vale ressaltar que quaisquer dados aqui analisados não são generalizáveis à população das famílias homoparentais brasileiras; no entanto os elementos identificados possibilitam reflexões importantes para a compreensão do fenômeno estudado.

Uma questão comum entre os participantes deste estudo foi o apontamento de conflitos e dificuldades em relação à aceitação da homossexualidade por parte de seus familiares próximos. O relato sobre suas famílias de origem, geralmente, abordava a vivência das dificuldades, principalmente as iniciais, sobre o assumir a homossexualidade no âmbito familiar. Com a convivência e o tempo, esse fato se modificou, dando lugar à aceitação. Dados referentes às singularidades que abarcam os meandros da aceitação/rejeição da homossexualidade por parte das famílias também foram constatados nos estudos de Santos (2004), Toledo (2008), Almeida (2012), Rodriguez (2012) e Silva (2013). Podemos dizer, também, que na situação atual em que esta pesquisa foi desenvolvida, os familiares desses participantes mantinham uma boa relação com os casais homossexuais e seus respectivos filhos.

Neste sentido, é comum perceber que a chegada dos filhos nas vidas dos casais, elevando-os a uma condição de “família”, auxiliou no fortalecimento do vínculo afetivo com a família ampliada, inclusive configurando uma fonte de suporte. De acordo com os participantes, os avós mantêm uma boa relação com seus netos. Dados parecidos sobre os filhos de casais homossexuais e seus avós perpassam outros estudos (SANTOS, 2004; ALMEIDA, 2012; CORRÊA, 2012; HERNÁNDEZ, 2013; SILVA, 2013). Com isso, notamos que a chegada das crianças oportunizou a reaproximação dos familiares – especialmente os

avós - alterando o foco da homossexualidade dos casais para a família e a parentalidade (SILVA, 2013).

Os desejos de evitar os conflitos familiares e compartilhar a vida a dois foram os principais motivadores para que os casais optassem por morar conjuntamente. Uma particularidade aventada nos relatos dos participantes diz respeito ao curto período de tempo – média de um ano – desde que se conheceram e foram morar juntos. A brevidade da decisão de morar com seus parceiros, exposta em Toledo (2008), está circunscrita mais a um impulso do que a uma escolha responsável.

Em nosso grupo de participantes, a decisão pela maternidade/paternidade ocorreu a partir de um “casal”; nenhum dos participantes decidiu ter filhos sendo solteiro. Isto é, quando decidiram se tornar pais/mães, já conviviam em conjugalidade; com exceção de um deles, que tinha uma filha provinda de uma relação heterossexual anterior. Segundo os relatos, as motivações para a parentalidade são provenientes do convívio com crianças e do simples anseio por ser pais/mães; motivações estas que independem de sexo, gênero e orientação sexual (SANTOS, 2004; TOLEDO, 2008; VIEIRA, 2011).

Embora o desejo de ter filhos tenha sido uma expressão do casal, nos relatos, evidencia-se que sempre um dos parceiros, simbolicamente, tomou a frente na díade conjugal para a efetivação do projeto da parentalidade (ALMEIDA, 2012). Podemos também refletir que, na população em geral, parece haver um “padrão normativo”, que leva à idealização da necessidade de ter filhos para a estruturação de uma família “normal” e/ou “feliz”, e isso também transparece nas expectativas de relacionamento amoroso e familiar homossexual (UZIEL, 2007; FARIAS; MAIA, 2009; VIEIRA, 2011).

Constatamos os diferentes procedimentos dos casais para obter a parentalidade. Um dos casais utilizou-se da reprodução humana assistida (inseminação artificial); outro tinha uma filha de um relacionamento heterossexual anterior; e três adotaram legalmente seus

filhos. De acordo com Zambrano (2006), essas são as modalidades mais habituais para os homossexuais terem acesso à parentalidade, que também se apresentam em estudos que abordam a temática da homoparentalidade (TARNOVISKI, 2002; SANTOS, 2004; UZIEL, 2007; TOLEDO, 2008; RODRIGUEZ; PAIVA, 2009; VIEIRA, 2011; ALMEIDA, 2012; CORRÊA, 2012; HERNÁNDEZ, 2013; SILVA, 2013).

No que concerne à adoção das crianças, os três casais que adotaram seus filhos descreveram suas vivências diante de todo o processo. Algumas das características anunciadas pelos casais sobre a adoção homoparental dialogam com outras configurações de adoção - casais heterossexuais, monoparental, tardia etc (UZIEL, 2007; TORRES, 2009; ALMEIDA, 2012). Entre essas características estão a fase de acolhida e da adaptação da criança, as alterações na dinâmica conjugal após a chegada dos filhos, a construção do vínculo intrafamiliar, e as vivências e fantasias sobre os genitores biológicos.

Diante dos abrigos e funcionários judiciários (psicólogos, assistentes sociais, juízes etc), ao mesmo tempo em que os participantes foram tratados com naturalidade por serem homossexuais, foram apontadas situações de discriminação, preconceito e despreparo para lidar com a especificidade desses adotantes. Farias e Maia (2009) descrevem as dificuldades e diferenças observadas nas concepções e atitudes de psicólogos judiciários, quando se deparam na avaliação de candidatos homossexuais à adoção. Quando se trata de processos de adoção por homossexuais, as concepções no cenário jurídico resultam da desinformação e/ou dos estereótipos que demonstram que as decisões dos profissionais não refletem os pensamentos contemporâneos e científicos sobre o fato. A escassez de pesquisas na área e as ambiguidades na interpretação da legislação contribuem para o fomento das contradições que os psicólogos e outros profissionais do judiciário apresentam tanto em relação à concepção de homossexualidade quanto em relação à homoparentalidade (FARIAS; MAIA, 2009).

Na experiência de ambos os casais masculinos, antes da opção pela adoção - compreendida por eles como burocrática e lenta -, recorreu-se a mulheres grávidas que manifestaram a intenção de entregarem os filhos. Por conta de tentativas frustradas, consideraram a ideia da adoção judicial; situação que se assemelha ao estudo realizado por Almeida (2012).

Neste cenário, observamos as diversas estratégias dos participantes desta pesquisa para conseguir adotar seus filhos: primeiramente entrar com o pedido de adoção sozinho e, no decorrer do processo, o companheiro solicitar a paternidade; adotar a própria sobrinha e o parceiro requerer a adoção; e a adoção conjunta em nome do casal. Tais condutas também foram observadas por Uziel (2007) e Oliveira (2011).

O prazo entre o início do processo de adoção até a guarda definitiva variou entre os três casais, de acordo com as peculiaridades de cada caso. Um deles tinha a guarda provisória da criança, sendo que o processo de guarda definitiva estava em andamento. Nos três casos de adoção, as crianças foram ou ainda serão registradas nos nomes de ambos(as) os(as) pais/mães.

Em um casal de mulheres, constatamos que os avanços tecnológicos na área da reprodução humana (inseminação artificial) foram um caminho para viabilizar o projeto parental, tal como apontam as autoras Moschetta (2011), Corrêa (2012) e Silva (2013).

Os cinco casais assinalaram que em decorrência da chegada dos filhos em suas vidas, houve uma grande transformação em suas rotinas e nos planos futuros. Os momentos de lazer a dois e a ausência de preocupação com os horários das tarefas do dia-a-dia foram substituídos por responsabilidades e regras na rotina, priorizando o cuidado e a criação dos filhos; sendo que estes se tornaram o “centro” da atenção dos casais (TARNOVSKI, 2002). Houve casos em que a vida conjugal dos participantes ficou em segundo plano, por conta das demandas dos cuidados com as crianças. As mudanças da conjugalidade para a vida familiar - advindas

da filiação - são comuns no ciclo vital, sejam quais forem as configurações de casais, independentemente de serem homossexuais ou heterossexuais (RELVAS, 2000). Os enunciados dos casais demonstram que os momentos mais importantes - enquanto família - são quando estão reunidos e em interação com seus filhos; dados que demonstram a relevância do amor e companheirismo em suas relações. As referências acerca do amor intenso e companheirismo intrafamiliar também foram notados no estudo de Toledo (2008).

Segundo Farias e Maia (2009), é comum a reprodução de credices que tornam estereótipos as funções das pessoas homossexuais quando constituem um casal ou quando exercem a paternidade/maternidade, como se a cada um deles tivesse um papel funcional definido e imutável em relação ao gênero. Assim como para Santos (2004), as tarefas e responsabilidades diárias são divididas de acordo com a disponibilidade dos membros do casal, priorizando os cuidados com os filhos.

Na esfera da família homoparental, os desempenhos das funções maternas/paternas não estão atrelados ao feminino/masculino, mas à organização, dinâmica e singularidade da relação e de cada membro do casal. Isto é, os papéis de pai/mãe não necessariamente coadunam com o sexo biológico, mas sim com suas as funções psíquicas e sociais (SANTOS, 2004; UZIEL, 2007; VIEIRA, 2011; ALMEIDA, 2012). Nesse sentido, dentro do casal “a pessoa que se imbui da tarefa de exercer a paternidade de uma criança possa, por exemplo, fazer a função de pôr limites aos desejos do filho, como forma de imaginarizar a função simbólica da lei” (VIEIRA, 2011, p. 193).

Em sua maioria, os filhos dos casais homoparentais os chamam dentre as variações de pai/mãe (papai, “paiê”, “mã”, pai Fran, pai Candido etc), por apelido ou pelo nome próprio. Além da expressão do afeto, podemos notar as distinções das nomeações que conferem a singularidade para cada membro do casal, e que engendram a compreensão da variância de

papéis e funções simbólicas, consideradas a partir da subjetividade de cada filho (UZIEL, 2007; VIEIRA, 2011).

A partir do contexto social, os casais disseram que não foram alvos de preconceito e discriminação, nem por serem homossexuais, nem por serem uma família homoparental e, na maioria dos lugares que frequentam, são tratados com respeito. Todavia, ao mesmo tempo, mencionam a existência de preconceito indireto ao perceberem o incômodo de algumas pessoas. Desse modo, o preconceito e a discriminação em suas diversas manifestações - mesmo que de forma velada, ainda fazem parte do cotidiano dos participantes (MOSCHETA, 2004; SANTOS, 2004; UZIEL, 2007; TOLEDO, 2008; ALMEIDA, 2012; CORRÊA, 2012).

Um casal de mulheres relatou que começou a sofrer assédio moral (trabalho e social) após a divulgação midiática do seu casamento civil. Segundo elas, sofreram intenso preconceito em comentários - de pessoas religiosas - veiculados pelas internet. Devido a essa questão, uma delas transferiu seu emprego para outra cidade. Em outro casal de mulheres, a discriminação social se expressou por não serem reconhecidas como família, assim obstruindo o direito de serem sócias, em conjunto, de um clube. Com uma ação judicial, elas obtiveram o reconhecimento desse direito de vinculação ao clube. Em um casal de homens, foi narrada uma situação discriminatória vivenciada na empresa em que um deles trabalha. Nela é oferecido um benefício de “reembolso creche” para o funcionário. No entanto, a empresa só disponibiliza esse benefício para as mulheres. O participante entrou com uma ação no Tribunal do Trabalho, contestando essa alegação, e aguarda a sentença.

A partir desses relatos, observamos que a relação dos casais homossexuais e de suas famílias é gerada em interface com as instâncias sociais que muitas vezes, por preconceito e discriminação, interferem, limitando e isolando as vivências desses sujeitos. Se as famílias homoparentais auferiram visibilidade e direitos sociais nos últimos anos, também estão sendo alvo de ataques e tem sua legitimidade e cidadania contestadas por instituições centrais para a

vida cotidiana (MOSCHETA, 2004; SANTOS, 2004; UZIEL, 2007; TOLEDO, 2008; NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2013).

Entretanto, dois casais que recorram à adoção comentam sobre os momentos em que a repercussão social foi favorável acerca de suas famílias.

Três casais comentam que desconhecem redes de apoio sociais disponíveis às suas famílias. Outro casal menciona que foram convidadas para uma ONG de famílias adotivas, porém nunca participaram dela porque não sentiram necessidade. Somente um casal de homens revelou participar de um grupo de apoio social a homossexuais e estar envolvidos na militância da diversidade humana e pela inclusão social no município em que residem. Como vimos, há rede de apoio para famílias adotivas, mas são escassas as redes de apoio disponíveis às famílias homoparentais (RODRIGUEZ; PAIVA, 2009).

Os casais exprimiram serem iguais a qualquer outro tipo de família, não abarcando questões específicas à homoparentalidade. Houve exceção de um deles, que pontua não haver benefícios, apenas dificuldades, que concernem à aceitação familiar e às vivências no processo de adoção.

De modo geral, a partir dos discursos dos casais, podemos compreender que, embora existam muitas características das famílias homoparentais que são muito próximas às das famílias ditas tradicionais, existem questões específicas que perpassam às suas vivências – aceitação familiar, preconceito, discriminação. Essa constatação coincide com os resultados de outros estudos contemporâneos (MOSCHETA, 2004; SANTOS, 2004; UZIEL, 2007; TOLEDO, 2008; RODRIGUEZ; PAIVA, 2009; ALMEIDA, 2012; CORRÊA, 2012; HERNÁNDEZ, 2013; SILVA, 2013).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da trajetória histórica, política e cultural da constituição da “homossexualidade” e da “família” no decorrer dos tempos, vemos atualmente a interlocução das vivências entre essas díades. Décadas atrás, por exemplo, dificilmente faria parte do imaginário de um homossexual a possibilidade do direito ao casamento civil e à parentalidade. Diante do construir dessa realidade nos dias de hoje, houve o interesse em investigar, a partir de relatos, a vivência enquanto família de casais homossexuais com filhos.

Como vimos no decorrer deste estudo, as motivações dos casais homossexuais para a parentalidade emergiram com a convivência com crianças e o simples desejo de serem pais e mães. Com isso, os participantes descreveram detalhadamente suas vivências desde o acesso à parentalidade, até as rotinas familiares de cuidado e criação de seus filhos. Observamos que as relações dos casais com suas famílias de origem se configuraram por conflitos e dificuldades acerca de ser homossexual, que foram se transformando em aceitação e respeito, devido ao contato com a realidade do casal e de seus respectivos filhos. Desse modo, grande parte das famílias homoparentais deste estudo mantém uma boa relação com seus familiares.

A família homoparental apresenta características e funções que são comuns a qualquer espécie de configuração familiar (cuidado, responsabilidades e dificuldades na criação dos filhos; planejamento financeiro e da rotina diária; momentos de lazer etc). Em contrapartida, essa modalidade de família convive com dificuldades e discriminação, nos mais variados contextos, que são produtos do preconceito acerca da homossexualidade dos casais. Apesar dos possíveis preconceitos existentes, a dinâmica familiar de um casal com filhos reproduz as mesmas alegrias e dificuldades de qualquer casal e, portanto, questionamos se poderíamos continuar a nomear (ou estudar) essas famílias como se fossem “diferentes” de famílias tradicionais ou seriam apenas “famílias” na concepção plural que as constituem?

Os cinco casais entrevistados demonstraram interesse em participar desta pesquisa e em conhecer o resultado final dela, pois eles relatam que não têm contato com experiências similares às suas e seria prazeroso compartilhar essas vivências.¹

A realização desta pesquisa foi uma tentativa de aproximação ao universo das famílias homoparentais e, como um estudo limitado, só se pôde tocar em algumas questões. Apesar da riqueza dos relatos obtidos que suscitaram vários apontamentos e reflexões, muitas outras questões podem e ainda devem ser exploradas. Nesse sentido, outros estudos poderiam abranger essa discussão, a partir do levantamento de novas questões, tais como: as vivências dos filhos de casais homossexuais; as crenças e religiosidades; a relação com a escola e os profissionais da saúde etc. Novas pesquisas são necessárias para contemplar a vasta amplitude de questões e vivências de famílias homoparentais brasileiras.

Se debruçar na realização desse estudo pôde proporcionar o contato com o humano: a busca de sentido para viver, a realização de sonhos, as alegrias e sofrimentos, os afetos, as fantasias. Particularidades de pessoas que nos mostraram que homossexualidade, conjugalidade e parentalidade caminham, muito bem, entrelaçadas.

Espera-se que esta pesquisa, assim como outros estudos relacionados ao tema, possam contribuir na composição de subsídios para ideias e estratégias que auxiliem as famílias homoparentais a serem mais reconhecidas e respeitadas na sociedade em que se inserem. A divulgação de estudos nesta área pode colaborar para novas reflexões que transformem posturas preconceituosas e excludentes frente ao desenvolvimento e à pluralidade dos arranjos familiares emergentes nos dias de hoje.

¹ Por este motivo, respeitando os preceitos éticos e nosso compromisso como pesquisadores, pretendemos enviar uma cópia desta pesquisa, para cada diáde participante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M. R. **Os processos subjetivos no acolhimento e na adoção de crianças por casal homoafetivo: um estudo de caso.** 2012. 223p. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- ARAÚJO, L. F.; OLIVEIRA, J. S. C.; SOUSA, V. C.; CASTANHA, A. R. Adoção de crianças por casais homoafetivos: um estudo comparativo entre universitários de Direito e de Psicologia. **Psicologia & Sociedade.** Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 95-102, ago. 2007.
- ARIÉS, P. **História social da criança e da família.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.
- BIRMAN, J. Erotismo, desamparo e feminilidade - uma leitura psicanalítica sobre a sexualidade. In: LOYOLA, Maria Andréa (org.). **A sexualidade nas ciências humanas.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998. p. 93-132.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Portugal: Porto, 1994.
- BRASIL, Ministério da Saúde. Resolução 196/96 do conselho Nacional de Saúde/MS Sobre Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União**, 10 de outubro de 1996.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade: volume 2 (A era da informação: economia, sociedade e cultura).** São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução 001/1999.** Brasília, 1999. Disponível em: <http://www.pol.org.br/legislacao/pdf/resolucao1999_1.pdf>
- CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Resolução N° 175, de 14 de maio de 2013.** Brasília, 2013. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/images/imprensa/resolu%C3%A7%C3%A3o_n_175.pdf>
- CORRÊA, M. E. C. **Duas mães? Mulheres lésbicas e maternidade.** 2012. 218p. Tese (Doutorado em Saúde Materno Infantil). Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

DESLANDES, S. F. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanal intelectual. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 29. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p. 31-60.

DOVER, K. J. **A homossexualidade na Grécia antiga**. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

FARIAS, M. O. Mitos atribuídos às pessoas homossexuais e o preconceito em relação à conjugalidade homossexual e a homoparentalidade. **Revista de Psicologia da UNESP** 9(1), 2010, p. 104-115.

FARIAS, M. O.; MAIA, A. C. B. **Adoção por homossexuais: a família homoparental sob o olhar da psicologia jurídica**. Curitiba: Juruá, 2009.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo**. Série Pesquisa, 6. 2. Ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

GRAÑA, R. **Homossexualidade: formulações psicanalíticas atuais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GRATTON, E. **L'homoparentalité au masculin: le désir d'enfant contre l'ordre social**. Paris: Puf, 2008.

HAAG, C. **Um é pouco. Dois é bom. Estudos desmistificam preconceitos sobre famílias de pais homossexuais**. Revista FAPESP, fev. 2007.

HERNÁNDEZ, J. G. **Filhas de famílias homoparentais: processos, confrontos e pluralidades**. 2013. 188p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

KATZ, J. N. **A invenção da heterossexualidade**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

LEVI-STRAUSS, C. **As estruturas elementares de parentesco**. 3. Ed. Tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária – E.P.U., 1986.

MANZI-OLIVEIRA, A. B. **Adoção por casais homoafetivos: relato de seus protagonistas**. 2009. Monografia de conclusão do Programa Optativo de Bacharelado em Psicologia. FFCLPRP. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2009.

- MENDES, S. M. F. Homossexualidade: A concepção de Michel Foucault em contraponto ao conhecimento neurofisiológico do século XXI. **Encontro Revista de Psicologia**, São Paulo, v. 11, n. 16, p. 249-261, out. 2007.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- MOSCHETA, M. S. **Construindo a diferença: a intimidade conjugal em casais de homens homossexuais**. 2004. 145p. Dissertação (Mestrado em Psicologia). FFCLPRP. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2004.
- MOSCHETA, M. S; SANTOS, M. A. Metáforas da vida a dois: sentidos do relacionamento conjugal produzidos por um casal homoafetivo. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, 17(2), p. 217-231, 2006.
- MOSCHETA, M. S; SANTOS, M. A. Relação conjugal homoafetiva: revolução ou acomodação? In: CUNHA, M. V.; PASIAN, S. R.; ROMANELLI, G. (Org.). **Pesquisas em psicologia: múltiplas abordagens**. São Paulo: Vetor, 2009. p. 129-152.
- MOSCHETTA, S. O. R. **Homoparentalidade: direito à adoção e reprodução humana assistida por casais homoafetivos**. 2. Ed. Curitiba: Juruá, 2011.
- NATIVIDADE, M.; OLIVEIRA, L. **As novas guerras sexuais: diferença, poder religioso e identidades LGBT no Brasil**. RJ: Garamond, 2013.
- OLIVEIRA, D. B. B. **Famílias contemporâneas: as voltas que o mundo dá e o reconhecimento jurídico da homoparentalidade**. Curitiba: Juruá, 2011.
- PASSOS, M. C. Homoparentalidade: uma entre outras formas de ser família. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, 2005.
- POZZETTI, V. C.; SILVA, U. A. A resolução n. 175 do CNJ e os requisitos para a celebração do casamento. **Scientia Iuris**, Londrina, v.17, n.2, p.107-130, dez. 2013.
- RELVAS, A. P. **O ciclo vital da família: perspectiva sistêmica**. Lisboa: Afrontamento, 2000.
- RODRIGUEZ, B. C. **A representação parental de casais homossexuais masculinos**. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- RODRIGUEZ, B. C.; PAIVA, M. L. S. C. **Um estudo sobre o exercício da parentalidade em contexto homoparental**. Vínculo. São Paulo, v. 1, p. 13-25, 2009.
- ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SALGADO, A. C. C.; VAL, A. C. P. do; PINTO, J. V. C. **Ter ou não ter filhos, eis a questão:** relacionamento estável de casais homossexuais. 2007. Relatório de Pesquisa (Graduação em Psicologia) – Universidade Paulista, Araraquara, 2007.

SANTOS, C. **A parentalidade em famílias homossexuais com filhos:** um estudo fenomenológico de vivências de gays e lésbicas. 2004. 445p. Tese (Doutorado em Psicologia). FFCLPRP. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2004.

SANTOS, M. A.; BROCHADO, J. U.; MOSCHETA, M. S. Grupos de pais de jovens homossexuais. **SMAD: Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas** [online], v.3, n. 2, p. 1-16, 2007.

SILVA, A. S. Por um lugar ao sol: construindo a memória política da homossexualidade (ou: Homossexualidade: uma história dos vencidos?!). **Bagoas**. Rio Grande do Norte, n. 08, p. 77-112, 2012.

SILVA, D. A. **Enfim mães!** Da experiência da reprodução assistida à experiência da maternidade lésbica. 2013. 128p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. **Resolução sobre casamento civil entre pessoas do mesmo sexo é aprovada pelo Conselho Nacional de Justiça**. Brasília, 2013. Disponível em: <http://www2.stf.jus.br/portalStfInternacional/cms/destaquesNewsletter.php?sigla=newsletterPortalInternacionalDestaques&idConteudo=238515>.

TARNOVSKI, F. L. **Pais assumidos:** adoção e paternidade homossexual no Brasil contemporâneo. 2002. 114p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

TEIXEIRA FILHO, F. S.; TOLEDO, L. G.; GODINHO, P. H. A homofobia na representação de mãe heterossexuais sobre a homoparentalidade. In: GROSSI, M. et al (Org.). **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

TOLEDO, L. C. C. **A família no discurso de membros de famílias homoparentais**. 2008. 241p. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

TORRES, A. F. **Adoção nas relações homoparentais**. São Paulo: Atlas, 2009.

UZIEL, A. P. **Homossexualidade e adoção**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

UZIEL, A. P. **Reflexões sobre a parceria civil registrada no Brasil**. Sexualidade, Gênero e Sociedade, IMS/UERJ, n. 11, julho, p. 1, 8-11, 1999.

UZIEL, A. P.; GROSSI, M.; MELLO, L. (orgs.) **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

VIDAL, M. **Homossexualidade**: ciência e consciência. São Paulo: Edições Loyola, 1985.

VIEIRA, R. S. **Homoparentalidade**: estudo psicanalítico sobre papéis e funções parentais em casais homossexuais com filhos. 2011. 206p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

ZAMBRANO, E. **O direito à homoparentalidade**: cartilha sobre as famílias constituídas por pais homossexuais. Porto Alegre: Vênus, 2006.

APÊNDICE 1**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE**

Caro participante,

Esta pesquisa visa compreender melhor a vivência, enquanto família, de casais homossexuais com filhos. No Brasil, não existem muitos estudos a respeito dessas famílias, conhecidas como homoparentais. Portanto, com a sua participação, temos o objetivo de construir conhecimento científico sobre o assunto.

A sua participação é gratuita e voluntária, ou seja, depende exclusivamente de sua vontade em aceitar ou não o convite. Você, como participante, tem resguardado o direito e a liberdade de interromper a sua participação a qualquer momento da pesquisa, o que não lhe acarretará prejuízos.

Sinta-se livre para acolher ou rejeitar a proposta que o pesquisador lhe apresenta. Algumas das perguntas que serão feitas se referem a assuntos íntimos, fique à vontade para não responder a qualquer uma delas.

Informamos que a realização das entrevistas e questionários terá duração média de duas horas e serão gravadas em áudio. O seu nome e a sua identidade não serão mencionados nessa pesquisa. Em outras palavras, como princípio ético de um trabalho científico, toda utilização dos resultados obtidos - na redação de relatórios ou em comunicações científicas - deverá ser realizada garantindo o total anonimato do participante, bem como de qualquer informação que torne possível sua identificação.

A nós, enquanto pesquisadores, não interessará julgar sobre o que os entrevistados pensam e fazem ou deixam de fazer. Não se preocupe em responder de acordo com o que é esperado socialmente ou o que você acha que seria bom e deveria pensar. Responda o que acredita. Sua sinceridade nas respostas será muito importante. Nosso objetivo é conhecer a sua realidade.

Muito obrigado!

De acordo com o exposto acima, declaro que recebi orientações e esclarecimentos do pesquisador responsável, Mário Augusto Tombolato, e concordo em participar, de forma voluntária, deste estudo.

Local: _____ Data: ___ / ___ / _____

Nome legível e por extenso: _____

Assinatura: _____

Obs.: Para esclarecimentos adicionais, mesmo após o término da entrevista, por favor, procure a mim ou a orientadora desta pesquisa (Professora Doutora Ana Cláudia Bortolozzi Maia) na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP, câmpus Bauru, no Departamento de Psicologia, PABX: (14) 3103-6000. Endereço: Avenida Engenheiro Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01 CEP 17033-360, Bauru – SP.

APÊNDICE 2

“QUESTIONÁRIO DE PERFIL SOCIOECONÔMICO DAS FAMÍLIAS HOMOPARENTAIS”

Caros participantes,

Gostaríamos que respondessem a esse questionário que visa – de forma objetiva – conhecer um pouco sobre cada um de vocês e sobre a sua família. Respondam às questões do modo que mais represente a realidade em que vivem, lembrem-se de que não existem respostas certas ou erradas, melhores ou piores.

Como não se trata de teste/prova, se precisarem ou de algum esclarecimento enquanto respondem esse questionário, solicitem ao pesquisador.

CÔNJUGE 1	CÔNJUGE 2
Idade? _____	Idade? _____
Já foi casado(a) anteriormente? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Se <u>sim</u> , com <input type="checkbox"/> homem ou <input type="checkbox"/> mulher? Durante quanto tempo? _____ Teve filhos? Quantos? <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim Quantidade: <input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 ou mais	Já foi casado(a) anteriormente? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Se <u>sim</u> , com <input type="checkbox"/> homem ou <input type="checkbox"/> mulher? Durante quanto tempo? _____ Teve filhos? Quantos? <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim Quantidade: <input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 ou mais

<p>Escolaridade:</p> <p><input type="checkbox"/> Sem escolaridade</p> <p><input type="checkbox"/> 1º grau incompleto (ensino fundamental)</p> <p><input type="checkbox"/> 1º grau completo (ensino fundamental)</p> <p><input type="checkbox"/> 2º grau incompleto (ensino médio)</p> <p><input type="checkbox"/> 2º grau completo (ensino médio)</p> <p><input type="checkbox"/> Curso técnico incompleto</p> <p><input type="checkbox"/> Curso técnico completo</p> <p><input type="checkbox"/> Superior incompleto</p> <p><input type="checkbox"/> Superior completo</p> <p><input type="checkbox"/> Pós-graduação incompleta</p> <p><input type="checkbox"/> Pós-graduação completa</p>	<p>Escolaridade:</p> <p><input type="checkbox"/> Sem escolaridade</p> <p><input type="checkbox"/> 1º grau incompleto (ensino fundamental)</p> <p><input type="checkbox"/> 1º grau completo (ensino fundamental)</p> <p><input type="checkbox"/> 2º grau incompleto (ensino médio)</p> <p><input type="checkbox"/> 2º grau completo (ensino médio)</p> <p><input type="checkbox"/> Curso técnico incompleto</p> <p><input type="checkbox"/> Curso técnico completo</p> <p><input type="checkbox"/> Superior incompleto</p> <p><input type="checkbox"/> Superior completo</p> <p><input type="checkbox"/> Pós-graduação incompleta</p> <p><input type="checkbox"/> Pós-graduação completa</p>
<p>Ocupação atual: _____</p> <p>Há quanto tempo trabalha neste emprego? _____</p> <p>Horas de trabalho por dia: _____</p> <p>Quantos dias na semana:</p> <p><input type="checkbox"/> 2ª à 6ª</p> <p><input type="checkbox"/> 2ª a sábado</p> <p><input type="checkbox"/> 2ª a domingo</p> <p><input type="checkbox"/> trabalho por escala</p>	<p>Ocupação atual: _____</p> <p>Há quanto tempo trabalha neste emprego? _____</p> <p>Horas de trabalho por dia: _____</p> <p>Quantos dias na semana:</p> <p><input type="checkbox"/> 2ª à 6ª</p> <p><input type="checkbox"/> 2ª a sábado</p> <p><input type="checkbox"/> 2ª a domingo</p> <p><input type="checkbox"/> trabalho por escala</p>
<p>Renda mensal: R\$ _____</p> <p>Outros que contribuem?</p> <p><input type="checkbox"/> Não</p> <p><input type="checkbox"/> Sim</p> <p>Quem? _____</p> <p>Valor: R\$ _____</p>	<p>Renda mensal: R\$ _____</p> <p>Outros que contribuem?</p> <p><input type="checkbox"/> Não</p> <p><input type="checkbox"/> Sim</p> <p>Quem? _____</p> <p>Valor: R\$ _____</p>
<p>Renda total da família: R\$ _____</p>	

Há quanto tempo vocês vivem enquanto casal?

Antes de morarem juntos(as): _____

Após morarem juntos(as): _____

Moradia atual

Tipo de moradia:

Casa Apartamento Barraco Sem teto

Situação da moradia:

Própria Alugada Invasão Cedida Outros

Quem mora na casa? Há quanto tempo (anos, meses)?

APÊNDICE 3

“CONHECENDO AS FAMÍLIAS HOMOPARENTAIS”

1. Eu gostaria que vocês comentassem um pouco sobre a história do relacionamento amoroso de vocês. [Namoro, vínculo, decisão de morarem juntos(as) etc.]
2. Falem um pouco sobre a família de origem de cada um(a) de vocês. [Relacionamento com pais, irmãos etc.]
3. Como surgiu o interesse e como foi a escolha de serem pais/mães? [Quem decidiu? Por quê? O que motivou essa escolha? Ambos(as) quiseram?]
4. Como ocorreu o processo da paternidade/maternidade? [Como fizeram? Foi concepção? Foi adoção? De relacionamentos anteriores?]
5. Como se deu a entrada da criança na vida conjugal de vocês? Há quanto tempo estão com a criança?
6. Como era a vida de vocês, enquanto casal, antes da chegada do(s) seu(s) filho(s)? Quais mudanças ocorrem após a chegada dele(s)?
7. Descrevam como vocês e seu(s) filho(s) convivem enquanto família [rotina, papéis etc.]
8. Como é a relação de sua família atual com as famílias de origem? [Pais, avós, irmãos, parentes etc.]
9. A família de cada um de vocês ajudou/ajuda a cuidar do(s) seu(s) filho(s)?
10. Como é a relação de sua família com a sociedade/comunidade? [Amigos, vizinhos, trabalho, escola etc.]
11. A família de vocês frequenta atividades sociais? [cinema, teatro, clubes, festas, encontros sociais etc.]
12. Vocês têm religião? [Qual a religião predominante na família? Quem pratica?]
13. Quais são os momentos mais importantes para vocês enquanto família?

14. Como o(s) filho(s) de vocês encara(m) a situação de ter dois pais/duas mães vivendo como casal? [Como seu(s) filho(s) os chamam? Quem decidiu que seria assim?]
15. Vocês, enquanto família, vivenciam e/ou vivenciaram situações de preconceito e/ou discriminação? [Quais situações? Por quem? Qual a reação de vocês frente a essas manifestações?]
16. Reconhecem, na sociedade, redes de apoio disponíveis à família de vocês? Quais as suas relações com elas? [comunidade, trabalho, escola, ONGs etc.]
17. Quais as facilidades e dificuldades que encontram em ser uma “família homoparental”?
18. O que gostariam de dizer às pessoas sobre a família de vocês?
19. Há outros comentários que gostariam de fazer?